

viva voz
viva voz
viva voz
viva voz

DEVE SER DEVOLVIDO NA ÚLTIMA
DATA CARIMBADA

09	
2011	

viva voz
viva voz
viva voz

N.Cham. 498.3 C579 2007
Título: Cisão de caso, telicidade e posse em línguas
indígenas brasileiras.



296130708
430016

ETRAS
98.3
579
007

VIVA VOZ
VIVA VOZ

vernu.] A
veru.] Adj.
de veri-
Do lat. veru
lat. veronen
a Verona (It
e Verona.
, veroneses
f. 1. Relíqu
Roma, e d
que, seg
ta, de nome
o carregava
a sua figur
..., deixan
e verôn
(Euclides d
o rosto ens
P. ext. Ros
s do enterr
naz. Cipó d
mosa), das
flores em
ma sâmar
oficial. S
il. Adj. 2 g.
ilhaça. S.
ilhante. A
ilidade. S.
ilimo. Ad
litude. S.
nil. [Var.
; que par

ver
ven
ver

Organizador
Fábio Bonfim Duarte

498.3

C579

2007

**Cisão de caso,
telicidade e posse
em línguas indígenas
brasileiras**

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2007

430016

Faculdade de Letras

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

06/11/07

2961307-08

BELO HORIZONTE

Diretor da Faculdade de Letras

Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor

Wander Emediato de Souza

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Revisão e normalização

Carolina Zuppo

Formatação

Michel Gannam

Revisão de provas

Os autores

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3499-6007

e-mail: vivavozufmg@yahoo.com.br

Sumário

Apresentação . 5

Fábio Bonfim Duarte

**Marcação de caso nos
argumentos nucleares da língua Ka'apor . 8**

Mário Alexandre Garcia Lopes

**Verbos transitivos,
inergativos e inacusativos em maxakalí . 34**

Carlo Sandro de Oliveira Campos

**Sistemas de Caso
e concordância em Tenetehára . 50**

Fábio Bonfim Duarte

**Estudo sobre os nomes
em Mbyá Guarani: a posse . 65**

Maria Luisa de Andrade Freitas

**Duplicação como
pluralidade de eventos télicos em juruna . 76**

Suzi Oliveira de Lima

**Ergatividade:
uma síntese tipológico-funcional . 94**

Marco Antônio Bomfoco

Apresentação

Fábio Bonfim Duarte

É com satisfação que disponibilizamos este volume dos Cadernos *Viva Voz*, intitulado "Cisão de Caso, Telicidade e Posse em Línguas Indígenas Brasileiras", em que reunimos artigos dedicados exclusivamente ao estudo gramatical de cinco línguas indígenas brasileiras, a saber: o Tenetehára, o Ka'apor, o Mbyá Guarani, o Juruna e o Maxakalí. Os textos referentes aos estudos sobre as línguas Tenetehára, Mbyá-Guarani, Maxakalí e Ka'apor constituem resultados da pesquisa estimulada a partir das disciplinas *Morfossintaxe de Línguas Indígenas* e *Modelos de Análise Lingüística*, que foram ministradas por mim, entre os anos de 2004 a 2006, no Bacharelado em Lingüística e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos (PosLin) da FALE/UFMG.

O primeiro artigo, elaborado pelo doutorando Mário Garcia, trata da predicação na língua Ka'apor. A hipótese do autor é que essa língua exibe um sistema cindido de codificação dos argumentos nucleares, o qual é engatilhado pela ocorrência da partícula enclítica [.ke] a DPs na função sintática de (O) e (So), prevalecendo assim o sistema nominativo-absolutivo. Adicionalmente, o autor mostra que, diferentemente de outras línguas da família lingüística Tupi-Guarani, é possível operarmos uma distinção entre a classe de verbos inergativos e inacusativos, tomando por base o papel temático que o sujeito (Sa) e o sujeito (So) desses verbos assumem e a ocorrência da partícula [.ke] em sujeito de predicados inacusativos.

O segundo artigo, desenvolvido pelo doutorando Carlo Sandro, investiga a predicação verbal na língua Maxakalí. O autor mostra um tipo de cisão de codificação dos argumentos um pouco distinta da do Ka'apor. A hipótese é que o Maxakalí exibe um sistema ergativo cindido (*split-ergativity*). Neste sistema, apenas o sujeito agente (A) de verbos transitivos e o

sujeito (Sa) de verbos inergativos vêm marcados com a partícula ergativa [te].

O terceiro artigo, produzido por mim, lança a hipótese de que a cisão na codificação dos argumentos nucleares (A), (S) e (O) em Tenetehára é condicionada pela natureza semântica dos predicados descritivos e pelos traços semânticos [(+PESSOA) +EGO, +TU] que os DPs_{sujeito} e objeto carregam. Outro objetivo é mostrar que a codificação do Caso nominativo e do Caso absoluto dá-se por meio de afixo no verbo e não por meio de afixos nos DPs argumentos nucleares. Aponto ainda que a distinção entre inacusativos e inergativos não é alcançada inteiramente pelos prefixos absolutivos.

O quarto artigo desenvolvido pela acadêmica Maria Luisa Freitas, do Bacharelado em lingüística na UFMG, discute o fenômeno da posse na língua Mbyá-Guarani. A autora fornece evidências empíricas a favor da hipótese de que a distinção entre posse alienável e inalienável pode ser culturalmente determinada. Adicionalmente, postula-se que o fato de a posse ser gramaticalmente marcada por meio dos prefixos relacionais de Caso genitivo contribui para alocar os nomes em, pelo menos, três subclasses: (i) a classe dos alienáveis; (ii) a classe dos inalienáveis de tema em vogal e (iii) a classe dos inalienáveis de tema em consoante.

O quinto artigo desenvolvido pela acadêmica Suzy de Oliveira de Lima, do Bacharelado em Lingüística na USP, discute eventos tomando como ponto de partida a língua Juruna. A autora procura identificar um grupo de verbos que duplica em contextos de pluralidade de eventos e outro grupo de verbos que não duplica no mesmo contexto.

O último artigo, de Marco Antônio Bomfoco, professor da Faculdade de Tecnologia Senac Passo Fundo, apresenta uma síntese sobre os sistemas de Caso detectados pela literatura tipológica. Focalizam-se os sistemas ergativos em línguas indígenas brasileiras, como o Kaingang e o Xokleng, entre outras.

Por fim, gostaria de deixar registrado aqui o meu profundo agradecimento à professora Sônia Queiroz, pelo convite e pelo importante incentivo para que preparássemos esta coletânea. Entendemos que o presente volume constituirá boa oportunidade para divulgarmos as pesquisas que vêm sendo realizadas sobre a sintaxe das línguas indígenas brasileiras, no âmbito dos programas de Bacharelado e de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG/POSUN.

Marcação de caso nos argumentos nucleares da língua Ka'apor

Mário Alexandre Garcia Lopes*

"Creio, mesmo, que a função real de tudo que os índios fazem é criar beleza." Darcy Ribeiro.

Abstract: This paper aims at investigating the Case system in the Ka'apor language. This system is triggered either by the semantic nature of stative predicates or by the semantic nature of D/NPs that usually can receive the particle [kə]. This particle marks the absolutive Case and encode the Theta Role [+PATIENT]. Taking in consideration the Case assignments in the language, we will posit a new division in the verbal classes in Ka'apor. We propose the verbs in Ka'apor may be classified into five subgroups: descriptive verbs, unaccusative verbs, inergative verbs, transitive verbs and ergative verbs.

Introdução

O Ka'apor tem sido classificado como uma língua que marca Caso nominativo (Corrêa da Silva, 1997, 2002; Kakumasu, 1986; Jensen, 1980, 1998). A manifestação do Caso se realiza no verbo por meio dos prefixos pessoais que co-referenciam os argumentos na posição de sujeito de verbos transitivo (A) e intransitivo (S), conforme mostram as orações a seguir:

- (1) *a-ho*
[a'ho]
eu-ir
"Eu fui"
(Corrêa da Silva, 2002, p. 345)

* Universidade Federal de Minas Gerais
Doutorando/PosIn

- (2) *u-hyk*
 [u'hɨk]
 3-chegar
 "Ele chegou"
 (Corrêa da Silva, 1997, p. 63)
- (3) *a-sak ihé ø-ehe*
 [a'sak i'hẽ ε'hε]
 eu-ver eu OBLIQ-a
 "Eu vi a (ele)"
 (Corrêa da Silva, 2002, p. 345)
- (4) *a-sak pehé r-ehe*
 [a'sak pe'hẽ rε'hε]
 eu-ver você OBLIQ-a
 "Eu vi a vocês"
 (Corrêa da Silva, 2002, p. 345)

Em (1), (2), (3) e (4) nota-se que os verbos intransitivos e transitivos são marcados com os prefixos pessoais de primeira e terceira pessoa, {a-, u-}, que fazem referência aos argumentos em posição de sujeito. A partir dessa marcação, pode-se delimitar o Caso nominativo, pois a língua Ka'apor trata o sujeito do verbo transitivo (A) da mesma maneira que o sujeito do verbo intransitivo (S). Porém, Duarte e Garcia (2006) averiguaram a possibilidade de o Ka'apor manifestar, além do Caso nominativo, o Caso absolutivo. Este último realiza-se pelos prefixos relacionais que figuram nos verbos descritivo e pela partícula [.ke] que vem enclítica ao sujeito (So) de verbos inacusativos. A hipótese desenvolvida pelos autores é a de que a função gramatical dessa partícula é indicar Caso e papel temático aos argumentos (So) e (O). Tomando por base essas considerações iniciais, busca-se, neste artigo, descrever a marcação do Caso nominativo e a do Caso absolutivo nas orações independentes. Procuramos estabelecer uma taxonomia que capte as diferenças sintáticas e semânticas dos verbos estativos, inacusativos, inergativos e ergativos.

Dividimos este texto em quatro seções. Na seção (1), fazemos uma breve apresentação sobre a língua e a localização da etnia Ka'apor; na seção (2), apresentamos os tipos de marcação de Caso catalogados pelas pesquisas tipológicas; na seção (3), descrevemos a manifestação dos Casos nominativo e absolutivo nas orações independentes; e, por fim, na seção (4), propomos uma subclassificação para os verbos em Ka'apor.

Etnia Ka'apor: língua e localização

A língua Ka'apor pertence ao subconjunto VIII da família Tupi-Guarani e compartilha traços fonológicos e gramaticais¹ com as línguas Wayampi, Wayampipukú, Emérillon, Zo'e, Anambé, Guajá, Awré, Awrá, Takunhapé (cf. Cabral; Rodrigues, 2002).

Atualmente os índios Ka'apor vivem na divisa dos estados do Pará e Maranhão. Estima-se que haja aproximadamente mil índios distribuídos em onze aldeias, a saber:

(5) *Xie* *pyhun* *r-enda*
 [ʃi'ɛ pɨ'hun re'na]
 curió preto GEN-lugar
 "Lugar do curió preto"

(6) *Parakuy* *r-enda*
 [paraku'ɨ re'na]
 paracuí GEN-lugar
 "Lugar da Paracuí"

¹ Abaixo arrolamos alguns dos traços fonológicos e gramaticais considerados por Rodrigues (2002) na delimitação dos subconjuntos da família Tupi-Guarani:

- prefixos marcadores de sujeito nos verbos transitivos e intransitivos;
- prefixos relacionais em nomes, posições e verbos;
- presença do fonema /j/ em palavras como *jayty* (lua), *kujã* (mulher), *jurú* (boca); *paje* (xamã), *peju* (soprar)
- presença ou ausência de pronomes pessoais ergativos;
- distinção entre marcas de primeira pessoa inclusiva de acordo com a transitividade do verbo;
- presença de um sistema de partículas que associam funções epistêmicas de atestado/não atestado pelo falante a noções temporais escalonadas.

- (7) *Pakury-'y* *r-enda*
 [pakurɨ-'ʔɨ re'na]
 bacuri-árvore GEN-lugar
 "Lugar do bacurizeiro"
- (8) *Urutawy* *r-enda*
 [urutaw'ɨ re'na]
 coruja GEN-lugar
 "Lugar da Coruja"
- (9) *ximbo* *r-enda*
 [ʃi'mbo re'na]
 ximbo GEN-lugar
 "Lugar do ximbó"²
- (10) *waxíngy* *r-enda*
 [waxi'ŋɨ re'na]
 uaxingui GEN-lugar
 "Lugar do uaxingui"³
- (11) *arasa-ty* *r-enda*
 [arasa'tɨ re'na]
 arasa-plantação GEN-lugar
 "Lugar da plantação de arasa"⁴
- (12) *pyky'a-'y* *r-enda*
 [pɨkiʔa-'ʔɨ re'na]
 plquí-árvore GEN-lugar
 "Lugar da árvore do Pequí"

² *Ximbó* é um tipo de cipó utilizado na pescaria. Quando o ximbó é colocado dentro da água do Igarapé, libera-se um veneno que provoca a morte dos peixes.

³ *Uaxingui* é uma árvore da qual se extrai a casca para fazer vitamina.

⁴ *Arasa* refere-se a um matinho que nasce nas águas. Com relação à pronúncia da palavra *arasaty*, registram-se as formas [arasa'tɨ] variando com [arasa'tʃɨ]. A primeira é considerada pelos falantes Ka'apor como a pronúncia de prestígio e a segunda como a estigmatizada. Talvez, uma possível explicação para essa estigmatização seja o fato da africada alvéolo-palatal não-vozeada [tʃ] ser influência do português brasileiro, uma vez que não há o fone [tʃ] na língua Ka'apor.

- (13) *kumaru-ʔy* *r-enda*
 [kumaru-ʔi re'na]
 cumaru-árvore GEN-lugar
 "Lugar da árvore Cumaru"⁵
- (14) *jatahuty* *r-enda*
 [jatahu'ti re'na]
 babaçu GEN-lugar
 "Lugar do Babaçu"⁶
- (15) *xixindu*
 [ʃiʃi'nu]
 sítio novo
 "Sítio Novo"

Observando os nomes das aldeias, nota-se que cada nome descreve uma característica do ambiente onde se localiza a aldeia. Os nomes listados de (5) a (14) são sempre seguidos da palavra "renda" (lugar). Porém, em (15), o nome "xixindu" não vem acompanhado da palavra "renda". Essa diferença entre os nomes das aldeias se deve ao fato da aldeia Sítio Novo estar localizada às margens do rio Gurupi, enquanto as demais aldeias estão no interior da selva maranhense.

O nome da etnia é derivada das palavras *Ka'apor*, "moradores da mata", ou *Ka'a pypor*,⁷ "pegadas na mata". Também os *Ka'apor* são denominados de *urubu-Ka'apor*. Essa

⁵ *Cumaru* é uma árvore de onde se extrai remédio para dores de ouvido e garganta.

⁶ *Babaçu* faz referência ao coco.

⁷ Os fonos e as categorias gramaticais do nome da etnia *Ka'apor* se realiza conforme a transliteração abaixo:

(1) *ka'a a-py-por*

[kaʔa pi-por]

mata obliq-pé-nomi.

"Pegadas na mata"

(2) *Ka'apor*

[kaʔa-por]

mata-nomi

"Moradores da mata"

expressão foi atribuída aos índios pelos portugueses e brasileiros no século XIX, e por indigenistas na década de 50. O termo faz referência ao costume dos Ka'apor de comerem reunidos uma caça até que dela restem apenas os ossos.

Marcação de Caso: definição e classificação

Consoante Dixon (1979), Comrie (1981), Whaley (1997), Bobaljik (1993) e Adger (2003), a marcação de Caso no predicado verbal trata das relações gramaticais estabelecidas entre o verbo e seus argumentos. Essas relações expressam as funções sintática e semântica assumidas pelos argumentos na oração. Na função sintática, a marcação de Caso mostra os argumentos que preenchem a posição de sujeito e de objeto, e na semântica, os argumentos que possuem o controle ou não do evento descrito pelo verbo.⁸

Os verbos transitivos ativos possuem argumentos nas funções sintática e semântica de sujeito-agente (A) e de objeto-paciente (O). Nos predicados intransitivos e descritivos, os argumentos ocorrem somente na posição sintática de sujeito, mas com relação à função semântica, o sujeito pode ser paciente (So) em verbos inacusativos ou, então, agente (Sa) em verbos intransitivos-ingerativos.⁹ Cabe ainda ressaltar que a realização de Caso pode ocorrer (i) por meio de afixos nos D/NPs argumentos, (ii) por meio de afixos nos verbos ou (iii) o Caso se identifica pela ordem rígida dos constituintes dentro da oração.

As pesquisas tipológicas geralmente delimitam seis tipos de marcação de Caso nas línguas, a saber: o nominativo-

⁸ De acordo com Dixon (1979, p.70), "That NP whose referent can initiate and control the activity (if anything can) is recognized as being in A function in a transitive sentence. The core NP whose referent cannot be controller is taken to be in O function. For some intransitive verbs, the S NP can be controller of the action (e.g. jump, speak); this could be described as Sa. [...] For other intransitive verbs, the S NP can not control the action (e.g. break, die, yawn), and has the same semantic status as an O NP; we can refer to this as subtype So of S. It is now natural to use Co for both O and So functions."

⁹ No âmbito da literatura gerativista, distinguem-se duas classes de verbos monoargumentais: os inacusativos e os ingerativos. Em consonância com Levin e Rappaport (1995, p.3): "an unergative verb takes a D-structure subject and no object, whereas an unaccusative verb takes a D-structure object, be it clausal or a simple NP - and no subject".

acusativo, o ergativo-absolutivo, o ergativo cindido, o tripartido, o foco-acusativo e o neutro.

O sistema nominativo-acusativo é caracterizado por alinhar o sujeito do verbo transitivo (A) do mesmo modo que o sujeito do verbo intransitivo (S). Neste sistema, enquanto (S) e (A) são marcados pelo Caso nominativo, o objeto (O) é marcado pelo Caso acusativo.

O sistema ergativo-absolutivo ocorre quando o sujeito do verbo intransitivo (S) e o objeto do verbo transitivo (O) recebem o Caso absoluto, diferindo do Caso ergativo atribuído ao sujeito do verbo transitivo ativo (A). O esquema abaixo expressa o alinhamento dos argumentos nucleares dos dois sistemas:

	Sistema Nominativo	Sistema Ergativo
	argumento	
	A	Ergativo
Nominativo	{ S	
	}	Absolutivo
Acusativo	O	

Figura 1 - Sistemas Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo

Já no sistema cindido, o sujeito do verbo transitivo (A) alinha-se ao sujeito-agente do verbo inergativo (Sa), enquanto o objeto (O) alinha-se ao sujeito-paciente (So) dos verbos inacusativos e descritivos, conforme mostra o esquema a seguir:

Sistema Cindido

argumento	
Nominativo	A
	{
	Sa
	}
	So
	O
	Absolutivo

Figura 2 - Sistema Cindido

No sistema tripartido, os argumentos (A), (O) e (S) recebem Casos diferentes, isto é, não há alinhamento entre NPs na posição de sujeito e objeto. Um exemplo é a língua wangkumara da família Pama-Nyungan da Austrália, citada por Whaley (1997, p.158):

(16) *Kana - ulu kalkana titi-nana*
 homem-ERG bater cachorro-AC
 "O homem bateu no cachorro"

(17) *Kana - ia paluna*
 homem-NOM morrer
 "O homem morreu"

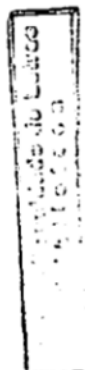
Em (16), o sujeito do verbo transitivo (A) recebe a marca de Caso ergativo por meio do sufixo {-ulu}; o objeto (O) é marcado com Caso acusativo pelo sufixo {-nana}; e em (17), o sujeito do verbo intransitivo (S) aparece marcado com Caso nominativo pelo sufixo {-ia}.

O esquema a seguir representa o sistema tripartido:

Sistema Tripartido

argumento	
A	Ergativo
O	Acusativo
S	Nominativo

Figura 3 - Sistema Tripartido



O sistema foco-acusativo alinha o sujeito do verbo transitivo (A) com o objeto (O) e difere o sujeito do verbo intransitivo (S). Segundo Comrie (1981), a ocorrência desse tipo de marcação de Caso nas línguas do mundo é extremamente restrita, sendo encontrado somente em algumas línguas iranianas. O esquema seguinte representa a configuração desse sistema:

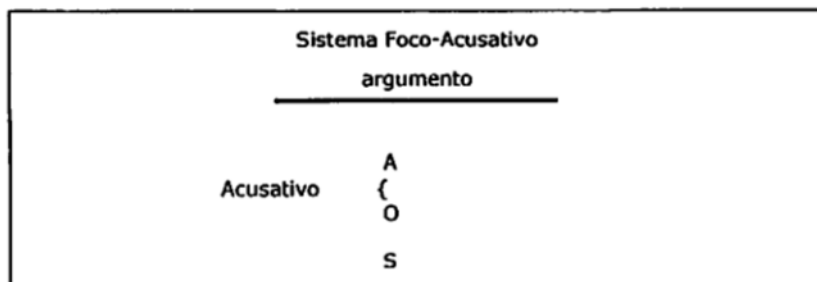


Figura 4 - Sistema Foco-Acusativo

E, por fim, o sistema neutro não distingue morfossintaticamente o Caso dos argumentos nucleares (A), (S) e (O). Esse sistema também é raro de ser encontrado nas línguas do mundo. O esquema abaixo contém a representação do sistema neutro:

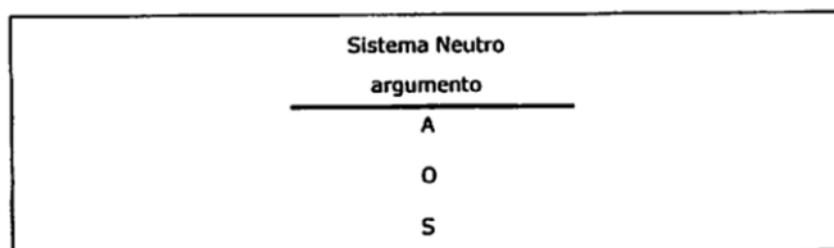


Figura 5 - Sistema Neutro

Características gerais na marcação de Caso nas orações independentes em Ka'apor

Em Ka'apor, observa-se que a marcação de Caso nas orações independentes pode se realizar tanto no verbo quanto nos

argumentos. No verbo, os morfemas de Caso são os prefixos nominativos e os prefixos relacionais (=absolutivo). Já nos argumentos, Duarte e Garcia (2006) propõem a possibilidade de a partícula [.ke] ser a marca morfológica de realização do Caso absolutivo. Os prefixos nominativos afixam-se aos verbos transitivos e intransitivos (inergativos e inacusativos), alinhando os sujeitos (A) e (S). Esse tipo de alinhamento codifica o Caso nominativo. Os verbos descritivos apresentam os prefixos relacionais que assinalam o Caso absolutivo do sujeito (So).

Nos argumentos, a partícula [.ke] pode figurar enclítica aos D/NPs sujeito de verbo descritivo e intransitivo-inacusativo (So) e ao D/NP objeto (O) de verbo transitivo. Então, segundo Duarte e Garcia (2006), nesse contexto, há uma cisão no sistema de codificação do Caso dos argumentos nucleares: A, Sa, So e O. Ocorre, assim, um interessante alinhamento entre o sujeito do verbo transitivo (A) com o sujeito de verbo intransitivo-inergativo (Sa), por um lado, e entre o sujeito de verbo descritivo e intransitivo-inacusativo (So) com o objeto de verbo transitivo (O), por outro.

Nas próximas seções, iremos analisar a marcação de Caso em orações independentes, para depois buscarmos uma proposta de subclassificação dos verbos na língua Ka'apor.

Caso nominativo nos núcleos verbais

O Caso nominativo se manifesta por meio dos prefixos nominativos que o verbo pode apresentar. Esses prefixos fazem referência aos argumentos nas posições de sujeito (A) de verbo transitivo e de sujeito (S) de verbo intransitivo. Na tabela a seguir, os pronomes pessoais estão representados com seus respectivos prefixos pessoais/nominativos:

Tabela 1
 Marcadores pessoais:
 pronomes pessoais e prefixos nominativos

Pronomes pessoais	Prefixos pessoais/nominativos
ihê "eu"	a- "eu"
nde "você"	ere- "você"
jande "nós"	ja- "nós"
pehê "vocês"	pe- "vocês"
a'e "ele(s)/ela(s)"	o/u- "ele(s)/ela(s) raízes monossilábicas ø- "ele(s)/ela(s) - raízes com mais de uma sílaba"

A seguir, nas orações de (18) a (21), os verbos tomam os prefixos pessoais de Caso nominativo.

- (18) *ihê nde ke a-kutuk-ta*
 [ihê nɛ kɛ a-kutuk-ta]
 eu tu ABS eu-furar-fur

"Eu te furarei"

(Silva, 2001, 40)

- (19) *kase ke jande ja-'u*
 [kase kɛ janɛ ja-ʔu]
 café ABS nós nós-beber

"O café, nós beberemos"

(Informante: D. Ka'apor)

- (20) *ihê a-je'em a-in*
 [ihê a-jeʔem a-in]
 eu eu-falar eu-estar sentado

"Eu estou falando sentado"

(Silva, 2001:12)

- (21) *luz ke ø-u'e:u'e te'e*
 [luz kɛ uʔɛ:uʔɛ tɛʔɛ]
 luz ABS piscar:piscar mesmo

"A luz vai realmente apagar"

(Caldas, 2001:53)

Vejam que os sujeitos (A), *ihé* e *jande*, dos verbos transitivos das orações (18) e (19) e os sujeitos (S), *ihé* e *luz*, dos verbos intransitivos das orações (20) e (21), são codificados nos verbos pela série de prefixos nominativos {a-; ja-, a-, ø-}.

Caso absolutivo nos verbos e nos argumentos (So)

O Caso absolutivo se realiza morfológicamente por meio dos prefixos relacionais nos verbos descritivos e pela ocorrência da partícula [.ke] enclítica ao D/NP em posição de sujeito ou objeto. Os prefixos relacionais são divididos em classe I, {ø- ~ i-} e em classe II, {r- ~ h-}. Os prefixos da classe I ocorrem com raízes verbais iniciadas por consoante ou semivogal, e os da classe II acompanham os verbos começados por vogal. Esses prefixos estabelecem a contigüidade ou não-contigüidade do argumento ao núcleo do predicado. Duarte (2006) considera os prefixos relacionais como sendo a manifestação morfológica de Caso.¹⁰ Então, para os verbos descritivos, pode-se postular que os prefixos relacionais marcam o Caso absolutivo. Na tabela a seguir, há a descrição dos prefixos relacionais/absolutivos das classes I e II.

Tabela 2
Prefixos Absolutivos

Classes temáticas	Contigüidade	Não-contigüidade
Classe I	ø-	i-
Classe II	r-	h-

¹⁰ Consoante Duarte (2006, p.115), "no âmbito dos estudos sobre a família lingüística Tupi-Guarani, considera-se que os prefixos relacionais indicam a relação gramatical que se estabelece entre o núcleo de um sintagma (nominal, posposicional e verbal) e seu complemento. Uma maneira de captarmos essa importante intuição, no âmbito do quadro teórico da gramática gerativa, é adotarmos a hipótese de que esses prefixos são, na verdade, a manifestação na morfologia da atribuição dos casos absolutivo, genitivo e oblíquo, dependendo se o núcleo é um verbo, um nome possuído ou uma posposição."

Abaixo, as orações mostram a ocorrência do prefixo absolutivo para codificar o argumento (So) de verbos descritivos:

- (22) *ihé ø'a ke ø-puku*
 [i'hě ʔa 'kɛ pu'ku]
 eu GEN-cabelo ABS ABS-ser comprido
 "Meu cabelo é comprido"
 (Caldas, 2001:5)
- (23) *ihé ø-po ke i-ky'a*
 [i'hě pɔ 'kɛ ikɨ'ʔa]
 eu GEN-mão ABS ABS-ter sujeira
 "A minha mão está suja"
 (Silva, 2001:7)
- (24) *ihé r-ury 'ym*
 [i'hě ru'rɨ 'ʔim]
 eu ABS-ter alegria não
 "Eu não tenho alegria"
 (Silva, 2001:5)
- (25) *Ana ke h-e'õ*
 ['ana 'kɛ he'ʔõ]
 Ana ABS ABS-ter cansaço
 "Ana está cansada"
 (Silva, 2001:6)

Nos verbos das orações (22) e (23), nota-se a ocorrência dos prefixos absolutivos da classe I {*ø-*, *i-*}, sendo que na oração (22), o prefixo {*ø-*} assinala a contigüidade do sujeito, enquanto na oração (23), o prefixo {*i-*} marca a não-contigüidade do sujeito. As orações (24) e (25) apresentam os prefixos absolutivos da classe II {*r-*, *h-*}. O prefixo {*r-*}, em (24), marca a contigüidade do sujeito e o prefixo {*h-*} estabelece a não-contigüidade deste argumento em relação ao verbo.

Duarte e Garcia (2006) notam que a ocorrência da partícula [*.ke*] em sujeito (So) e objeto (O) engatilha uma cisão no sistema de Caso. Esta cisão é determinada a partir

da natureza semântica do argumento que é selecionado pelo predicado. Nesse sentido, a análise que desenvolverei aqui, acompanhando os autores, é a de que a partícula [.ke] tem uma dupla função gramatical na língua Ka'apor, a saber: (a) marcar papel temático [+PACIENTE] e (b) realizar o Caso absoluto. Esta proposta está baseada nas propriedades semânticas dos D/NPs marcados e não marcados pela partícula [.ke]. Em geral, o que se verifica é o seguinte:

- i. os D/NPs sujeitos de verbo intransitivo-inergativo (Sa) alinha-se com o sujeito de verbo transitivo (A), pois esses argumentos não recebem a partícula [.ke], quando recebem papel *theta* de agente;
- ii. os D/NPs sujeito de verbo intransitivo-inacusativo e descritivo (So) alinha-se com o objeto de verbo transitivo (O) porque podem receber a partícula [.ke].

As orações de (26) a (29) mostram o contexto descrito em (i):

(26) *nde re-je'eng*
 ['nɛ reje'ʔeŋ]
 tu tu-falar
 "Tu falas"
 (Silva, 2001, p.12)

(27) *Purutu ø-ahem*
 [Pu'rutu a'hem]
 Purutu 3-gritar
 "Purutu gritou (de alegria)"
 (Informante: Q. Ka'apor)

(28) *ihé 'ok ke a-mahem i*
 [i'hě 'ʔok 'kɛ ama'hem 'i]
 eu casa ABS 3-varrer PERF
 "Eu varri a casa"
 (Caldas, 2001, p.24)

- (29) *ihē narāj ke a-pirok*
 [i'hē na'rāj 'kε api'rɔk]
 eu laranja ABS eu-descascar
 "Eu descasco a laranja"
 (Silva, 2001, p.38)

Observa-se que os sujeitos (Sa) dos verbos inergativos nas orações (26) e (27), *nde* e *Purutu*, alinham-se com os sujeitos (A) dos verbos transitivos das orações (28) e (29), *ihē*. Nessas orações, os sujeitos não recebem a partícula [.ke].

Considerando o contexto descrito em (ii), as seguintes orações apresentam o alinhamento entre (So) e (O):

- (30) *ihē ke ø-pahar*
 [i'hē kε pa'harɪ]
 eu ABS ABS-ter pressa
 "Eu tenho pressa"
 (Silva, 2001, p.7)

- (31) *jande ke upa ø-ky'a*
 [ja'nε 'kε u'pa kɪ'ʔa]
 nós ABS todo ABS-estar sujo
 "Nós estamos todo sujo"
 (Silva, 2001, p.8)

- (32) *ihē ø-jiwa ke u-pen*
 [i'hē ji'wa 'kε u'pen]
 eu GEN-braço ABS 3-quebrar
 "O meu braço quebrou"
 (Silva, 2001, p.19)

- (33) *pe ihē ke a-ho a-ju*
 ['pε i'hē kε a'ho a'dʒu]
 e eu ABS eu-ir eu-deitar
 "Eu vou deitar"
 (Kakumasu, 1988:348)

- (34) *pako ke t-amūj r-akehar ø-jyтым*
 [pa'kɔ kɛ ta'mūj rake'har jɨtɨm]
 banana ABS g-velho GEN-esposa 3-plantar
 "A esposa do velho plantou banana"
 (Informante: P. Ka'apor)

- (35) *t-amūj myta ke ø-mujã pyтun*
 [tamūj mi'ta kɛ mu'jã pi'tun]
 g-velho escada ABS 3-fazer noite
 "O velho fez a escada durante a noite"
 (Informante: I. Ka'apor)

As orações com verbos descritivos, (30) e (31), e com verbos inacusativos, (32) e (33), mostram a partícula [.ke] enclítica aos D/NPs (So), *ihé* e *jande*. Já as orações com verbos transitivos, (34) e (35), contêm o objeto (O), *pako* e *myta*, recebendo a partícula [.ke]. Assim, essas orações expõem o alinhamento entre os argumentos So e O. Deve-se ressaltar ainda que somente o sujeito dos inacusativos (e descritivos) recebem a partícula [.ke].

Outro contexto que traz evidências a favor do alinhamento dos argumentos (So) e (O) refere-se aos verbos ergativos. Na próxima seção, discutimos a estrutura morfológica dos verbos ergativos.

Caso absoluto nas orações ergativas

Segundo a definição de Radford (1998), verbos ergativos são aqueles que permitem o deslocamento do objeto para a posição do sujeito. Nas orações de (36) a (37), observa-se os objetos "bola" e "banheira" assumindo posição de sujeito:

- (36a) Rerihu rolou a bola.
 (36b) A bola rolou.
 (37a) Rerihu encheu a banheira.
 (37b) A banheira encheu.

Na língua Ka'apor, pode-se formar um verbo ergativo por meio do acréscimo do prefixo causativo {mu-}.¹¹ Em geral, este morfema afixa-se a raízes de verbos descritivos, intransitivos (inergativos e inacusativos) e transitivos, resultando em uma mudança na valência dos predicados. Nota-se que este prefixo vem antes da raiz verbal e situa-se depois dos prefixos nominativos, resultando na seguinte ordem interna dos prefixos verbais: {PREF. NOMINATIVO + PREF. CAUSATIVO + VERBO}. As orações abaixo apresentam a ergativização de verbos descritivos, intransitivos e transitivos:

Descritivo

(38a) *a'é* *ø-katu* *te*
 [a'ʔε ka'tu 'tε]
 Ela ABS-ter beleza VER
 "Ela é muito bonita"
 (Silva, 2001, p.21)

(39a) *ihē* *r-ua* *ø-pinim*
 [i'hē ru'a pi'nim]
 eu GEN-rosto ABS-ter pintas
 "Meu rosto tem pintas"
 (Silva, 2001, p.22)

Ergativo

(38b) *ihē* *a'é* *ke* *a-mu-katu*
 [i'hē a'ʔε kε amuka'tu]
 eu ela ABS eu-CAUS-ter beleza
 "Eu a fiz ficar bonita"
 (Silva, 2001, p.21)

¹¹ De acordo com Jensen (1998, p.532), o prefixo causativo {mo-} ~ {mu-} nas línguas da família Tupi-Guarani pode formar: (i) um verbo transitivo a partir de um intransitivo agentivo e não-agentivo; (ii) um verbo intransitivo a partir de um nome e um sufixo: "The prefix mo- is a simple causative. It may create a transitive verb from an agentive (232) or non-agentive (233) intransitive verb, from a noun (234), and, at least in some languages, from certain suffixes (235):

(232) mo-pok: 'cause it to burst' (Guajarára)

(233) mbo-aku: 'cause it to be hot'(Mbyá Guarani)

(234) mu-her: 'give (him) a name' (Ka'apor)

(235) mo-eté: 'honor, make great' (Tembé)*

- (39b) *a'e* *h-ua* *ke* *ø-mu-pinim*
 [a'ʔɛ hu'a kɛ mupl'nim]
 ele ABS-ROSTO ABS 3-CAUS-ter pintas
 "Ele pintou o rosto"
 (Silva, 2001, p.23)

Inacusativo

- (40a) *ihẽ* *ø-jiwa* *ke* *u-pen*
 [i'hẽ ji'wa 'kɛ u'pen]
 eu GEN-braço ABS 3-quebrar
 "O meu braço quebrou"
 (Silva, 2001, p.19)
- (41a) *ihẽ* *ø-je'e-ha* *ke* *upa* *ø-kajim* *o-ho*
 [i'hẽ jeʔe'ha 'kɛ u'pa ka'jim ɔho]
 Minha ROSS-falar-NOM. ABS tudo 3-perder-se 3-ir
 "Minha fala toda vai fugindo"
 (Silva, 2001, p.18)

Ergativo

- (40b) *ihẽ* *a-mu-pen* *h-jiwa* *ke*
 [i'hẽ amu'pen hji'wa 'kɛ]
 eu EU-CAUS-quebrar GEN-braço ABS
 "Eu fiz o (meu) braço quebrar"
 (Silva, 2001, p.18)
- (41b) *ihẽ* *ø-je'e-ha* *ke* *upa* *a-mu-kajim* *a-ho*
 [i'hẽ jeʔe'há 'kɛ u'pa amuka'jim a'ho]
 minha GEN-falar-NOM. ABS tudo eu-CAUS-perder-se eu-ir
 "(Eu) faço a minha fala toda fugir"

Inergativo

- (42a) *jande* *ja-jengarr* *ja-in*
 [ja'ne jaje'ɲar ja'in]
 nós nós-cantar nós- estar
 "Nós estamos cantando"
 (Silva, 2001, p.20)

- (43a) *pehé* *pejan* *mi?*
 [pe'hé pe'jan 'mi]
 vós vós-correr PROB
 "Vós correstes?"
 (Silva, 2001, p.19)

Ergativo

- (42b) *ihē* *a'e* *ke* *a-mu-jengar*
 [i'hē a'ʔε 'kε amuje'ɲar]
 eu ele ABS eu-CAUS-cantar
 "Eu o faço cantar"
 (Silva, 2001, p.20)

- (43b) *ihē* *a'e* *ke* *a-mu-jan*
 [i'hē a'ʔε 'kε amu'jan]
 eu ele ABS eu-CAUS-correr
 "Eu o fiz correr"
 (Silva, 2001, p.19)

Transitivo

- (44a) *nde* *re-py'a* *'ym* *ihē* *r-ehe* *'y*
 ['nε repi'ʔa ʔim i'hē rε'hε ʔi]
 tu tu-pensar NEG eu CT-POSP PERF.1
 "Tu não pensaste em mim"
 (Silva, 2001, p.25)

- (45a) *ihē* *nde* *r-ehe* *a-parahí*
 [i'hē 'nε rε'hε apara'hí]
 eu tu OBLIQ-com eu-aborreecer
 "Eu te aborreço"
 (Silva, 2001, p.24)

Ergativo

- (44b) *a'e* *nde* *ke* *ø-mu-py'a* *ihē* *r-ehe* *'y*
 [a'ʔε 'nε 'kε mupi'ʔa i'hē rε'hε 'ʔi]
 ele tu ABS ele-CAUS-pensar OBLIQ-em PERF.1
 "Ele te fez pensar em você"
 (Silva, 2001, p.25)

(45b) *ihé a'e ke a-mu-parahí*
 [i'hẽ a'ʔɛ 'kɛ amupara'hĩ]
 eu ele ABS eu-CAUS-aborreecer
 "Eu o fiz aborreecer"
 (Silva, 2001, p.24)

Nas orações acima, percebe-se uma alternância em que os D/NPs sujeitos dos exemplos em (a) é promovido a objeto do verbo ergativo e vem acompanhado da partícula [.ke]. Esta partícula sinaliza, principalmente, mudança do papel temático dos D/NPs sujeitos dos verbos intransitivos-inergativos e transitivos em (42a), (43a), (44a) e (45a), os quais assumem o papel temático [+PACIENTE] em (42b), (43b), (44b) e (45b). Observa-se também que, nas orações com verbos ergativos, o objeto (O) é tratado da mesma forma do sujeito do verbo intransitivo-inacusativo e descritivo (So). Nesses contextos, a partícula [.ke] realiza o Caso absoluto.

Tomando por base os dados e a análise desenvolvida até aqui, iremos propor, na próxima seção, uma classificação dos verbos do Ka'apor em, pelo menos, cinco subtipos.

Classificação dos verbos em Ka'apor

Se considerarmos o sistema de Caso por meio da concordância do verbo com os argumentos, percebe-se que os verbos transitivos e intransitivos recebem os prefixos nominativos e os verbos descritivos recebem os prefixos absolutivos, como se vê nas orações a seguir:

Transitivo

(46) *ywy r-ehe ne ke a-nupã ta*
 [ɨwĩ rɛ'hɛ 'nɛ 'kɛ anu'pã 'ta]
 terra OBLIQ-EM tu ABS eu-bater FUT
 "(Vou) te bater no chão"
 (Kakumasu, 1990, p.100)

Inacusativo

- (47) *pe ø-jyngar-iha ke ø-kanim o-ho*
['pɛ jɨŋgari'ha 'kɛ ka'nɪm o'hɔ]
e 3-cantar-NOM ABS 3-esconder 3-ir
"E o canto foi escondendo (sumindo)"
(Kakumasu, 1990, p.27)

Inergativo

- (48) *kururu o-ho a'e tɪ*
[kuru'ru o'hɔ a'ʔɛ 'tɪ]
sapo 3-ir ele também
"O sapo foi, ele, também"
(Kakumasu, 1990, p.27)

Descritivo

- (49) *Ana ke h-e'õ*
['ana 'kɛ he'ʔõ]
Ana ABS ABS-ter cansaço
"Ana tem/sente cansaço".
(Silva, 2001, p.6)

Com base nos dados apurados até aqui, nota-se que a distinção entre transitivos/intransitivos, por um lado, e descritivos, por outro, se dá porque apenas os primeiros recebem os prefixos nominativos, enquanto os descritivos recebem os prefixos absolutivos para fazer referência ao sujeito (So).

Adicionalmente, observa-se que os verbos ergativos, que podem ser derivados de transitivos, intransitivos e descritivos, também recebem o prefixo nominativo, conforme mostra a oração a seguir:

- (50) *ihé a'e ke a-mu-wa:wak*
[i'hɛ a'ʔɛ 'kɛ amuwa'wak]
eu ele ABS EU-CAUS-rodar:rodar
Eu o fiz rodar
(Silva, 2001, p.19)

Por outro lado, a marcação de Caso pela partícula [ke], nos permite subdividir os verbos intransitivos em inergativos e inacusativos. Quando o verbo for inergativo, o argumento nuclear não recebe a partícula [ke], ao contrário do verbo inacusativo que terá seu argumento nuclear marcado pela partícula [ke], sinalizando assim o papel temático [+paciente] e o Caso absolutivo, como se verificam nas orações abaixo:

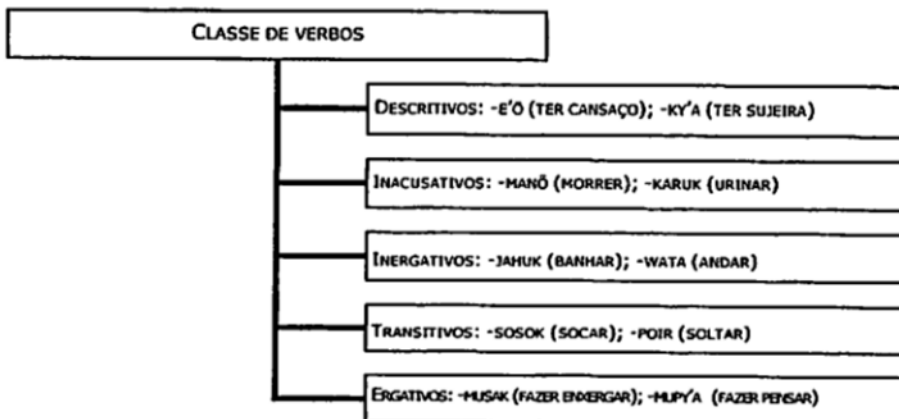
Inergativo

(51) *ihé a-pu'am a'am*
 [i'hé apu'ʔam a'ʔam]
 eu eu-levantar eu-estar em pé
 "Eu estou em pé"
 (Caldas, 2001, p.49)

Inacusativo

(52) *ne ke ere-pyrara te*
 ['nɛ 'kɛ ɛrɛpɪrɐ'rɐ 'tɛ]
 tu ABS tu-sofrer VER
 "Você sofreu muito"
 (Kakumasu, 1990, p.99)

Com base nas características morfossintáticas e semânticas apontadas, podemos, então, propor a existência de cinco tipos de verbos na língua Ka'apor, conforme se vê no organograma a seguir:



Organograma 1 - Classes verbais em Ka'apor

Considerações finais

Os dados analisados das orações independentes em Ka'apor permitem-nos inferir que a língua aciona um sistema cindido de marcação de Caso aos argumentos (A), (Sa), (So) e (O). Esta cisão é determinada, em parte, porque os prefixos absolutivos ocorrem no verbo descritivo e os prefixos nominativos figuram nos verbos transitivos, inergativos e inacusativos. Por outro lado, a cisão é determinada em função de que D/NPs sujeitos de verbos descritivos e inacusativos (So) recebem a partícula [kɛ].

Também verificamos que verbos ergativos são formados pelo acréscimo do prefixo causativo {mu-} a raízes verbais descritivas, intransitivas e transitivas, e se caracterizam pelo aumento da valência de predicados monoargumentais.

Por último, propusemos uma classificação dos verbos que abranja cinco tipos de verbos, a saber: os descritivos; os inacusativos; os inergativos; os transitivos não ergativos e os transitivos ergativos. Com essa proposta, captamos as nuances sintáticas e semânticas envolvidas nos vários tipos de predicados. Nos inacusativos, temos um sujeito-paciente; nos inergativos, um sujeito-agente; e, nos ergativos, os sujeitos dos verbos descritivos, intransitivos e transitivos assumem a posição argumental de objeto (O) e tem seu papel temático alterado.

Referências

- ADGER, David. *Core syntax*. Oxford: University Press, 2004.
- BOBALJIK, Jonathan David. Ergativity and ergative unergatives. In: PHILLIPS, C.; BOBALJIK, J. D. (Ed.). *Papers on case and agreement II*. MITPWL # 19, 1993.
- CALDAS, Raimunda Benedita. *Aspecto, modo de ação e modalidade na língua Ka'apor*. 2001. 86f. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFPA, Belém.

CALDAS, Raimunda Benedita; SILVA, Tabita Fernandes. Verbos de atividades mentais em Ka'apor e outras línguas da família Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suelly; RODRIGUES, Aryon. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém: UFPA, 2002. p. 352-357. t. I.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Blackwell, 1981.

CORRÊA DA SILVA, Beatriz. *Urubú-Ka'apor, da gramática à história: a trajetória de um povo*. 1997. 119f. Dissertação (Mestrado em Linguística). UnB, Brasília.

CORRÊA DA SILVA, Beatriz. Codificação dos argumentos em Ka'apor. In: CABRAL, Ana Suelly; RODRIGUES, Aryon. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém: UFPA, 2002. p. 343-351. t. I.

DIXON, R. Ergativity. *Language*, v. 55, p. 59-138, 1979.

DIXON, R. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Análise gramatical das orações da língua tembé*. Brasília: UnB, 1997. 95p.

DUARTE, Fábio Bonfim. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehará. *Línguas 4*, Campinas, p. 113-145, 2006.

DUARTE, Fábio Bonfim; GARCIA, Mário Alexandre. *Atribuição de caso, papel temático e causativização na língua ka'apor*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Manuscrito.

DUARTE, Fábio Bonfim; GARCIA, Mário Alexandre. *Caso e concordância em tenetehára*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Manuscrito.

JENSEN, Cheryl. Cross-referencing changes in some Tupi-Guarani languages. In: PAYNE, Doris. *Amazonian linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 117-158.

JENSEN, Cheryl. Comparative Tupi-Guarani morphosyntax. In: DERBYSHIRE, Desmond; PULLUM, Geoffrey K. *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 490-618. v. 4.

KAKUMASU, James. *Dicionário Urubu-Ka'apor-Português*. Brasília: SIL, 1988.

KAKUMASU, James. Urubu-Ka'apor. In: DERBYSHIRE, Desmond; PULLUM, Geoffrey K. (Org.). *Handbook of Amazonian languages*. New York: Mouton de Gruyter, 1986. p. 326-403. v. 1.

KAKUMASU, James; KAKUMASU, Kiyoto. *Outros textos urubu-kaapor*. Brasília: SIL, 1990. 228 p. Arquivo Lingüístico do Museu Nacional.

LEVIN, B.; HOVAV, M. Rappaport. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *Diários índios: os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CABRAL, Ana Suely; RODRIGUES, Aryon. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suely; RODRIGUES, Aryon (Org.). *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém: UFPA, 2002. p. 327-337.

SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: UNICAMP, 2000.

SEKI, Lucy. Aspectos da morfossintaxe Krenak: orações independentes. *Liames*, Campinas, v. 4, p. 131-148, 2004.

SILVA, Tabita Fernandes. *Classes verbais e algumas questões pragmáticas em Ka'apor*. 2001. 79f. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFPA, Belém.

WHALEY, Lindsay. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. London: Sage, 1997.

Anexo

Abreviaturas

abs - caso absoluto; ac - acusativo; caus - morfema causativo; erg - caso ergativo; fut - futuro; Gen - caso genitive; ints - intensive; Nomi - caso nominative; np - sintagma nominal; ver - verdadeiro/genuíno

Ortografia usada

Considerando o padrão fonêmico dos sons da língua Ka'apor, adotamos a seguinte ortografia cujo objetivo principal é facilitar a leitura dos dados usados em nossa análise. Os grafemas são:

(i) consoantes: p, t, k, kw, ', m, n, ng, ngw, s, x, h, r, w, j

(ii) vogais: (a) orais: i, y, e, a, o, u; (b) nasais: ɪ, ʏ, ɛ, ǣ, ɔ, ʊ

Os grafemas kw, ng, ngw, x, y, ' correspondem respectivamente aos seguintes fonemas: kw - oclusiva velar não-vozeada labial /kw/; ng - nasal velar vozeada /ŋ/; ngw - nasal velar labial vozeada /ŋw/; x - fricativa alveo-palatal /ʃ/; y - vogal oral alta central oral /ɨ/; ʏ - vogal nasal alta central /ɨ̃/ e o diacrítico ' - oclusiva glotal não-vozeada /ʔ/.

Verbos transitivos, inergativos e inacusativos em maxakalí

Carlo Sandro de Oliveira Campos*

Abstract: The purpose of this paper is to look into the properties of transitive, unergative and unaccusative verbs in Maxakalí, a Brazilian Amerindian language. In Maxakalí, the ergative Case occurs in both the subjects of transitive verbs and the subject of the unergative verbs which are marked by the enclitic particle [te], while the object and the subject of inaccusatives are left unmarked. Based on this, I argue that Maxakalí exhibits a split Case system which is conditioned by the s-selectional properties of the unaccusative and unergative verbs.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar as propriedades gramaticais dos verbos transitivos, inergativos e inacusativos da língua maxakalí.¹ Para tanto, farei uso da tipologia proposta por Dixon (1979, 1994), da Hipótese Inacusativa [cf. Perlmutter (1978); Burzio (1986)] e dos pressupostos da Sintaxe Gerativa [cf. Chomsky (1970, 1981); Fukui, Speas (1986)]. No âmbito da literatura gerativa, considera-se que a classe dos verbos intransitivos consiste em dois tipos de predicados, a saber: os inergativos e os inacusativos. A diferença entre os dois tipos consiste na posição em que os seus únicos argumentos nucleares são gerados na estrutura

*Universidade Federal de Minas Gerais
Doutorando/Poslin

¹ O Maxakalí é uma língua indígena brasileira pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê e à família homônima Maxakalí, à qual também pertenciam as línguas Pataxó, Kapoxó, Monoxó, Makoní e Malalí. O Maxakalí é a única língua ainda viva dessa família e é atualmente falado por cerca de 1000 índios no estado de Minas Gerais. A maior parte da sua população se encontra alojada no nordeste mineiro, no vale do Mucuri, entre os municípios de Santa Helena e Bertópolis. A outra parte, cerca de 150 índios, devido a um conflito recente entre eles (2005), está temporariamente instalada, em seu maior número, em uma fazenda próxima a Governador Valadares e apenas algumas famílias permanecem em Resplendor, junto aos índios krenak.

VP.² Em geral, verbos inergativos selecionam apenas argumento externo, enquanto verbos inacusativos projetam apenas argumento interno. Por sua vez, verbos transitivos são verbos biargumentais, pois c-selecionam dois argumentos nucleares. As representações abaixo ilustram as estruturas sintáticas dos três tipos de verbos:

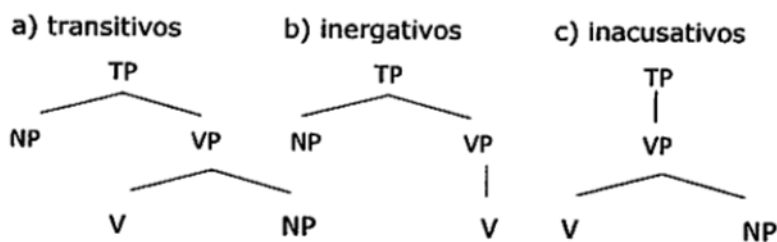


Figura 1 - Estruturas sintáticas dos verbos transitivos, inergativos e inacusativos

Em Maxakalí, nota-se que a diferença entre os dois tipos de verbos monoargumentais pode ser bem motivada, haja vista que apenas o sujeito dos verbos inergativos, assim como o sujeito dos transitivos, recebe a partícula ergativa {-te}, cuja função é codificar o Caso ergativo. Por sua vez, o sujeito de verbos inacusativos e o objeto dos verbos transitivos não recebem a partícula ergativa {-te}. A hipótese que lanço neste artigo é a de que esse tipo de codificação reflita um alinhamento entre (A) e (Sa), por um lado, e (O) e (So), por outro, conforme será mostrado em detalhe nas próximas seções.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, tratarei da noção de ergatividade e ergatividade cindida, tomando por base a tipologia de Dixon (1997, 1994); na seção 3, discuto os verbos transitivos; na seção 4, discuto os verbos inacusativos; na seção 5, trato dos verbos inergativos e abordo a cisão no sistema de marcação de Caso em

² Na teoria gerativa, os itens lexicais são classificados em categorias: N (nome), V (verbo), etc, que se encontram por sua vez dentro de categorias hierarquicamente superiores, chamadas de sintagmas: NP (sintagma nominal), VP (sintagma verbal), etc. [cf. Chomsky (1970); Raposo (1992)]. O DP (sintagma determinante) foi proposto por Fukui e Speas (1986).

Maxakalí; e, por fim, na seção 6, apresento as considerações finais. Na próxima seção, retomo a noção de ergatividade e de ergatividade cindida.

Ergatividade

Segundo Dixon (1979), as línguas dividem-se em, pelo menos, dois grandes grupos no que se refere à marcação de caso: línguas de configuração nominativo-acusativo (sistemas nominativos) e línguas de configuração ergativo-absolutivo (sistemas ergativos). Tal divisão está relacionada com o sistema de codificação dos argumentos nucleares (A), (S) e (O) nas orações. No sistema de Dixon (1979, 1994), o DP que recebe o papel temático [+agente, +desencadeador]³ é denominado de (A) (agente); o DP objeto de verbos transitivos de ação que recebe papel temático [+tema, +afetado, +paciente] é denominado (O) (objeto) e o argumento correspondente ao sujeito de verbos intransitivos é denominado de (S) (sujeito). Desse modo, em sistemas nominativos, sujeitos transitivos (A) e intransitivos (S) são codificados da mesma maneira, ao passo que o DP objeto (O) recebe marcação distinta. Em sistemas ergativos-absolutivos, ocorre o contrário, visto que os objetos (O) e os sujeitos de verbos intransitivos (S) recebem o mesmo tipo de codificação gramatical, oposta às que recebem os DPs na função sintática de sujeitos transitivos (A). Os esquemas a seguir exemplificam os dois tipos de alinhamento na codificação dos argumentos (A), (O) e (S) nas línguas:

³ Neste artigo, emprego a noção de papel-temático adotada por Cançado (2005). De acordo com a sua proposta, papéis-temáticos são grupos de propriedades que são atribuídas aos argumentos e não uma única propriedade categórica. Cançado utiliza quatro propriedades semânticas: desencadeador, afetado, estativo e controle.

	Sistema Nominativo	Sistema Ergativo
	argumentos	
	A	Ergativo
Nominativo	{	
	S	
	}	Absolutivo
Acusativo	O	

Figura 2 - Sistemas Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo

Contudo, sistemas ergativos seriam, de acordo com Dixon (1979; 1994), pelo menos no nível morfológico, sistemas cindidos, isto é, a configuração ergativo-absolutivo se torna em algum momento mista. A língua Maxakalí foi tratada por Pereira (1992) como uma língua ergativa pelo fato de, nessa língua, o sujeito (A) de verbos transitivos ter forma diferenciada do sujeito (S) de verbos intransitivos e do objeto (O). Antes de apresentar a análise de que o Maxakalí possui cisão no sistema de codificação dos argumentos nucleares, faz-se necessário apresentar uma breve análise das subclasses verbais existentes na língua. Começarei, então, pelos verbos transitivos; em seguida, tratarei dos verbos inacusativos e, por último, dos inergativos.

Verbos transitivos

Segundo Pereira (1992), sujeitos transitivos (A), em Maxakalí, são diferenciados dos sujeitos intransitivos (S) e dos objetos (O) por meio da partícula ergativa {-te}, que geralmente figura enclítica ao DP_{agente}. Desse modo, sujeitos agentes de verbos transitivos (A) recebem essa partícula, enquanto sujeitos intransitivos (S) e objetos (O) não a recebem, conforme ilustro a seguir.

- (1) tikmūūn te
 Maxakalí part. erg.
 [tɪjk'mū'ūɪɾh 'tɛ
 āmāxux puk āpak⁴
 anta assobio ouvir
 āmā'tɕwɪj puuk' ?āh'pak']
 "os Maxakalí ouviram o canto da anta"
- (2) kakxop te kuxxamuk paha
 menino part. erg. lambari pegar
 [kak'tɕoxp' 'tɛ kɪjtɕa'buuk' pa'ha?]
 "o menino pegou lambari"
- (3) ōnyām te nīm̄xux māhā
 ouriço-caxeiro part. erg. folha comer
 [ōɔ'ɲāɾm' 'tɛ nīm'tɕijç' mā'hā?]
 "O ouriço-caxeiro come folhas"
- (4) āyuhuk te tayūmak xaxogāhā
 não-índio part. erg dinheiro perder
 [āɔɰw'huk' tɛ tapū'bak' tɕatɕugā'hā?]
 "o não-índio perdeu o dinheiro"
- (5) tik mūn te kohok xok
 o homem enfático + part. erg mandioca planta
 [tɪjk' mūɪɪn' tɛ ko'hok' tɕowk']
 "é o homem que está plantando mandioca"
- (6) hām̄gāy tex nīnāhā
 onça + part. erg+eu perseguiu
 [hāɾm'gāj 'tɛj nīnā'ha?]
 "a onça me perseguiu"

Nas seis sentenças acima, os DPs (A) na posição de sujeito transitivo recebem a partícula ergativa {-te}. Se tais DPs fossem intransitivos ou estivessem em posição de objeto,

⁴ Os exemplos empregados neste artigo serão fornecidos sempre em quatro linhas. Na primeira linha, encontra-se a sentença em ortografia Maxakalí; na segunda linha, a glossa; na terceira, a transcrição fonética e na quarta a tradução literal.

eles não receberiam essa marca. Acompanhando a análise de Pereira (1992), explico na tabela a seguir as formas gramaticais que os DPs, na função sintática de (A), (S) e (O), podem assumir:

Tabela 1
Diferença entre (A), (S) e (O)

Sujeito transitivo (A)	Sujeito intransitivo (So)	Objeto (O)	Tradução
tikmũnte	tikmũn	tikmũn	(homens)
kakxopte	kakxop	kakxop	(menino)
õnyãmte	õnyãm	õnyãm	(ouriço-caxeiro)
ãyuhkte	ãyuhuk	ãyuhuk	(homem não-indio)
ũghexte	ũghex	ũghex	(minha irmã)
hãmqãyte	hãmqãy	hãmqãy	(onça)

Na primeira coluna, vê-se que sujeitos agentivos de verbos transitivos de ação recebem a partícula ergativa {-te} (em negrito), enquanto sujeitos não agentivos de verbos inacusativos (So), como na segunda coluna, e o objeto (O) de transitivos, como na terceira coluna, não apanham a partícula ergativa. Na próxima seção, examino as propriedades morfossintáticas dos verbos inacusativos.

Verbos inacusativos

A diferença entre verbos inacusativos e inergativos consiste na natureza semântica que eles denotam e no tipo de papéis temáticos que eles atribuem ao seu único argumento nuclear. Verbos inacusativos atribuem a seu único argumento o papel temático de tema/afetado/paciente. Em Maxakalí, identificam-se verbos inacusativos pelo fato de poderem coocorrer com a partícula reflexiva yãy,⁵ ou, quando não coocorrerem com tal

⁵ O que me leva a chamar tal partícula de reflexiva é o fato de ela ter uma ligação anafórica com o sujeito e de ocorrer em sentenças transitivas reflexivas, como no exemplo abaixo:

Tu	te	yãy	ylyãy
Ele	part. erg.	part. reflex.	cortar
[tuh	ʔe	ɾãj	ɾiʔhã]
"ele se cortou"			

partícula, forem prefixados com a marca flexional de terceira pessoa {-û}. Subdividirei os verbos inacusativos em dois tipos. Os do tipo I coocorrem com a partícula reflexiva de verbos inacusativos e são formas provenientes de transitivos, já os inacusativos do tipo II coocorrem com o prefixo flexional de pessoa {-û}. Nos exemplos de (7) a (14), arrolo exemplos com os verbos inacusativos do tipo I, isto é, os verbos que ocorrem com a partícula reflexiva *yã*, e, nos exemplos de (15) a (22), verbos inacusativos do tipo II:

Verbos inacusativos Tipo I

- (7) ūyĩmxax yã xaa
 unha reflex. quebrar
 [ũŋĩɾmʰtʃaj ŋãj tʃaʔaʔ
 "a unha quebrou"
- (8) ūhũn yã nuhuk
 mulher flex. tremer
 [ũʰũznʰ ŋãj duʰhukʰ]
 "a mulher está tremendo"
- (9) kutok yã koxak
 criança reflex. acordou
 [kuʰtowkʰ ŋãj kuʰtʃakʰ]
 "a criança acordou/despertou"
- (10) tihix yã xaxogãhã
 homem reflex. perder
 [tʰhijçʰ ŋãj tʃatʃugãhãʔ]
 "o homem perdeu-se"
- (11) kokex yã koa
 cão reflex. soltar
 [kuʰkej ŋãj kuʰa]
 "o cão soltou-se"
- (12) okoat yã koyõy
 copo reflex. quebrou
 [okuʰa ŋãj kuʰŋũj]
 "o copo quebrou"

- (13) mīmnut yāy xōn
 flor reflex abrir
 [mīm^hdwyət^h nāj tʃōɾn^h]
 "a flor abriu"
- (14) mīm māg yāy xaxit
 galho reflex. rachar
 [mīm^hmāg^h nāj tʃa^htʃiat^h]
 "o galho rachou"

Verbos inacusativos Tipo II

- (15) ūyāyā ūxok
 vovô morreu
 [ūyā^hyā^h ū^htʃok^h]
 "o vovô morreu"
- (16) xapup ūtop
 porco engordar
 [tʃa^hpuxp^h ū^htoɾp^h]
 "o porco engordou"
- (17) kutut ūpakut
 velho adoecer
 [ku^htuxɾt^h ū^hpakuxɾt^h]
 "o velho adoeceu"
- (18) kokex ūkupnak
 cão emagrecer
 [ku^hkɛj ū^hkuxɾp^hˈdak^h]
 "o cão emagreceu"
- (19) mīmnut ūyākī
 flor murchar
 [mīm^hdwyə^h ūyā^hkī]
 "a flor murchou"
- (20) kaxxop ūkuxanō
 menino teme
 [kak^htʃoɾp^h ū^hkɪtʃa^hnō]
 "o menino ficou com medo"

(21) *tayūmak* *ūnōg*
 dinheiro acabar
 [təjū'bak' ū'nōg']
 "o dinheiro acabou"

(22) *āmmuk* *ūxuxi*
 comida esfriar
 [āxm'buk' ūtʃihtʃi?]
 "a comida esfriou"

Os exemplos de (7) a (14) e os de (15) a (22) evidenciam, respectivamente, que a partícula reflexiva *yāy* e o prefixo flexional de pessoa {-ū} constituem-se importantes diagnósticos para identificar quando um determinado verbo monoargumental é inacusativo ou não em Maxakalí. Se essa hipótese se confirmar de fato, a minha expectativa é de que as formas *yāy* e {-ū} não deverão ocorrer em verbos transitivos.

Contudo, uma situação curiosa que surge é que verbos inacusativos do tipo I e do tipo II podem também ser empregados como verbos transitivos. Em geral, nessas construções, a partícula reflexiva e o prefixo {-ū} são omitidos. A propriedade de tais verbos de alternar entre intransitivos e transitivos lembra muito o tipo de construção rotulada de ergativa por Franchi (1989). Para tornar mais evidente essa alternância, arrole a seguir os pares de construções alternantes, isto é, construções inacusativa/ergativa.

(22a) Oração intransitiva:

<i>mīhīm</i>	<i>yāy</i>	<i>pot</i>
madeira	reflex.	lascar
[mī'hīxm'	nā]	post']
"a madeira lascou"		

(22b) Oração transitiva:

<i>mīkaxxeka</i>	<i>te</i>	<i>pot</i>	<i>mīhīm</i>
facão	<i>part. erg.</i>	lascar	madeira
[mīkajtʃeç'ka	te	post'	mī'hīxm']
"o facão lascou a madeira"			

(23a) Oração intransitiva:

<i>kokex</i>	<i>yāy</i>	<i>koa</i>
cão	reflex.	soltar
[ku'kej	nāj	ku'a]
"o cão soltou-se"		

(23b) Oração transitiva:

<i>kakxop</i>	<i>te</i>	<i>kokex</i>	<i>koa</i>
menino	part. erg.	cão	soltar
[kaktʃoxp'	'te	ku'kej	ku'a?]
"o menino soltou o cão"			

(24a) Oração intransitiva:

<i>hāmyikox</i>	<i>yāy</i>	<i>xōn</i>
porta	reflex.	abrir
[hāxm`nī'kuj	nāj	tʃōzn']
"a porta se abriu"		

(24b) Oração transitiva:

<i>tu</i>	<i>te</i>	<i>hāmyikox</i>	<i>xōn</i>
ele	part. erg.	porta	abrir
[tuh	'te	hāxm`nī'kuj	tʃōzn']
"ele abriu a porta"			

Nos pares de exemplos acima, vê-se que, nas sentenças intransitivas, o DP_{sujeito} tem papel temático [+paciente, +afetado]. É isso o que explica a ocorrência da partícula reflexiva *yāy*, cuja função principal parece ser a de codificar o apagamento do DP agente do contexto discursivo. Já nas sentenças transitivas, como o DP_{sujeito} agentivo está realizado, a partícula *yāy* não pode ocorrer.

Verbos inacusativos do tipo II são também passíveis de se construir ergativamente, mas, ao contrário dos verbos do tipo I, eles precisam sempre acionar o sufixo {-āhā ~ -a},⁶ conforme se pode ver nos exemplos em (b) a seguir:

⁶ Ignoro ainda os fatores que condicionam a alomorfia apresentada pelos sufixos {-āhā} e {-a}.

(25a) Oração intransitiva:

<i>tepta</i>	<i>ûta</i>
banana	pref. + amadurecer
[tɛɾpʰtaʔ]	ú'taʔ]

"a banana amadureceu"

(25b) Oração transitiva:

<i>tixte</i>	<i>tanãhã</i>	<i>tepta</i>
homem	amadurecer + <i>sufixo</i>	banana
[tɪjçʰtɛ]	tanã'hãʔ	tɛɾpʰtaʔ]

"o homem amadureceu a banana"

(26a) Oração intransitiva:

<i>xapup</i>	<i>ûkupnak</i>
porco	pref. + emagrecer
[tʃa'pɯɾpʰ]	úkwɯɾpʰdakʰ]

"o porco emagreceu"

(26b) Oração transitiva:

<i>tu</i>	<i>te</i>	<i>xapup</i>	<i>kupnagãhã</i>
ele	part. erg	porco	emagrecer + <i>sufixo</i>
[tɯh	tɛʔ	tʃapɯɾpʰ]	kwɯɾpʰdagã'hãʔ]

"ele emagreceu o porco"

(27a) Oração intransitiva:

<i>yip</i>	<i>ûkumuk</i>
carro	pref. + estragar
[dʒɪɾpʰ]	úkw'bwukʰ]

"o carro estragou"

(27b) Oração transitiva:

<i>kãmãnok</i>	<i>te</i>	<i>yip</i>	<i>kumua</i>
cavalo	part. erg.	carro	estragar + <i>sufixo</i>
[kãmã'dowkʰ]	tɛ	dʒɪɾpʰ]	kw'bwə]

"o cavalo estragou o carro"

Nos exemplos (25a) a (27a), os verbos intransitivos recebem sistematicamente o prefixo {-û}, enquanto, nas construções transitivas, de (25b) a (27b), o verbo toma os sufixos causativos {-ãhã ~ -a}. Nesta última situação, vê-se que o prefixo {-û} não mais ocorre, fato que sugere que esse prefixo somente aparece quando o predicado contém um verbo inacusativo. Os dados empíricos reforçam, assim, a minha hipótese de que a distribuição morfossintática do

prefixo {-û} e da partícula reflexiva yãy constitui importante diagnóstico para se determinar quando um determinado verbo monoargumental é inacusativo na língua Maxakalí. Digno de nota é o fato de o prefixo {-û} e a partícula reflexiva yãy ocorrerem apenas quando o verbo possui a estrutura inacusativa e s-seleciona apenas um DP_{paciente/afetado}.

Na Tabela 2 apresento as diferenças morfossintáticas entre verbos inacusativos e transitivos:

Tabela 2
Inacusativos dos tipos I e II

Tipo I: verbos com partícula reflexiva		Tipo II: verbos prefixados	
inacusativos	transitivos	inacusativos	transitivos
yãy koa (soltar-se)	koa (soltar)	ükumuk (estragar)	kumua (estragar)
yãy pot (rachar)	pot (lascar)	ükupnak (emagracar)	kupnagãhã (emagrecer)
yãy koyõy (quebrar-se)	koyõy (quebrar)	ûta (amadurecer)	tanãhã (amadurecer)
yãy nuhuk (tremar)	nuhuk (tremar)	ûtop (engordar)	topmãhã (engordar)

Note-se, na Tabela 2, que apenas os verbos do tipo II, quando em construções transitivas, recebem sufixo causativo (em negrito, na segunda coluna à direita). Na próxima seção, investigo em detalhe as propriedades gramaticais dos verbos inergativos.

Verbos inergativos

Conforme já aponte no início deste artigo, a principal característica dos verbos inergativos é s-selecionar apenas um DP_{agente/desencadeador}, na posição de argumento externo, assim como acontece com os verbos transitivos. Todavia, a diferença entre eles consiste no fato de que aos inergativos falta um argumento interno na sintaxe visível, conforme se vê a seguir:

- (28) Tu te hām kuteex
 ele part. erg. brincar
 [tuh 'tɛ hāxm'ku'tɛ:ɛj]
 "ele brincou"
- (29) paxap te nut
 pato part. erg. desliza
 [pa:tʃaxp' 'tɛ 'dɯɣəʒt']
 "o pato desliza (na água)"
- (30) kakxop te tatxok
 menino part. erg. banhar
 [kak'tʃoxp' 'tɛ ta:'tʃowk']
 "o menino banha"
- (31) tu te yēy
 ele part. erg. calar-se
 [tuh 'tɛ' nɛj]
 "ele se calou"
- (32) ūn te kutex
 mulher part. erg. cantar
 [ūɯn' 'tɛ ku'tɛj]
 "a mulher cantou"

Nas sentenças de (28) a (32), os sujeitos (Sa) dos verbos inergativos são marcados com a partícula ergativa {-te}, a mesma que marca os sujeitos (A) de verbos transitivos. O que é sistemático nos dados arrolados até aqui é o fato de a partícula ergativa {-te} sempre figurar enclítica junto a sujeitos de verbos transitivos e inergativos. Com base nessa evidência, minha hipótese é a de que essa partícula tenha função de:

- i. tornar visível o papel temático do argumento externo [+AGENTE, +DESENCADADOR] de verbos transitivos e inergativos;
- ii. realizar o Caso ergativo ao argumento externo de transitivos e inergativos.

Assim, a realização do Caso ergativo por meio da partícula {-te}, em sujeitos de verbos intransitivos e transitivos, sugere que o Maxakalí exiba uma cisão no sistema de codificação dos argumentos nucleares. Nesse sistema, (A) e (Sa) recebem a partícula ergativa {-te}, enquanto (O) e (S) não recebem qualquer marcação casual. O esquema a seguir ilustra a cisão na codificação dos argumentos:

Sistema cindido de codificação dos argumentos na língua Maxakalí	
Caso ergativo	A _{te}
	{
	Sa _{te}
	}
	O Caso Absolutivo
	} Caso Absolutivo
	So Caso Absolutivo

Figura 3 – Sistemas Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo

Na figura 3, vê-se que tanto sujeitos de verbos transitivos (A_{te}) quanto de verbos intransitivos (Sa_{te}), desde que tenham papel temático [+AGENTE/DESENCADEADOR], são marcados com a partícula enclítico {-te} de Caso ergativo.

Considerações finais

Neste artigo procurei explicitar as principais diferenças entre verbos transitivos, inacusativos e inergativos em Maxakalí. Sujeitos (A) de verbos transitivos e (Sa) de verbos inergativos recebem a marca ergativa {-te};⁷ verbos inacusativos dividem-se em dois grupos, a saber: os que coocorrem com a forma yãy e os que recebem o prefixo de pessoa {0-}.

O Maxakalí era até então tido como uma língua ergativa (Pereira, 1992), embora não se soubesse se era uma língua

⁷ A classificação verbal empregada neste artigo foi feita exclusivamente sob critérios morfossintáticos. Sob tais critérios, as fronteiras entre as três classes de verbos mostraram-se nitidamente delineadas. Cançado e Cláudio (2005) apresentam dados do português que evidenciam que a classificação de verbos em inacusativos e inergativos não é categórica, mas antes prototípica ou não-prototípica. Cançado e Cláudio empregam na classificação critérios semânticos, os quais não pude adotar pelas limitações de um falante não-nativo do Maxakalí.

completamente ergativa ou de ergatividade cindida. Tentei demonstrar neste artigo que o Maxakalí é uma língua de ergatividade cindida, pois sujeitos (Sa) de verbos monoargumentais podem receber também a partícula ergativa {-te}, o que até então se pensava recebiam apenas sujeitos de verbos transitivos. Tal fato constitui, a meu ver, uma cisão no sistema de caso do Maxakalí.

Referências

- ALMEIRA, Marco Antônio Bomfoco. *Ergatividade em Kaingang: um estudo descritivo funcional*. 2004. Tese (Doutorado). PUCRS, Porto Alegre.
- ARAÚJO, Gabriel. Ergativity and ergative unergatives. In: PHILLIPS, C.; BOBALJK, J. D. (Ed.). *Papers on case and agreement II*. MITPWL# 19, 1993.
- ARAÚJO, Gabriel. *Fonologia e morfologia da língua Maxakalí*. 2000. Dissertação (Mestrado). UNICAMP, Campinas.
- BURZIO, Luigi. *Italian syntax: a government-binding approach*. Dordrecht, [s.n.], 1986
- CANÇADO, Márcia. Os psico-verbos do português brasileiro e a hipótese inacusativa de b&r: indícios para uma proposta semântica. *Delta*, 13:1, p. 119-139, 1997.
- CANÇADO, Márcia. Posições argumentais e propriedades semânticas. *Delta*, 21:1, 2005.
- CANÇADO, Márcia. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124.

- CANÇADO, Márcia; CIRÍACO, Larissa. Inacusatividade e inergatividade no PB. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, 2005.
- CHOMSKY, Noam. Lectures on government and binding. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM; P. S. (Ed.). *Readings in english transformational grammar*. Waltham: Ginn, 1970.
- DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, v. 55, p. 59-138, 1979.
- DIXON, R. M. W. Where have all the adjectives gone? *Studies in Language*, 1:1, p. 19-80, 1977.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. *Liames*, Campinas, 2006.
- FRANCHI, Celi Moraes Whitaker. *As construções ergativas: um estudo semântico sintático*. 1989. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FUKUI, Naoki; SPEAS, Margaret. Specifiers and Projection. In: FUKUI, N.; SAGEY, E. (Ed.). *Papers in Theoretical Linguistics: MIT Working Papers in Linguistics*, 8, p. 128-172, 1986.
- LAKA, Itziar. Unergatives that assign ergative, unaccusatives that assign accusative. In: PHILLIPS, C.; BOBALJK, J. D. (Ed.). *Papers on case and agreement II*. MITPWL# 19, 1993.
- PEREIRA, Deuscreide Gonçalves. *Alguns aspectos gramaticais da língua Maxakali*. 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística). UFMG, Belo Horizonte.
- PERLMUTTER, David M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 4., 1978. *Proceedings...*
- RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

Sistemas de Caso e concordância em Tenetehára

Fábio Bonfim Duarte*

Abstract: The purpose of this text is to summarize the mechanisms of encoding the nuclear arguments in the Tenetehára language. Our proposal is that this language exhibits a split-Case system in which the (A) and (Sa) arguments are marked on the verb by the nominative prefixes, while the (O) and (So) arguments are referred on the verb by the absolutive (relational) prefixes. This split is, partially, determined by the semantic properties of the descriptive verbs and whether the object carries the person features [+ego, +tu] or not. Additionally, we show the different ways that structural Case can be realized among the languages.

Introdução

Este texto tem como propósito discutir a manifestação do sistema de Caso e concordância na língua Tenetehára, em orações com verbos transitivos, inergativos e inacusativos, tomando como ponto de referência propostas teóricas no âmbito da teoria gerativa, da tipologia lingüística e da análise estruturalista. Para tanto, retomamos nas próximas seções a definição de Caso no âmbito da teoria gramatical; os tipos de realização de sistemas de Caso e concordância que se realizam nas línguas; em seguida, examinamos até que ponto o sistema cindido do Tenetehára é condicionado pela natureza semântica dos verbos monoargumentais e pelas propriedades semânticas do argumento nuclear que é projetado por esses verbos.

* Universidade Federal de Minas Gerais
www.lettras.ufmg.br/fbonfim
fbonfim@terra.com.br

Definição da categoria de Caso

Na perspectiva da lingüística descritiva (cf. Lyons, 1969, p.289), a palavra Caso, do latim *casus*, designa "acidente, desvio, ato de cair, etc" e, em geral, designa a variação morfológica na forma básica de um lexema para indicar sua função sintática na oração. Já na perspectiva da gramática gerativa, podemos considerar que a categoria de Caso não é uma propriedade privativa das línguas que a exibem somente na morfologia, como é a situação do latim, do grego, do alemão, do russo, dentre outras línguas. Nessa linha de investigação, Chomsky (1980) incorpora a noção tradicional de Caso à teoria gerativa e postula que a marcação de Caso nos D/NPs deve ser entendida como um princípio universal da Gramática. Para Chomsky, os D/NPs foneticamente realizados precisam receber Caso abstrato na sintaxe, o qual pode ou não receber manifestação morfo-fonológica, o que dependerá das propriedades morfossintáticas das línguas particulares. Assim sendo, a diferença entre o latim e o português não se deve ao fato de este ser desprovido de Caso estrutural, mas se deve antes ao fato de o Caso em português não ser mais realizado por meio de sufixos casuais, como era a situação na época do latim. Nesta linha de investigação, adotarei, no decorrer de minha exposição, a seguinte definição de Caso elaborada por Adger (2002, p. 211): "[...] the function of case features is to regulate the syntactic distribution of nominal phrases, rather than to mark any special semantic properties".

Segundo Adger (2002), tal distribuição explica, por exemplo, a razão pela qual os exemplos a seguir são agramaticais no inglês, visto que o pronome *me*, em (1b), o pronome *she*, em (2b), e o pronome *he*, em (3b), figuram em posições sintáticas incompatíveis com os traços de Caso que carregam.

(1a) I give it to him.

(1b) *Me give it to him.

- (2a) I sent her away.
(2b) I sent *she away.
(3a) I introduced her to him.
(3b) I introduced her to *he

A evidência de que os traços de Caso realmente não contribuem para acrescentar quaisquer informações semânticas adicionais ao D/NP pode ser notada pelo fato de que a alternância morfológica *he/him*, do pronome de terceira pessoa do inglês, não afeta em nada seu significado lexical básico, conforme ilustram os exemplos em (4b) e (5b) a seguir:

- (4a) I wished that **João** had come.
(4b) I wished that **he** had come.
(5a) I wanted **João** to have come.
(5b) I wanted **him** to have come.

Vejam que as propriedades denotacionais [+3ª PESSOA; +ANIMADO; +HUMANO] do pronome mantêm-se inalteradas nos exemplos (4b) e (5b), muito embora sua flexão se modifique, dependendo do ambiente sintático em que figura: a forma nominativa *he* ocorre em contexto de oração finita; e a forma acusativa *him* aparece em contexto de oração infinitiva. Na próxima seção, discuto algumas das maneiras como se dá a realização/atribuição de Caso estrutural entre as línguas.

Estratégias de identificação do Caso estrutural nas línguas

Podemos considerar que a realização de Caso estrutural aos D/NPs variará em cada língua. Em algumas, a identificação do Caso dos argumentos nucleares dar-se-á por meio da rigidez na ordem do sujeito e do objeto. Na língua Mekéns [cf. Galucio, (2002, p.53)], por exemplo, o DP_{sujeito} precede o DP_{objeto}, emergindo a ordem [S [OV]] em predicados transitivos, conforme (6a) a seguir:

(6a) ameko aose so-a-t
jaguar man see-theme-PAST
"The jaguar saw the man"

Por essa razão, mudança na ordem dos dois DPs alterará o significado da oração, visto que, numa sentença transitiva com dois DPs plenos, o primeiro será interpretado como sujeito e o segundo, como objeto direto. Esta é a situação do exemplo em (6b) abaixo:

(6b) aose amekoso-a-t
man jaguar see-theme-past
"The man saw the jaguar"

Notem que, nos exemplos acima, o objeto e o verbo, além de constituírem um v-VP com a ordem [OV] rígida, não recebem qualquer afixo para marcar o Caso estrutural. Este fato nos permite considerar que Caso estrutural na língua Mekéns é determinado pela rigidez na ordem dos constituintes nucleares; possivelmente há movimento visível do objeto para a posição de SPEC-VP, para que o Caso (estrutural) do objeto, acusativo-absolutivo, seja realizado no curso da derivação sintática. Assim, Galucio (2002, p.52) afirma que: "since both arguments (A and O) precede the verb, their linear order functions as the main criterion in distinguishing them. Thus, in transitive clause with two full noun phrases, the first NP refers to the subject, and the second to the object."

Por sua vez, há outras línguas em que o Caso morfológico é realizado por meio de sufixos para indicar as funções sintáticas dos argumentos nucleares e não-nucleares. Esta é a situação na língua turca, conforme mostram os dados a seguir.

(7a) Ben bu makale-yi yarin bitir-eceğ-im
I this article-ACC tomorrow finish-FUT-1s
"I shall finish this article tomorrow"

(7b) Hasan çocuğ-a elma-yi ver-di
Hasan child-DAT apple-ACC give-PST
"Hasan gave the apple to the child"

- (7c) Kitap-lar masa-dan yer-e duş-tü
 book-P table-ABL floor-DAT fall-PST
 "The books fell from the table to the floor"

Um terceiro tipo de indicação do Caso (estrutural) dos argumentos nucleares se dá quando a língua, em vez de utilizar ordem ou sufixos para determinar a distribuição sintática dos argumentos nucleares na ordem linear, usa afixos no núcleo do predicado, para fazer referência ao sujeito ou ao objeto. Esta é a situação da língua Tenetehára, em que o verbo pode tomar prefixos nominativos ou absolutivos/acusativos para codificar os argumentos na função sintática de sujeito ou de objeto. Assim, em (8), o prefixo {a-} assinala o sujeito ihe "eu" e, em (9), o prefixo {r-} refere-se à adjacência do objeto he "me" ao verbo transitivo.

- (8) ihe_i a_i-ro-ràm Purutu
 eu eu-matar-FUT Purutu.
 "Eu esperarei Purutu"
- (9) Purutu he_i r_i-aro-ràm
 Purutu me ABS-esperar-FUT
 "Purutu me esperará"

Tipos de alinhamento

Consoante Dixon (1979), os sistemas de Caso e concordância podem refletir vários tipos de alinhamentos. As línguas consideradas nominativo-acusativas alinham o sujeito do verbo transitivo (A) da mesma maneira que o sujeito (S) do verbo intransitivo. Já as línguas ergativo-absolutivas alinham o objeto (O) do verbo transitivo da mesma maneira que o sujeito do verbo intransitivo (S). Na maioria das vezes, esses alinhamentos ocorrem independentemente do fato de o DP sujeito do verbo intransitivo ser o agente, o tema ou o afetado, já que, nessas línguas, não se costuma distinguir os verbos inacusativos dos verbos inergativos por meio do

sistema de Caso. Os dois sistemas são indicados graficamente a seguir.

(10) Alinhamento ergativo-absolutivo

	Sistema Nominativo	Sistema Ergativo
	argumentos	
	A	Ergativo
Nominativo	{	
	S	
	}	Absolutivo
Acusativo	O	

Figura 1 – Sistemas nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo

Além dos alinhamentos acima, há ainda um terceiro tipo, bastante relatado na literatura tipológica, e muito recorrente nas línguas da Família Lingüística Tupí-Guaraní, chamado *split-ergativity*, conforme Dixon (1979). Nesse sistema, o sujeito (A) do verbo transitivo é tratado da mesma maneira que o sujeito (Sa) do verbo inergativo¹-inacusativo, enquanto o objeto (O) alinha-se com o sujeito (So) tema/afetado de verbos descritivos, conforme indicamos em (11) a seguir.

(11) Sistema cindido de codificação dos argumentos

	Sistema cindido	

	A	
Caso nominativo	{	
	Sa	
	O	Caso Absolutivo
	}	
	So	Caso Absolutivo

Figura 2 – Sistema cindido

¹ Conforme Dixon (1979, p.80), "with some verbs, the referent of the S NP will almost always be controlling 'agent', e.g. 'run', 'jump', with a further set of intransitive verbs, the referent of the SNP may sometimes have a measure of control over the activity and sometimes not control over the activity and sometimes not, e.g. 'sleep', 'cough'. The semantic nature of the S NP is relevant here: something inanimate could never be 'controller'. Thus it fell must be non-agentive; but with he fell, it is conceivable that the participants fell on purpose!"

Veremos, na próxima seção, que o sistema cindido, ocorrente na língua Tenetehára, é condicionado pela natureza pronominal dos DPs e pela natureza semântica dos predicados intransitivos. Antes de mostrar esse sistema, tecemos na próxima seção considerações sobre as propriedades morfossintáticas dos pronomes pessoais, dos prefixos nominativos e dos prefixos absolutivos.

Realizadores dos Casos nominativo e absoluto em Tenetehára

Conforme já enunciamos acima, a realização de Caso estrutural em Tenetehára dá-se por meio da ocorrência de prefixos (nominativos e absolutivos) no núcleo do predicado, e não por meio de sufixos de Caso nos D/NPs. Os prefixos pessoais nominativos são utilizados para fazer referência ao argumento que ocupa a função sintática de sujeito, conforme mostramos na Tabela 1. Já os prefixos absolutivos marcam adjacência ou não-adjacência do DP objeto e do sujeito (So) em relação ao núcleo do predicado, conforme indicamos na Tabela 2 a seguir.

Tabela 1
Marcadores pessoais

Pronomes pessoais		Prefixos nominativos	
ihe	"eu"	a-	"eu"
ne	"você"	ere-	"você"
a'e	"ele(a)"	(w- ~ u- ~ o-)	"ele(a)"
ure	"nós _{exclusivo} "	uru-	"nós _{exclusivo} "
zane	"nós _{inclusivo} "	xi- ~ za-	"nós _{inclusivo} "
pe	"vocês"	pe-	"vocês"

Tabela 2
Prefixos absolutivos

	Tema em consoante	Tema em vogal
Adjacência do complemento	a-	r-
Não-adjacência do complemento	l-	h-

Codificação dos argumentos em orações independentes

Em orações independentes, podemos considerar que o aparecimento do sistema cindido é condicionado pelos seguintes fatores:

- (12a) pelo fato de o DP, na função sintática de sujeito ou de objeto, carregar o traço-*phi* [+PESSOA, (+1, +2)];
- (12b) pela natureza semântica dos verbos estativos;

Nas próximas subseções, analisamos cada um desses contextos, de modo a deixar bem explícito quando o sujeito de transitivos (A) se alinha com o sujeito de intransitivos de ação (Sa), por um lado, e o objeto (O) se alinha com o sujeito (So) de verbos descritivos.

Quando o DP sujeito corresponde a um DP pronominal [+pessoa, +1 ou +2]

Nos contextos em que o DP sujeito vem manifesto por meio de pronomes de primeira ou segunda pessoa, o sujeito (A) do verbo transitivo é co-referenciado no verbo pela mesma série de prefixos nominativos que codificam o sujeito (Sa) do verbo inergativo. Para tanto, comparem-se os dados (13) e (14), em que figuram os verbos transitivos *-zuka* "matar" e *-exak* "ver", com os dados com o verbo inergativo *-wata* "caminhar", em (15).

Verbo "matar" -zuka

(13)

ihe	a-zuka	"eu matei (algo)"
ne	re-zuka	"tu mataste (algo)"
a'e	u-zuka	"ele matou (algo)"
ure	uru-zuka	"nós _{exclusivo} matamos (algo)"
zane	xī-zuka	"nós _{inclusivo} matamos (algo)"
pe	pe-zuka	"vós matastes (algo)"

Verbo "ver" -exak

(14)

ihe	a-exak	"eu vi (algo)"
ne	re-xak	"tu viste (algo)"
a'e	w-exak	"ele viu (algo)"
ure	uru-exak	"nós _{exclusivo} vimos (algo)"
zane	xī-exak	"nós _{inclusivo} vimos (algo)"
pe	pe-xak	"vós vistes (algo)"

Verbo "caminhar" -wata

(15)

ihe	a-wata	"eu caminhei"
ne	re-wata	"tu caminhaste"
a'e	u-wata	"ele caminhou"
ure	uru-wata	"nós _{exclusivo} caminhamos"
zane	za-wata	"nós _{inclusivo} caminhamos"
pe	pe-wata	"vós caminhastes"
a'e	u-wata wà	"eles caminharam"

Pelos exemplos acima, nota-se que o sujeito (A) é referido no verbo transitivo da mesma maneira que o sujeito (Sa) do verbo inergativo. Em ambos os casos, usam-se os prefixos nominativos no verbo. Passemos aos contextos em que (O) e (So) são codificados nos verbos pela mesma série de prefixos absolutivos (=relacionais).

Contextos de codificação de (O) e (So)

Nos contextos em que o DP objeto vem manifesto por meio de pronomes de primeira ou segunda pessoa, o verbo

transitivo acionará os prefixos absolutivos² {*ø- ~ r-*} para codificar o DP na função sintática de objeto. Notem que esses são os mesmos prefixos que também ocorrem nos verbos estativos *-katu* “ser bom” e *-urywete* “estar alegre”, para indicar a adjacência do sujeito com o papel temático de tema-afetado ao núcleo do predicado. Para verificarmos o funcionamento desse sistema, comparem-se os dados (16) e (17), por um lado, com os dados (18) e (19), por outro.

Verbo “matar” *-zuka*

(16)

ihe	<i>ø-zuka</i>	“(algo) me matou”
ne	<i>ø-zuka</i>	“(algo) te matou”
ure	<i>ø-zuka</i>	“(algo) nos _{exclusivo} matou”
zane	<i>ø-zuka</i>	“(algo) nos _{inclusivo} matou”
pe	<i>ø-zuka</i>	“(algo) vos matou”

verbo “estar bem” *-katu*

(17)

ihe	<i>ø-katu</i>	“eu estou bem”
ne	<i>ø-katu</i>	“tu estás bem”
ure	<i>ø-katu</i>	“nós _{exclusivo} estamos bem”
zane	<i>ø-katu</i>	“nós _{inclusivo} estamos bem”
pe	<i>ø-katu</i>	“vós estais bem”

Verbo “ver” *-exak*

(18)

(i)he	<i>r-exak</i>	“(algo) me viu”
ne	<i>r-exak</i>	“(algo) te viu”
ure	<i>r-exak</i>	“(algo) nos _{exclusivo} viu”
zane	<i>r-exak</i>	“(algo) nos _{inclusivo} viu”
pe	<i>r-exak</i>	“(algo) vos viu”

² Consoante Grannier (2005:139), esses prefixos assinalam “relações entre os núcleos e seus argumentos. Embora não indiquem nem distinção de pessoas nem as funções que desempenham, do ponto de vista da estrutura interna do constituinte, eles marcam uma função argumental”.

(19)

(i)he	r-urywete	"eu estou alegre"
ne	r-urywete	"tu estás alegre"
ure	r-urywete	"nós _{exclusivo} estamos alegres"
zane	r-urywete	"nós _{inclusivo} estamos alegres"
pe	r-urywete	"vós estais alegres"

Com base nos dados de (16) a (19), concluímos que, no sistema de codificação dos argumentos nucleares (O) e (S), usam-se os prefixos { σ - ~ r-}, nos contextos em que esses argumentos vêm adjacentes aos verbos transitivos em (16) e (18), e aos verbos estativos em (17) e (19).

Considerações finais

Em suma, podemos concluir que a cisão no sistema de Caso e concordância, em Tenetehára, é condicionada pelo D/NP que carrega o traço-phi [+PESSOA, +1, +2] e pela natureza semântica dos predicados monoargumentais: inergativo/inacusativo, por um lado, e estativos, por outro. Nesse sentido, a marcação de Caso nos verbos intransitivos apresenta parcialmente as características de um sistema de tipo ativo-estativo. Sendo assim, a distinção sintático-semântica que há entre inacusativos e inergativos não é codificada inteiramente pelos morfemas realizadores de Caso estrutural na língua Tenetehára. Uma prova disso vem do fato de que os prefixos absolutivos não ocorrem nos verbos inacusativos de processo como o verbo *-mano* "morrer" e o verbo estativo *-iko*³ "estar". Estes verbos, embora envolvam um DP tema afetado, não tomam o prefixo de Caso absoluto, como era de se supor, caso o seu uso refletisse a distinção inacusativo vs. inergativo no componente gramatical. Na verdade o que acontece é que a codificação do

³ Consoante Boudain (idem), o verbo *iko* "origina-se da pré-raiz *ko*, que implica uma noção de vivência".

sujeito⁴ do verbo inergativo e do sujeito do verbo inacusativo se faz indistintamente por meio do prefixo de Caso nominativo {u- ~ w- ~ o-}, conforme mostramos a seguir.

Inacusativos não descritivos

- (20) *w-iko* *Purutu* *a'e* *pe*
 3-estar Purutu lá em
 "Purutu está lá"
- (21) *ywyrá* *u-mano*
 madeira 3-morrer
 "A madeira morreu (=secou)"
- (22) *he* *o-ko* *kweteri* *u-kay*
 minha POSS-roça hoje 3-queimar
 "Minha roça queimou hoje"
- (23) *amàn* *u-kyr*
 chuva 3-chover
 "A chuva chove"
- (24) *he* *o-aw* *u-kuy*
 meu POSS-cabelo 3-cair
 "Caem os meus cabelos"

Inacusativos estativos descritivos

- (25) *he* *o-kàn*
 eu ABS-ser forte
 "Eu sou forte"
- (26) *ne* *o-kàn*
 tu ABS-ser forte
 "Tu és forte"
- (27) *i-kàn*
 ABS-ser forte
 "(Ele) é forte"

⁴ Remeto o leitor para o trabalho elaborado por Duarte e Garcia (2006) em que se mostra que na língua ka'apor há uma interessante estratégia de codificação dos sujeitos dos verbos inacusativos, distinta da codificação dos sujeitos dos verbos inergativos. A análise detectou que, nesta língua, o sujeito dos inacusativos pode vir marcado pela partícula enclítica (.ke), enquanto o sujeito de verbos inergativos, quando é interpretado como o agente, não figura com esta partícula. A função principal desta partícula é marcar papel temático, Caso absolutivo e Foco contrastivo.

- (28) *he r-upyhyz*
 eu ABS-estar com sono
 "Eu estou com sono"
- (29) *ne r-upyhyz*
 tu ABS-estar com sono
 "Tu estás com sono"
- (30) *h-upyhyz*
 ABS-estar com sono
 "(Ele) está com sono"

Uma pesquisa futura deverá investigar se há outro diagnóstico, no âmbito do componente morfossintático, que nos permita distinguir os verbos inergativos dos verbos inacusativos, de modo a alocá-los em duas subclasses distintas, como ocorre, por exemplo, na língua Ka'apor.

Referências

- BENDOR-SAMUEL, D. *Hierarchical structures in Guajajara*. Norman: Summer Institute of Linguistics, University of Oklahoma, 1972.
- BOUDIN, M. H. *Dicionário de Tupi moderno*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1966.
- BOUDIN, M. H. *Dicionário de Tupi moderno*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. 2v.
- CABRAL, A. S. A. Da C. *Flexão relacional na família Tupi-Guaraní*. Belém: UFPA, 2000. Manuscrito.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- COELHO, E. M. B. *Levantamento da situação das áreas indígenas no Maranhão: relatório de pesquisa*. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 1987.

DINIZ, E. S. *Os Tenetehára-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica*. Belém: Editora Universitária-Universidade Federal do Pará/CNPq, 1994.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. *Language*, n. 55, p. 59-138, 1979.

DUARTE, F. B. *Análise gramatical das orações da língua Tembé*. 1997. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Letras/LIV, UnB, Brasília.

DUARTE, F. B. Ordem dos constituintes na Língua Tembé. *Revista da Universidade Católica de Brasília*, Brasília, v. 6, n.1, p. 71-80, 1998.

DUARTE, F. B. *Ordem de constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. Tese (Doutorado em Linguística). UFMG, Belo Horizonte. No prelo.

DUARTE, F. B. Propriedades denotacionais dos prefixos {i- ~ h-} em Tenetehára. *Revista de Estudos Linguísticos/Gel*, Campinas, Unicamp, 2005.

GALUCIO, A. V. O prefixo i- em Tupi: morfema antipassivo vs marcador pronominal incorporado. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém: UFPA, 2002. p. 274-287. t. 1.

GRANNIER, D. M. A natureza dos prefixos relacionais em Guaraní Antigo. In: GRANNIER, D. M. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora UnB, 2005. p. 129-140.

HARRISON, C. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE, D.; PULLUM, G. K. (Ed.). *Handbook of amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 407-439. v. 1.

JENSEN, C. Cross-referencing changes in some Tupi-Guarani languages. In: PAYNE, D. L. (Ed.). *Amazonian linguistics: studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, 1990.

LEVIN, B.; HOVAV, M. R. *Unaccusativity at the syntax-lexical semantics interface*. Linguistic Inquiry Monograph 26. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

RICARDO, C. A. *Povos indígenas no Brasil*. São Paulo: CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), 1985.

RICE, F. J. D. O idioma Tembé (Tupl-Guarany). *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, n. 26, p. 109-180, 1934.

RODRIGUES, A. D. Morfologia do verbo Tupi. *Letras*, Curitiba, n. 1, p. 121-152, 1953.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: QUEIXALÓS, F. (Ed.). *Des noms et des verbs em Tupi-Guarani, état de la question*. Caiena: IRD/CNRS, 2000. p. 63-74.

RODRIGUES, A. D. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em Línguas Tupi-Guarani. In: RODRIGUES, A. D. *Estudos sobre línguas indígenas*. Belém: UFPA/GTLI. 2001, p. 87-100.

SEKI, L. Kamaiurá (Tupí-Guarani) as an active-stative language. In: PAYNE, D. L. (Ed.). *Amazonian linguistics: studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, 1990.

SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP/Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.

SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description*. Cambridge: CUP, 1986. 3v.

WAGLEY, C.; GALVÃO, E. *Os índios Tenetehára: uma cultura em transição*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

Estudo sobre os nomes em Mbyá Guarani: a posse

Maria Luisa de Andrade Freitas*

Abstract: The analysis developed in this article describes the grammatical realizations of the possessive phrases in the Mbyá-Guarani. Our hypothesis is that the distinction between alienability and inalienability can be culturally determined. Additionally, we propose that the fact that the possession is marked by means of the relational genitive Case prefixes contributes to divide the nouns, at least, into three grammatical subclasses: the alienable nouns; the inalienable nouns whose roots starts with vowel and the inalienable nouns whose roots starts with consonants.

Introdução

O presente trabalho visa problematizar a questão da posse na língua Guarani, enfocando, essencialmente, o dialeto Mbyá. Para isso, tentou-se identificar os mecanismos que estabelecem a marcação sintática da posse, e também, como tais mecanismos permitem que os nomes em Mbyá Guarani sejam classificados como *alienáveis* e *inalienáveis*. Investigou-se,¹ assim, o papel dos prefixos { $\emptyset \sim r$ -}, {i- \sim h-} na atribuição de Caso genitivo na morfologia nominal.

Este artigo está organizado em cinco seções, a saber: na seção 1, apontamos informações etnográficas; na seção 2, introduzimos as noções essenciais acerca dos aspectos fônicos do Mbyá Guarani; na seção 3, discutimos a natureza dos prefixos marcadores de Caso; na seção 4, abordamos aspectos da posse, discutindo os conceitos de alienável e inalienável; na seção 5, trataremos da questão da classificação dos nomes nesta língua em alienáveis e

* IC/Universidade Federal de Minas Gerais

¹ Os dados aqui analisados foram colhidos pela pesquisadora Edna Aaron, em 1966, no posto indígena de Laranjeiras do Sul, no Paraná.

inalienáveis; e, por fim, na seção 6, apresentamos as considerações finais.

Mbyá Guarani: população e território

O território atualmente ocupado pelos *Mbyá*, *Ñandeva* (Xiripa) e *Kaiowa*, grupos Guarani que se encontram hoje no Brasil, compreende parte do Brasil, do Paraguai, da Argentina e do Uruguai. A população Guarani no Brasil é estimada em torno de 34.000 pessoas, entre os Kaiowa (18.000 a 20.000), *Ñandeva* (8.000 a 10.000) e *Mbyá* (5.000 a 6.000). No Paraguai, calcula-se a população indígena Guarani por volta de 21.000, entre os *Pai Tavyterã/Kaiowa* (9.000), *Ñandeva* (7.000) e *Mbyá* (5.000). Na Argentina, a população Guarani é quase exclusivamente *Mbyá* e concentra-se na província de Misiones em torno de 4.000 pessoas. A população *Mbyá* atual estaria, segundo essa projeção, em torno de 14.000 a 15.000 pessoas.

No Brasil, os índios guarani se encontram espalhados em aldeias situadas no interior e no litoral dos estados do sul – Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul – e em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Também na região norte do país há famílias *Mbyá*, originárias de um mesmo grande grupo, que vieram ao Brasil após a Guerra do Paraguai. Atualmente, estas famílias vivem no Pará (município de Jacundá) e em Tocantins, numa das áreas Karajá de Xambioá, além de poucas famílias dispersas na região centro-oeste. No litoral brasileiro, suas comunidades são compostas por grupos familiares que, historicamente, procuram formar suas aldeias nas regiões montanhosas da Mata Atlântica - Serra do Mar, da Bocaina, do Tabuleiro. Essa ocupação continua em áreas no litoral Atlântico parte de um motivo comum: a busca da terra sem mal (*yvy marãey*), da terra perfeita (*yvyju miri*). Tal busca relaciona-se ao caráter nômade destes grupos, já que, por meio das caminhadas, traçam sua história, recriando e recuperando sua tradição a cada novo lugar.

Aspectos fônicos do Mbyá Guarani

Esta seção apresenta noções essenciais acerca dos aspectos fônicos da língua Guarani e está organizada da seguinte forma: a seguir temos o quadro fonêmico das consoantes e algumas observações relevantes acerca dos fonemas e seus alofones; posteriormente, o quadro fonêmico das vogais compõe-se de alguns apontamentos acerca das variantes fonéticas e da questão do acento.

Quadro fonêmico das consoantes²

		bilabial	alveolar	álveo-palatal	velar simples	velar arredon.	glotal
oclusivas	su	p	t		k	kw	ʔ
	so						
africadas	su			tʃ			
	so			dʒ			
fricativas	su						h
	so						
nasais	su	m	n	ɲ	ŋ	ŋw	
	so						
flepe	su						
	so		r				
aproximantes	su						
	so	w					

Algumas observações acerca dos fonemas e seus alofones:

- 1- [b], [d], [g] ocorrem respectivamente após [m], [n] e [ŋ] diante de segmentos [+ silábico, - nasal]. [m], [n] e [ŋ] aparecem diante de segmentos [+ silábico, + nasal]. É possível dizer, então, que os segmentos [+consonantal, +nasal], estão em distribuição complementar com os segmentos pré-nasalizados, são, por conseguinte, uns e outros alofones dos

² Os grafemas utilizados estão de acordo com o *Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

mesmos fonemas, os quais são representados pelos seguintes segmentos: /m/, /n/ e /g/. É possível verificar a sua ocorrência pelos exemplos a seguir:

- (1) *mandi'o*
"mandioca"
- (2) *tanimbu*
"cinza"
- (3) *nhandy*
"banha"
- (4) *mitã*
"criança"

2- [tʃ] apresenta o alofone [ts]. Por exemplo, a palavra para i.xã, em Guarani, que significa "corda", pode ser pronunciada como [i'tʃã] ou como [i'tsã].

Quadro fonêmico das vogais

		Anterior	Central	Posterior
alta	fechada	i	i	u
	aberta			
média	fechada	e		o
	aberta			
baixa			a	
		não-arredondada		arredondada

Com relação às vogais, podemos apontar que:

1- Os fonemas [e] e [o] apresentam uma alternância com [ɛ] e [ɔ], respectivamente:

- (5a) *kyxe* [ki'tʃe] ou [ki'tʃɛ]
"faca"
- (5b) *o-u* [o'u] ou [ɔ'u]
"ele vem"

2- Para cada segmento [-nasal] há um correspondente [+nasal] que apresentam entre si clara oposição, conforme se observa pelos pares de exemplos a seguir:

- (6a) *oke*
"ele dorme"
- (6b) *okẽ*
"porta"
- (7a) *tupa*
"cama"
- (7b) *tupã*
"filho de Deus"

Os prefixos marcadores de Caso

Os estudos sobre as línguas da família lingüística Tupi-Guarani consideram que os prefixos denominados relacionais indicam a relação gramatical que se estabelece entre o núcleo de um sintagma (nominal, posposicional e verbal) e o seu complemento. Adotaremos aqui a hipótese sugerida por DUARTE (2005, p.2) "de que esses prefixos são (...) a manifestação na morfologia da atribuição dos Casos absoluto, genitivo e oblíquo, dependendo se o núcleo é um verbo, um nome possuído ou uma posposição".

Assim, o prefixo { $\emptyset \sim r$ -} indica no núcleo do sintagma em que figuram a adjacência do complemento, enquanto o prefixo { $i \sim h$ -} assinala a não-adjacência do complemento. O paradigma completo desses prefixos e de seus alomorfes pode ser observado na tabela a seguir.

	Adjacência do complemento	Não-adjacência do complemento
classe I	\emptyset -	i-
classe II	r-	h-

Exemplos:

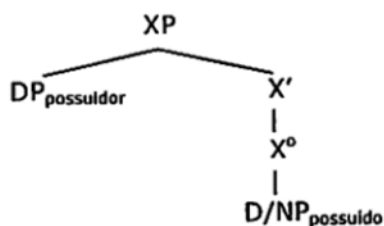
- (8) *h-exa* *i-porã*
POSS-olho ABS-bom/bonito
"O olho (dele) é bom"
- (9) *h-ogwe* *i-pererĩ*
POSS-folha ABS-fina
"A folha é fina"
- (10) *i-xĩ* *i-ruru*
POSS-nariz ABS-inchado
"O nariz está inchado"
- (11) *ha'e_i* *o_i-i_j-kxĩ* *i_k-pire_j*
Ele 3-ABS-cortar POSS-pele
"Ele cortou a pele dele" (de outra pessoa, não se refere à dele mesmo)

A questão da posse: conceitos de alienável e inalienável

A *posse alienável* é o direito de propriedade adquirido social e economicamente, enquanto a *posse inalienável* é inata, inerente, não adquirida. Todavia, a noção de *inalienabilidade* não é semanticamente uniforme, mas varia de língua para língua; por exemplo, certos objetos considerados inalienáveis em uma cultura podem não ser em outra. Do ponto de vista formal, no entanto, *inalienável* rotula um conjunto de nomes que, em geral, precisam apresentar alguma marca morfossintática de posse obrigatória. Isso quer dizer que as línguas naturais dispõem de mecanismos gramaticais capazes de garantir formalmente a oposição *alienável* x *inalienável*.

Nesse sentido, as línguas da família Tupi-Guarani apresentam o conceito de inalienabilidade expresso na morfologia nominal, o que constitui fator distintivo e de classificação dos nomes em, pelo menos, duas subclasses. Assim, os nomes inalienáveis recebem prefixos que marcam a adjacência ou não do possuidor e os nomes alienáveis, uma vez que apresentam um caráter mais geral e coletivo, não precisam receber marcas morfossintáticas explícitas do Caso

genitivo. Aqui, é importante ressaltar que as línguas Tupi-Guarani apresentam núcleo final e, portanto, o sintagma possessivo terá a configuração sintática: [POSSUIDOR-POSSUÍDO], conforme indicamos pela representação arbórea abaixo.



O interessante a observar é que o nome possuído apresenta-se como núcleo do sintagma possessivo. A evidência empírica a favor dessa hipótese trata-se do fato de que, em Mbyá Guarani, existe a possibilidade de supressão do NP_{possuidor}, mas nunca do NP_{possuído}. Nesses contextos, usam-se os prefixos de não-adjacência {i- ~ h-} para assinalar que NP_{possuidor} foi omitido do sintagma possessivo XP, conforme se vê pelo exemplo abaixo.

- (12) *h_i-enapy'ã, h_i-axy*
 POSS-joelho ABS-mau
 "O joelho (dele) está mau"

Classificação dos nomes em Mbyá Guarani

Observa-se que os nomes em Guarani podem ser divididos em dois subtipos: os alienáveis e os inalienáveis, conforme mostramos a seguir.

Alienáveis – não precisam receber marca morfológica de posse. Exemplos: *tapi'i* "anta", *ka'i* "macaco", *gwyrá* "pássaro", *parakau* "papagaio", *pa'i* "jacaré", *jagwa* "cachorro", *xivi* "onça".

É possível inferir que os nomes alienáveis nessa língua sejam, em sua grande maioria, nomes que apresentam tema em consoante. Tal hipótese poderia apontar para um critério formal de organização e classificação generalizado dentro da

língua, que forneceria uma base a partir da morfologia para identificação de um traço culturalmente construído, que é a noção de alienabilidade.

Exemplos:

- (13) *nhuũ* *h-ovy*
Capim ABS-verde
"Capim é verde"
- (14) *kwaray* *ij-apu'a*
Sol ABS-redondo
"O sol é redondo"
- (15) *xakã* *inh-ana*
Pau ABS-grosso
"Pau é grosso"
- (16) *pira* *o-ý.ta*
Peixe 3-água-nadar
"O peixe está nadando"
- (17) *xivi* *o-y.ú*
Onça 3-água-ingerir
"A onça está bebendo (água)"
- (18) *ha'e* *o-jo.pyy* *mandi'ó*
Ele 3-pegar mandioca
"Ele pega (sustenta) a mandioca"

Inalienáveis – recebem prefixos que marcam posse.

Ex: -akã "cabeça", -'a "cabelo", -nambi "orelha", -exa "olho", -xĩ "nariz", -kã.gwe "osso", -ugwy "sangue".

Os nomes inalienáveis do Guaraní podem ser divididos, por sua vez, em duas subclasses:

Classe I – tema em consoante. Ex: -nambi "orelha", -xĩ "nariz", -juru "boca", kupə "costas", -po "mão", -pire "pele", -py'a "fígado", -poxi'a "peito".

Classe II – tema em vogal. Ex. -'a "cabelo", -etyma "perna", -enapy'ã "joelho", -akwa "chifre", -ugway "rabo", -upi'a "ovo", -aĩ "dente".

Exemplos:

- (19) *hi-'a* *ø-nu'u*
 POSS-fruta ABS-estragado
 "A fruta é (está) estragada"
- (20) *i-pire* *ø-ywĩi*
 POSS-casca ABS-lisa
 "A casca é lisa"
- (21) *inh-akā* *ij-apu'a*
 POSS-cabeça ABS-redonda
 "A cabeça (dele) é redonda"
- (22) *hi-'a* *uũ*
 POSS-cabelo ABS-preto
 "O cabelo (dele) é preto"
- (23) *ha'e* *i-nambi* *o-mo.mbu*
 Ele POSS-orelha 3-CAUS-perfurar
 "Ele furou a orelha (de outro)"
- (24) *ij-aju'y* *i-puku*
 POSS-pescoço ABS-comprido
 "O pescoço (dele) é comprido"
- (25) *ha'e* *o-mbiri* *i-po*
 Ele 3-apertar POSS-mão
 "Ele está apertando a mão de outro"
- (30) *ha'e,* *o-i.karāi* *gw_r-etyma*
 Ele 3-ABS-COÇAR REFL-perna
 "Ele está coçando a própria perna"
- (31) *i-kā-gwe* *i-po'yi*
 POSS-OSSO-PASS ABS-pesado
 "O osso é pesado"
- (32) *inh_r-apekũ_j* *i_r-juru* *py* *o_r-ĩ*
 POSS-língua ABS-boca em 3-estar
 "A língua (dele) está na boca"

É interessante ressaltar, aqui, uma peculiaridade da língua: alguns nomes, apesar de começarem com vogal, pertencem à classe I, com tema em consoante, uma vez que recebem o prefixo {o- ~ i-}. Nestes casos, um fenômeno observável é o aparecimento de uma consoante epentética entre o prefixo e o tema, conforme se vê nos exemplos abaixo:

(33a) *-akã*
"cabeça"

(33b) *inh-akã* *ij-apu'a*
cabeça ABS-redonda
"A cabeça é redonda"

(34a) *-aju'i*
"pescoço"

(34b) *ij-aju'i* *i-puku*
pescoço ABS-comprido
"O pescoço é comprido"

É possível inferir que o critério de seleção da consoante epentética relaciona-se com o acento do tema, assim:

[+nasal] => /nh/ [-nasal, +oral] => /j /

Considerações finais

É possível intuir que a classificação dos nomes em Guaraní está relacionada ao conceito de inalienabilidade, que prevê um conjunto de nomes que apresentam posse obrigatória. A marcação da posse se dá por meio de prefixos que delimitam a adjacência ou não do possuidor. Tais prefixos são selecionados a partir de critérios que dividem os nomes em Classe I – com tema em consoante – e Classe II – com tema em vogal. Há, entretanto, nomes que pertencem à Classe II e que se comportam como aqueles da Classe I. Nesse caso, ocorre o aparecimento de uma consoante epentética entre o tema e o prefixo.

Referências

AARON, E. *Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

BARROS, E. B. R. *Construções de posse com clíticos no PB: um percurso diacrônico*. Tese (Doutorado em lingüística). UFMG, Belo Horizonte, 2006.

DUARTE, F. B. *Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DUARTE, F. B. *Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. Tese (Doutorado em lingüística). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

GUEDES, M. *Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá*. Dissertação (Mestrado em lingüística). Unicamp, Campinas, 1991.

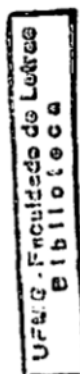
RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

Sites

http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07_7.htm

<http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLICNS/DICTGRAM/GNDICINT.pdf>

<http://www.socioambiental.org/pib/epi/Guaranimbya/mbya.shtm>



Duplicação como pluralidade de eventos télicos em juruna*

Suzi Oliveira de Lima**

Abstract: The aim of this paper is discuss events (Kratzer 2002) and the property of plurality in Brazilian indigenous languages. We will discuss four points: 1) the fact that Juruna [Juruna family] and other languages of the Tupí stock - Karitiana [Arikém family], Karo [Ramarama family], Xipaya [Juruna family], Munduruku [Munduruku family], Gavião [Mondé family] and Mekéns [Tupari family] - present verb reduplication in contexts of plurality of events; 2) the fact that Juruna has a group of verbs that reduplicate in contexts of plural events, and another group of verbs that never duplicate in that same context; 3) the relationship between reduplication and telicity; 4) the parallelism between nominal quantification and verbal quantification.

O fenômeno da duplicação verbal nas línguas Tupí

As línguas do tronco Tupí apresentam recorrentemente duplicação verbal associada à iteratividade (repetição de processos), tal como foi descrito pelos autores que trabalharam com as línguas deste tronco. A seguir, apresentamos 8 línguas, que fazem parte do tronco Tupí:

* Este trabalho foi realizado durante o desenvolvimento do projeto de mestrado "As classes de verbos da língua Juruna: aspectos sintáticos e semânticos", financiado pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) sob orientação da Professora Dra. Luciana Storto, a quem agradeço os valiosos comentários, assim como agradeço à professora Dra. Ana Paula Scher, pelas sugestões. Esclareço, contudo, que quaisquer equívocos porventura encontrados nesta análise são de minha total responsabilidade.

** Universidade de São Paulo
suzilima@usp.br

Tabela 1
Línguas Tupí e o processo de duplicação

Línguas Tupí ¹	Duplicação
Juruna (família Juruna)	Fargetti (2001, p. 178): a duplicação verbal está associada a plural de argumentos e à reiteração de processos. Lima (2006): a reduplicação e a supleção verbal podem estar associadas somente à pluralidade de eventos.
Mekéns (família Tupari)	Galucio (2001, p. 104): qualquer raiz verbal pode ser duplicada para marcar: iteratividade, modo como algum evento foi performed ou ainda a repetição de um evento.
Munduruku (família Munduruku)	Picanço (2005, p. 376) e Angotti (1998, p. 15): a duplicação está associada à extensão do processo ou processo repetido.
Gavião (família Mondé)	Moore (1984, p. 241): há duplicação na língua para marcar repetição de ação.
Xipaya (família Juruna)	Rodrigues (1995, p. 68): duplicação marca repetição ou duração de processo. Acontece principalmente com verbos que marcam um processo cujo desenvolvimento pode se prolongar (<i>beber, fazer, dormir, por exemplo</i>).
Karitiana (família Arikém)	Mendes (2005): a duplicação verbal parece estar associada à multiplicidade de eventos descritos pela sentença; Storto (comunicação pessoal): duplicação e supleção verbal marcam pluralidade de argumentos ou eventos; Müller, Storto, Coutinho-Silva (2005): duplicação pode estar associada à pluralidade de eventos.
Karo (família Ramarama)	Gabas Jr. e Van den Auwera (2004, p. 401): a duplicação aparece em Ideofones - aparentemente não em verbos - para marcar aspecto iterativo ou continuativo.
Kamaluré (família Tupí Guarani)	Seki (2000, p. 133-141) relaciona duplicação dos verbos à marcação dos aspectos: iterativo, sucessivo e intensivo.

A literatura de línguas indígenas do tronco Tupí nos mostra que não são todos os verbos de uma dada língua que duplicam, mas apenas um grupo deles. Diante deste fato decidimos observar qual é a característica comum aos verbos

¹ A comparação dos fatos destas e de outras línguas Tupí tem sido trabalho dos pesquisadores do Projeto Tupí Comparativo (Museu Emílio Goeldi) composto por: Ana Vilacy Galucio, Carmen Rodrigues, Denny Moore (coordenador), Didier Demolin, Gessiane Picanço, Luciana Storto, Nilson Gabas Jr., Sebastian Druide e Sérgio Meira. Aproveitamos para agradecer as comunicações pessoais com os pesquisadores da língua munduruku, Mary Angotti e Dionei Moreira Gomes.

que aceitam duplicação em oposição aos que não aceitam. Para discutir esta questão, optamos por observar mais detidamente a língua Juruna, com a qual trabalhamos diretamente.

Este texto está organizado em quatro seções: na seção (2), apresentamos o fenômeno da duplicação verbal na língua Juruna; na seção (3), discutimos a relação do traço [TÉLICO] com os grupos de verbos que duplicam; e, por fim, avaliamos em que medida estes fatos representam para a discussão sobre o paralelismo entre quantificação nominal e verbal (seção 4).

Corpus

O *corpus* é composto de dados da língua Juruna testados por Fargetti (2001), Louro (1978) e principalmente pelos dados coletados por mim e por Luciana Storto em abril de 2006.

Modificações de raiz verbal em Juruna e a pluralidade

A língua Juruna apresenta três fenômenos possíveis para modificação de raiz verbal: 1) afixação (utilizada para marcar a diferença entre verbos intransitivos e transitivos, assim como para marcar a causativização de um verbo) (Fargetti, 2001; Lima, 2006), 2) supleção (Lima, 2006) e 3) duplicação (Fargetti, 2001; Lima, 2006).

Segundo Fargetti (2001, p. 178) a duplicação verbal pode estar relacionada a duas funções: 1) plural de argumentos (via infixação (*djidaku* > *djidaidaku*); ou 2) reiteração (por sufixação (*wiyu* > *wiyāwiyā*). Dessa perspectiva, em exemplos como (1b), o verbo duplicado marca pluralidade do sujeito e em (1d) o verbo marca a pluralidade do objeto:

(1a) *eduk-u*² (Fargetti, 2001)
*Una eduku*³
 1s machucar-se-realis.
 "Eu me machuquei"

(1b) *eduduk-u* (Fargetti, 2001)
Ulu'udi eduduku
 1pl machucar-se (dupl)-realis
 "Nós nos machucamos"

(1c) *djidak-u* (Fargetti, 2001)
Una e-djidaku e-be
 1s 2s-bater-realis 2s-dat
 "Eu bati em você"

(1d) *djidaidak-u* (Fargetti, 2001)
Una ese-djidaidaku ese-be
 1s 2pl- bater(dupl)-realis 2pl-dat
 "Eu bati em vocês"

Porém, ao testar em Juruna o paradigma completo dos verbos duplicados⁴ investigando a possibilidade de eles marcarem pluralidade de eventos, corroboramos esta última hipótese uma vez que há exemplos em que um dos argumentos está no plural, mas o verbo - *bater* (1e e 1f) - não duplica, tal como vemos a seguir:

(1e) *djidak-u*
*Anã ese-djidaku*⁵.
 3s 2pl-bater-realis.
 "Ele bateu em vocês"

² O morfema {-u} está relacionado ao modo *realis* ("não-futuro") e o *irrealis* ao morfema {-a} ("futuro") (Fargetti 2001, p.163).

³ Os dados apresentados seguem a ortografia apresentada por Fargetti (2001, p.53). Não acrescentamos os tons nos dados abaixo.

⁴ Também hipotetizamos que a supleção dos verbos na língua Juruna esteja relacionada à pluralidade (Lima, 2006). Contudo, não trataremos dos casos de supleção neste artigo, mas tão somente dos de duplicação.

⁵ Exemplos sem identificação ao longo do texto são dados coletados por mim.

- (1f) *Uña ese-djidak-a*
 1s 2s-bater-irrealis.
 "Eu vou bater em vocês"

Assim como também há sentenças em que o sujeito e objeto estão no singular e o verbo aparece duplicado, tal como vemos abaixo em (1.h.):

- (1g) *Uña yaekua tese*
 1s lembrar 3pl
 "Eu lembrei deles"

- (1h) *João djuda yaekuakua*
 João mãe lembrar-dupl.
 "João lembrou da mãe (várias vezes)"

Devido a fatos como esses, começamos a hipotetizar que a duplicação verbal está associada ao argumento evento⁶ e não ao número (singular/plural) dos outros argumentos das sentenças (sujeito e complemento). Vejamos a seguir alguns exemplos dos verbos da língua Juruna que aceitam duplicação neste contexto:

Tabela 2
 Verbos que duplicam

Verbo em português	Verbo sem duplicação	Verbo com duplicação	Tipo	Exemplos
cavar	<i>upí</i>	<i>u-pí-pí</i>	afixação	<i>Epiã upí na</i> buraco cavar 1s "Eu cavei (o) buraco" <i>Epiã upípí na</i> buraco cavar-dupl. 1s "Eu cavei (os) buracos"

⁶ Partimos aqui da proposta de Davidson (1967), segundo a qual os predicados das línguas naturais apresentam um argumento evento. A partir dessa perspectiva, um verbo como "rir", em português, seria um predicado de dois argumentos: a pessoa (quem ri) e o evento (evento de rir).

Verbo em português	Verbo sem duplicação	Verbo com duplicação	Tipo	Exemplos
descascar	asaku	a-sa-saku	afixação	<p><i>Asaku na mayaka be</i> descascar 1s mandioca dat "Eu descasquei (a) mandioca"</p> <p><i>Asasaku na mayaka be</i> Descascar-dupl. 1s mandioca dat "Eu descasquei (as) mandiocas"</p>
lavar	idaku	i-dai-daku	afixação	<p><i>lidja-i abeata idaidaku</i> Mulher-pl roupa lavar-dupl. "(As) mulheres lavaram a roupa"</p> <p><i>lidja abeata idaidaku</i> Mulher roupa lavar-dupl. "(A) mulher lavou as roupas"</p> <p><i>lidja-i abeata idaku</i> Mulher-pl roupa lavar "(As) mulheres lavaram (a) roupa"</p>
enfeitar	unka	unka-unka	Repetição completa	<p><i>lidja dumabi unka</i> Mulher filha enfeitar "(A) mulher enfeitou (a) filha"</p> <p><i>lidja de ali unka unka</i> Mulher ? criança enfeitar-dupl "(A) mulher enfeitou (as) crianças"</p>
pular	pirika	piri-piri-ka	afixação	<p><i>lidja pirika</i> Mulher pular "(A) mulher pulou"</p> <p><i>Senahi-i da piri-pirika</i> homem-pl pl pular-redpl "(Os) homens pularam"</p>
molhar	i'uru	i'u-'u-ru	afixação	<p><i>Abeata i'uru</i> roupa molhar "(A) roupa molhou"</p> <p><i>Xirara i'u'uru</i></p>

Verbo em português	Verbo sem duplicação	Verbo com duplicação	Tipo	Exemplos
				Calça molhar-dupl. *(As) calças molharam*
sonhar	e'elu	e-'ela-'ela	afixação	<i>E'elu na</i> sonhar 1s *Eu sonhei* <i>Ali da e'ela'ela</i> Criança pl sonhar-dupl. *(As) crianças sonharão*
estourar	ludjaku	lu-dja-dja-ku	afixação	<i>Arapadika ludjaku</i> bola estourar *(A) bola estourou* <i>Arapadika ludjadjaku</i> bola estourar-dupl. *(As) bolas estouraram*

Diferentemente do que vimos na Tabela 2, há verbos na língua Juruna que não duplicam em contextos de pluralidade de eventos. Vejamos os exemplos:

Tabela 3
Verbos que não duplicam

Casos especiais: mesma forma, duplicada ou não, para qualquer contexto em que o verbo for usado		
rir	<i>Lakarikada na</i> rir 1s *Eu ri*	<i>Senahi-i lakarikada</i> Homens-pl rir *(Os) homens riram*
gritar	<i>Azahaha na</i> Gritar 1s *Eu gritei*	<i>Senahi-i azahaha kara</i> Homem-pl gritar passar *(Os) homens gritaram várias vezes (ficaram gritando)* <i>Senahi-i da azahaha</i> Homens-pl pl gritar *(Os) homens gritaram*

Casos especiais: mesma forma, duplicada

ou não, para qualquer contexto em que o verbo for usado

mentir	<i>Iidja yaridjaridja</i> mulher mentir “(A) mulher mentiu”	<i>Iidja yaridjaridja kara</i> mulher mentir passar “(A) mulher mentiu várias vezes (ficou mentindo)”
brigar	<i>Alli lakariku</i> criança brigar “(A) criança brigou”	<i>Alli da lakariku</i> criança pl brigar “(As) crianças brigaram”
nadar	<i>Alli etahu</i> criança nadar “(A) criança nadou”	<i>Senahi-i etahu</i> homem-pl nadar “(Os) homens nadaram”
remar	<i>Uruku na</i> Remar 1s “Eu remei”	<i>Uruku udi</i> Remar 1pl “Nós remamos”
vomitar	<i>Alli ena'ena</i> Criança vomitar “Criança está vomitando”	
vingar	<i>Iidja emiānu</i> Mulher vingar-se “(A) mulher se vingou”	<i>Senahi-i da emiānu</i> homem-pl pl vingar “(Os) homens se vingaram”
soprar	<i>Asu na te</i> Soprar 1s 3s “Eu soprei isso”	<i>Senahi-i asu</i> Homem-pl sopraram “(Os) homens sopraram”
desaparecer	<i>Iidja maetikāu</i> mulher desaparecer “(a) mulher desapareceu”	<i>Iidja-i maetikāu</i> mulher-pl desaparecer “(as) mulheres desaparecerem”
trabalhar	<i>Kuperi na</i> Trabalhar 1s “Eu trabalhei”	<i>Kuperi da</i> Trabalhar pl “Eles trabalharam”

Observando os dados, não parece haver um critério sintático em relação à estrutura argumental (inergativo, inacusativo, etc), por exemplo, que determine se os verbos duplicarão ou não. Como vemos nas tabelas acima, há verbos intransitivos que duplicam (*sonhar, pular* etc) e há os que não duplicam (*trabalhar, rir* etc). Da mesma forma, não há um critério fonológico — como peso de sílaba, por exemplo, que

foi um critério importante na análise dos dados da língua yaqui, segundo Harley e Amarillas (2003) — que determine se os verbos duplicam ou não. Isso porque, como podemos ver na Tabela 2 os padrões silábicos dos verbos que duplicam são diversos (CV, CVV, CVC); logo, não é isso que os distingue dos verbos que não duplicam. Dados os fatos, discutiremos na seção a seguir qual é o traço que se mostrou relevante para a divisão dos verbos que duplicam ou não nesta língua.

Uma abordagem

semântica: a relevância da telicidade

Na análise dos verbos de uma língua, é necessário compreender as informações semânticas que estes verbos apresentam em sua estrutura argumental, as quais são importantes para compreender suas restrições sintáticas e morfológicas. Para discutir esta questão, partiremos das discussões de Tenny (1994) e Smith (1997) que discutiram a relação dos verbos com aspecto e evento. Tenny (1994) apresenta uma distinção importante entre aspecto e evento. Aspecto, diz a autora (1994, p. 3), é uma subparte da estrutura de evento, a qual, por sua vez, é inerente à estrutura argumental dos verbos. Contudo, é a parte aspectual que faz a interface entre a raiz e os participantes do evento e por isso ela é essencial para a determinação das estruturas sintáticas. Da perspectiva da autora, o aspecto se refere às propriedades temporais internas de um evento. Tenny apresenta em seu trabalho algumas características dos tipos de aspecto verbal, a saber:

Tabela 4
Aspecto verbal (Tenny, 1994)

Tipo de aspecto	Características
Estativo	São desenvolvidos ao longo do tempo
Atividade	São desenvolvidos ao longo do tempo
<i>Accomplishment</i>	Tem um término determinado e duração
<i>Achievement</i>	Tem um término determinado e acontece instantaneamente (evento de duração curta ou sem duração).

Em suma, *accomplishments* e *achievements* são delimitados, em oposição a estativo e atividade, que não são delimitados. Nesta perspectiva, falar em eventos que são ou não delimitados esbarra na distinção télico/atélico.

Smith (1997) apresenta dois subgrupos de tipos de aspecto: os aspectos do tipo ponto de vista (*viewpoint*) e os aspectos de situação (*situation*). Os aspectos de ponto de vista estão relacionados a propriedades temporais do evento em oposição aos de situação, que estão relacionados às categorias de estado ou evento denotado pelo verbo. O aspecto de situação do verbo é definido de acordo com a relação dele com outros argumentos, enquanto o aspecto de ponto de vista deriva de um morfema gramatical, por exemplo, as flexões verbais. Smith divide os aspectos de situação em 5 grupos, a saber:

Tabela 5
Aspectos de situação (Smith, 1997)

Tipo	Traços			Exemplo
Estativo	estático	Durativo	----- ⁷	saber a resposta; amar a Maria
Atividade	dinâmico	durativo	atélico	rir
<i>Accomplishment</i>	dinâmico	durativo	télico	construir a casa; aprender grego
Semelfactivo	dinâmico	instantâneo	atélico	bater na porta
<i>Achievement</i>	dinâmico	instantâneo	télico	ganhar a corrida; vencer a prova

⁷ Vale ressaltar que nem todos os traços são relevantes para definir os aspectos apresentados. No caso do estativo, é irrelevante o traço [+/- télico]. Ou, em outras palavras, o traço [+/- télico] é irrelevante para situações com a propriedade [+estático] (Smith, 1996, p.20).

Os aspectos de ponto de vista são três, a saber:

Tabela 6
Aspectos de ponto de vista (Smith , 1997)

Tipo	Traços
Perfectivo	Foca uma situação em sua totalidade, incluindo o ponto de vista inicial e o final.
Imperfectivo	Foca uma parte da situação, não inclui nem o ponto de vista inicial nem o final.
Neutro	Flexível; inclui ponto de vista final e ao menos um ponto intermediário.

Um ponto pacífico entre Tenny (1994) e Smith (1997) é o fato de o aspecto de um verbo poder variar. Contudo, através da proposta de Smith (1997) podemos compreender que o aspecto que varia é o de ponto de vista (Tabela 6) e não o de situação (Tabela 5), uma vez que este parece ser restrito na estrutura argumental dos verbos a partir de traços como a telicidade, por exemplo. Uma questão que discutiremos na continuação deste trabalho é se um verbo originalmente télico – em outras palavras, um verbo que exija um ponto inicial e um ponto de culminação – pode ser usado como um verbo atélico. Para tanto, observaremos quais recursos lingüísticos são utilizados para essa mudança, assim como discutiremos a possibilidade de um verbo atélico ser utilizado como télico.

Tendo em vista os dados da língua Juruna – onde nem todos os verbos aceitam a duplicação para pluralidade de eventos – assim como as propostas de Tenny (1994) e Smith (1997), passamos a hipotetizar que há algum traço (ou um conjunto de traços) na composição de cada verbo que limita as possibilidades estruturais – morfológicas e sintáticas – em que uma raiz verbal pode aparecer. Relacionamos essa característica aos traços que formam o aspecto de situação do verbo (uma vez que o aspecto, segundo Tenny (1994) faz a interface entre a raiz e os participantes do evento e por isso ele é essencial para a determinação das estruturas sintáticas,

como dissemos anteriormente). Partimos dos traços propostos por Smith (1997) e a relação deles com os eventos associados a cada tipo de aspecto de situação:

Tabela 7
Aspectos de situação e seus traços

Tipo	Traços	Evento
Estativo	Estático, durativo	-----
Atividade	Dinâmico, durativo, atélico	Eventos cumulativos
<i>Accomplishment</i>	Dinâmico, durativo, télico	Resulta em novo estado, são finitos.
Semelfactivo	Dinâmico, atélico, instantâneo	Evento único, sem resultado.
<i>Achievement</i>	Dinâmico, télico, instantâneo	Evento único, rápido.

A partir da comparação dos traços da Tabela 7 e do fato de eles serem binários, é possível reduzi-los a três (Smith 1997; 20):

Tabela 8
Aspectos de situação e seus traços

Situações	Estático	Durativo	Télico
Estativo	[+]	[+]	[-]
Atividade	[-]	[+]	[-]
<i>Accomplishment</i>	[-]	[+]	[+]
Semelfactivo	[-]	[-]	[-]
<i>Achievement</i>	[-]	[-]	[+]

Visto isso e tendo por base os dados da língua Juruna, decomparamos os verbos em relação a esses três traços:⁸

⁸ Vale ressaltar que estamos partindo dos pressupostos da Morfologia Distribuída (Haile & Marantz, 1993; Marantz, 1997), segundo a qual as palavras são formadas por traços que são manipulados durante a derivação sintática. No caso de nossa análise, o traço télico restringe o comportamento morfosintático dos verbos.

Tabela 9
Traços dos verbos da língua Juruna que duplicam

Verbos que duplicam	[estático]	[durativo]	[télico]	Aspecto
partir	-	+	+	<i>accomplishment</i>
bater	-	-	+	<i>achievement</i>
beber	-	+	+	<i>accomplishment</i>
cair	-	-	+	<i>achievement</i>
comer	-	+	+	<i>accomplishment</i>
contar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
sentar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
cozinhar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
assustar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
derrubar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
cavar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
descascar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
lavar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
plantar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
fazer	-	+	+	<i>accomplishment</i>
enfeltar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
morrer	-	-	+	<i>achievement</i>
pular	-	-	+	<i>achievement</i>
molhar	-	-	+	<i>achievement</i>
amarrar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
sonhar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
banhar	-	+	+	<i>accomplishment</i>

Vejam agora a decomposição de traços dos verbos que não duplicam, independentemente do contexto sintático em que o verbo seja usado:

Tabela 10
Traços dos verbos da língua Juruna que não duplicam

Verbos que não alternam	[estático]	[durativo]	[télico]	Aspecto
rir	-	+	-	atividade
gritar	-	+	-	atividade
mentir	-	+	-	atividade

Verbos que não alternam	[estático]	[durativo]	[téllico]	Aspecto
brigar	-	+	-	atividade
nadar	-	+	-	atividade
remar	-	+	-	atividade
vomitare	-	+	-	atividade
vingar	-	+	-	atividade
assoprar	-	-	-	semelfactivo
trabalhar	-	+	-	atividade
ter	+	+	-	estativo

A partir dos fatos das Tabelas 9 e 10, podemos hipotetizar para a língua Juruna que:

- 1) verbos do tipo *accomplishment* e *achievement* aceitam modificação morfológica do verbo para marcar pluralidade;
- 2) verbos de *atividade* não aceitam modificação morfológica no verbo uma vez que eles são sempre eventos plurais, desde a origem cumulativos e, logo, não é necessário que eles sofram mudança morfológica para marcar este fato;⁹
- 3) verbos *estativos* não duplicam, porque não se configuram como evento, mas antes um resultado de evento;
- 4) verbos *semelfactivos* não apresentam modificação morfológica no verbo em contextos de pluralidade;

A rigor, o que diferencia os grupos de verbos que duplicam (*accomplishment* e *achievement*) em oposição aos que não duplicam (estativos, de atividade e semelfactivos) é o traço [TELICIDADE]: os verbos [+TÉLICO] duplicam em oposição aos [-TÉLICO] que não duplicam, tal como vemos a seguir:

⁹ Krifka (1998; 207) ao discutir os predicados télicos diz que "predicados cumulativos são tipicamente atélicos" (tradução nossa).

Tabela 11
Traços aspectuais e a relação com a duplicação

Situações	Estático	Durativo	Télico	Duplicação/modificação de raiz
Estativo	[+]	[+]	[-]	não
Estativo	[+]	[+]	[-]	não
Atividade	[-]	[+]	[-]	não
Atividade	[-]	[+]	[-]	não
<i>Accomplishment</i>	[-]	[+]	[+]	sim
<i>Accomplishment</i>	[-]	[+]	[+]	sim
Semelfactivos	[-]	[-]	[-]	não
Semelfactivos	[-]	[-]	[-]	não
<i>Achievement</i>	[-]	[-]	[+]	sim
<i>Achievement</i>	[-]	[-]	[+]	sim

Vale ressaltar que nossa análise discutirá, no prosseguimento da pesquisa, os casos de verbos télicos que podem ser usados como atélicos e de verbos atélicos que podem ser usados como télicos. É possível que a língua se utilize de recursos para criar o efeito de telicidade em um verbo atélico (e vice-versa) através de um núcleo funcional. Esse tipo de ambigüidade – se o verbo é delimitado/télico ou não – decorre inclusive do próprio fato dos verbos descreverem eventos ora absolutos ora relativos, tais como os exemplos de Tenny (1987, p.88) mostram para o inglês:

- (1a) *The weather has finally cooled* ("O tempo finalmente esfriou")
 (1b) *The weather has cooled considerably* ("O tempo esfriou consideravelmente")

Nesses casos, o que observamos é que ser télico – que é propriedade verbal – pode ser relativizado de acordo com outros recursos lingüísticos, como advérbios (*finalmente, consideravelmente*) ou, em outros casos, de acordo com a

flexão de tempo, por exemplo. Contudo, isso não altera o fato de um verbo ser télico ou atélico. O fato de podermos dizer “Eu ri do início ao fim da aula” não transforma o verbo *rir* em um verbo télico, mas apresenta um contexto em que ele pode apresentar esta característica. Ou seja, é necessário ter clara a diferença entre os aspectos de situação e os de ponto de vista, uma vez que estes estão relacionados a propriedades temporais do evento em oposição aos de situação, que estão relacionados às categorias de estado ou evento denotado pelo verbo.

Evidências para o paralelismo entre quantificação verbal e nominal

Como pudemos ver, é possível dividir os verbos que duplicam dos que não duplicam através do traço de telicidade, o qual contabiliza a extensão do evento denotado pelo verbo. Esse tipo de questão reafirma o paralelismo entre a distinção contável/massivo dos nomes e a distinção delimitado/não-delimitado dos eventos denotados pelos verbos (Tenny, 1987, p. 87).

Nos dados que analisamos acima, o que percebemos é que os verbos – assim como os nomes – apresentam restrição de contabilidade de acordo com as características do evento que ele denota. Enquanto há eventos que são passíveis de serem contabilizados, há outros que não são passíveis de decomposição em subeventos e que são, aparentemente, sempre cumulativos. Estes, diferentes daqueles, portanto, não duplicarão na língua Juruna, pois não variam em relação a número de eventos. Ou seja, não estabelecem distinção entre um único evento ou uma multiplicidade de eventos.

Considerações finais

Neste trabalho procuramos explicar a modificação de raiz verbal da língua Juruna em contexto de pluralidade de eventos. Uma primeira conclusão a que chegamos é que, se evento é algo que faz parte da estrutura argumental dos

verbos (Davidson, 1967; Kratzer, 2002; Tenny; Pustejovsky, 2000), temos que explicar como ele é marcado nas sentenças. Para tanto, fizemos uso dos traços que compõem os aspectos de situação (atividade, estado, *accomplishment*, *achievement* e semelfactivo) para discutir o *status* do evento na estrutura argumental dos verbos. Como vimos, o traço que se faz determinante para a divisão de grupos de verbos nessa língua foi o traço [télico], o qual divide os verbos da língua Juruna em relação aos que duplicam ou não. Em suma, verbos que apresentam culminância, que são delimitados (télicos), são passíveis de duplicação, enquanto os não-delimitados (atélicos) não duplicam em nenhum contexto.

No prosseguimento deste trabalho, faremos divisões no interior dos grupos sintáticos — por exemplo, verbos inergativos do tipo *accomplishment*; *achievement* etc. — para compreender melhor as classes verbais da língua Juruna e aprofundaremos a discussão acerca do traço [télico] na relação dos verbos com seus argumentos, especialmente o argumento evento.

Referências

- ANGOTTI, M. L. de O. *A causativização em Munduruku: aspectos morfo-sintáticos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UnB, Brasília, 1998.
- DAVIDSON, D. The logical form of actions sentences. In: RESCHER, Nicholas (Ed.). *The logical of decision and action*. Pittsburgh: Pittsburgh University Press, 1967.
- FARGETTI, C. M. *Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna*. Tese (Doutorado em Linguística). Unicamp, Campinas, 2001.
- GABAS JR., N.; AUWERA, Van den. Ideophones in Karo. In: ACHARD, M. KEMMER, S. (Ed.). *Language, culture and mind*. [S. l.]: CSLI Publications, 2004.
- GALUCIO, A. V. *The morphosyntax of Mekéns (Tupí)*. Tese (Doutorado em linguística). University of Chicago, Chicago, 2001.

- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, S. J. (Ed.). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- HARLEY, H.; AMARILLAS, M. *Reduplication multiplication in Yaqui: meaning x form*. [S. l.]: [s. n.], 2003.
- KRATZER, A. The event and the semantic of verbs. Disponível em: <http://semanticsarchive.net/Archive/GU1NWM4Z/>. Acesso em: mar. 2000.
- KRIFKA, M. The origins of telicity. In: KRIFKA, M. *Events and grammar*. [S. l.]: Kluwer Academic Publishers, 1998.
- LIMA, S. O. de. Duplicação, supleção, afixação e alternância verbal nas línguas Tupi: pluralidade de sintagmas nominais ou de eventos? *Apresentação do IX ENAPOL*, 2006. Texto enviado para publicação.
- LOURO, R. L. *Fonologia Juruna*. Rio de Janeiro: Departamento de Antropologia e Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978.
- MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. (Ed.). *ANNUAL PENN LINGUISTICS COLLOQUIUM*, 21. *Proceedings...*, 1997. p. 201-225.
- MENDES, L. S. Variação semântica: pluraconcordância e quantificação. In: *13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica*, 2005.
- MOORE, Denny. *Syntax of the language of the Gavião Indians of Rondonia, Brazil*. Tese (Doutorado em linguística). New York, 1984.
- MÜLLER, A. P.; STORTO, L.; COUTINHO, T. Number and the count-mass distinction in Karitiana. In: *Workshop on the Structure and Constituency of Languages of the Americas*. Vancouver, 2005.
- PICANÇO, Gessiane Lobato. *Munduruku: phonetics, phonology, synchrony, diachrony*. Tese (Doutorado em linguística). The University of British Columbia, 2005.
- RODRIGUES, C. L. R. *Étude morphosyntaxique de la langue Xipaya*. Tese (Doutorado em linguística). Université Paris VII, Paris, 1995.
- SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá: línguas Tupi-Guarani do Alto do Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- SMITH, C. *The parameter of aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer, 1997.
- STORTO, L. *Aspects of Karitiana grammar*. Tese (Doutorado em linguística). Massachusetts Institute of Technology, 1999.
- TENNY, C. *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht: Kluwer, 1994.
- TENNY, C.; PUSTEJOVSKY, J. A history of events in linguistic theory. In: *Events as a Grammatical Objects*, 2000.

Ergatividade: uma síntese tipológico-funcional

Marco Antônio Bomfoco*

Abstract: Ergative languages treat the subjects of intransitive verbs (S_i) in the same way as the objects of transitive verbs (O) – that is, both are marked by absolutive zero, and differently from a transitive subject (S_t), which receives an ergative special marker. Quite simply, the ergativity occurs on nominal case marking on the nouns and/or on the verbal agreement or cross-referencing of persons on the verbs. In fact, the ergative languages mixed the accusative and ergative marking has the split determined by (a) the semantic nature of the core NPs, (b) the tense or aspect of the clause, or (c) the grammatical status of the clause, whether it is main or subordinate. Besides that, ergative languages are not homogeneous, since there are morphological and syntactical ergative marking. Plainly, the ergativity occurs in three kinds of languages, namely: ergative, active and tripartite. Specifically, the active and the tripartite types do not follow the morphological unity of the absolutive.

Introdução

Ergatividade é um termo “guarda-chuva” usado na lingüística moderna para abarcar uma variedade de fenômenos gramaticais. Basicamente, conforme o conceito clássico, as línguas ergativas apresentam um padrão de marcação de caso nominal em que o sujeito intransitivo (S_i) e o objeto direto (O) são, ambos, não-marcados, sendo identificados morfologicamente por zero (\emptyset), enquanto o sujeito transitivo (S_t) é sempre marcado formalmente e/ou uma concordância verbal que se dá entre o O e o verbo transitivo em lugar de

* Faculdade de Tecnologia Senac Passo Fundo – RS
Doutor em Letras pela PUCRS
bomfoco@yahoo.com.br

com o S_t (cf. Comrie, 1978, p. 329 e 338).¹ Entretanto, a marcação ergativa raramente obedece a um padrão uniforme. Por esta razão, nas línguas ditas ergativas, os padrões ergativo e acusativo convivem, sobrepondo-se parcialmente, sendo que este fenômeno é conhecido como cisão na ergatividade ou ergatividade cindida. Como se vê, as línguas ergativas são, a rigor, apenas parcialmente ergativas.

Na verdade, há dois tipos de línguas ergativas: o clássico (descrito acima) e o ativo ou ativo-estativo. Nas línguas ergativas ativas (por exemplo, o basco, uma língua isolada não indo-européia falada nos Pirineus), o argumento agente (S_t) de um verbo transitivo agente-paciente é marcado como o único argumento (S_i) de um verbo intransitivo ativo, que também é, semanticamente, um agente. Por outro lado, o argumento paciente (O) do verbo transitivo é marcado como o único argumento (S_i) de um verbo intransitivo estativo, sendo tratado semanticamente como um paciente. Para além do tipo clássico e do tipo ativo, o caso ergativo ocorre ainda nas línguas ditas tripartidas, isto é, nas línguas em que os argumentos NPs² são duplamente marcados por ergativo (o S_t) e por acusativo (o O), portanto, sem que a distinção entre S_i e O esteja obscurecida pelo absolutivo.

Desde o estudo pioneiro de Dixon, publicado em 1972, sobre a língua australiana dyirbal, sabemos que as línguas ergativas não formam uma classe homogênea. Na realidade, duas classes de línguas ergativas são reconhecidas na literatura, quais sejam: a) a das línguas "sintaticamente" ergativas, que exibem restrição nos processos de relativização, subordinação ou complementação, além de coordenação através da omissão de constituintes correferenciais (S_i/O), apresentando, ainda, processos de incorporação e construções antipassivas (derivação que coloca

¹ Neste artigo, usaremos os símbolos S, O e S_i nas construções ergativas, em princípio, ao invés de nos referirmos aos termos da gramática tradicional "sujeito" e "objeto direto" utilizados para ambos os sujeitos e para o objeto nas línguas acusativas.

² NP é a abreviatura do inglês *Noun Phrase* (i. é, "frase nominal") e tem o mesmo significado de "sintagma nominal". Aqui, usaremos a abreviatura em inglês.

um argumento S_i subjacente na função derivada S_i),³ já que uma das evidências de ergatividade, além da marcação diferenciada para S_i , é a ausência de construções passivas; e b) a das línguas "morfologicamente" ergativas. Nestas últimas, a ergatividade manifesta-se de duas formas: na marcação de Caso nominal e/ou nos sistemas de concordância verbal (cf. Comrie, 1978, p. 337-342; Givón, 2001, p. 208-209).⁴ Note-se que o Caso ergativo e a concordância ergativa podem existir independentemente um do outro. Por exemplo, nas línguas maias a ergatividade ocorre somente na morfologia pronominal verbal (cf. Comrie, 1978, p. 352; Givón, 2001, p. 209). Em resumo, as línguas ergativas podem unir os S_i e os O, por oposição aos S_i , em três níveis gramaticais, a saber: na marcação morfológica nominal, nos sistemas de concordância verbal e na estrutura sintática.⁵

No que concerne aos níveis morfológico e sintático, ainda não foram atestadas línguas ergativas "puras", ou seja, línguas que possam ser consideradas completamente ergativas em ambos os níveis (cf. Dixon, 1994, p. 14). Não apenas isto: nem mesmo na marcação morfológica as línguas ergativas costumam ser "puras". Neste particular, o basco parece representar a única exceção, uma vez que tem o tipo raro de ergatividade nominal e verbal sem cisão (cf. Bossong,

³ Dixon (1994, p. 17 e 150) nota uma certa "simetria" entre a ocorrência de construções passivas nas línguas sintaticamente acusativas e construções antipassivas nas línguas ergativas, admitindo, contudo, que as duas operações podem ocorrer num mesmo tipo de língua. Por sua vez, Manning (1996, p. 40) afirma que justamente a ausência de construções passivas e antipassivas em muitas línguas ergativas reforçou o argumento, principalmente de estudiosos do século XIX, que propõe a análise "ergativo como passivo" para explicar a origem da ergatividade (cf. Anderson, 1976, p. 7), já que a passiva tendo sido aplicada não se espera que se aplique novamente. Portanto, nas línguas ergativas a frase ergativa seria o resultado da passivização obrigatória dos verbos transitivos diretos. Câmara Jr. (1970, p. 188-189) exemplifica essa teoria "passivista" para a frase ergativa com a marcação casual no basco: haveria um caso nominativo (zero, \emptyset) para o sujeito, que exprime o paciente (ex.: *gizoná*, 'homem'), e um caso "obliquo" ergativo (sufixo '-k') para o agente (ex.: *gizonák*, 'pelo homem'); assim, com verbos transitivos ocorre os dois casos, correspondendo ao nosso passivo com sujeito-agente e complemento de agente, e com os intransitivos só ocorre nominativo (paciente), correspondendo igualmente a um verbo passivo.

⁴ Freqüentemente, na literatura são utilizadas as expressões "ergatividade de superfície" (ou "intra-sentencial") e "ergatividade profunda" (ou "intersentencial") em lugar de ergatividade morfológica e ergatividade sintática, respectivamente (cf. Dixon, 1994, p. 39 e 143).

⁵ Bittner e Hale (1996a), em sua abordagem sintática minimalista, procuram reduzir esta distinção tradicional entre ergatividades sintática e morfológica a uma diferença estrutural, a saber: opacidade ou transparência de VP ao governo de C.

1984, p. 341). Seja como for, é comum que línguas ergativas, como o Nez perce (língua falada no Oregon, EUA), por exemplo, apresentem cisão do tipo seguinte: a marcação nominal segue o padrão ergativo, enquanto a concordância verbal o acusativo (cf. Woolford, 1997, p. 196). Além disso, há línguas ergativas, por exemplo, as australianas, nas quais a marcação nominal dos NPs também pode ser cindida.

Finalmente, deve-se mencionar que existem estudos que investigam a base discursiva para o fenômeno da ergatividade. Neste sentido, Du Bois (1987a, b) identificou que o fluxo da informação no discurso pode ser um fator de união para a categoria absoluta nas línguas ergativas. Acredita-se, assim, que pode haver tendência para introduzir freqüentemente um novo participante no discurso por um argumento desempenhando o papel de S_i ou de O. Por conseguinte, haveria uma motivação no fluxo do discurso para unificar a categoria absoluta não-marcada (S_i/O) (ver comentários em Dixon, 1994, p.207-213). Neste estudo, entretanto, restringimo-nos ao tratamento da ergatividade como categoria gramatical.

Na discussão que segue, apresentamos, de modo sintético, os pontos essenciais sobre os diferentes subtipos de ergatividade segundo a literatura funcional. Para tanto, em primeiro lugar, examinamos a ergatividade morfológica na marcação de caso nominal e na concordância verbal; em segundo lugar, apresentamos uma breve apreciação dos principais tipos de cisão exibidos pelas línguas ergativas; e, por último, tratamos da ergatividade sintática.

Ergatividade morfológica: marcação casual

O termo *ergativo* foi usado na literatura primeiramente para descrever a marcação de caso nominal. Por certo, a primeira discussão sobre a construção ergativa foi realizada por Fabricius, em 1801, que se valeu da expressão *nominativus transitivus* (atualmente denominado de "caso ergativo") para designar a marcação morfológica especial do sujeito transitivo

no esquimó da Groelândia (cf. Dixon, 1994, p. 5). Com efeito, segundo Butt e Deo (2004, p. 1), um tipo de marcador de caso especial para o sujeito também havia sido notado no basco por Pott, em 1873, sendo referido então como "nominativo agentivo" por oposição ao "nominativo neutro" (atualmente chamado de "absolutivo"). Efetivamente, o primeiro autor a usar o termo "ergativo" foi Adolf Dirr, que cunhou a expressão a partir da palavra grega *ergon* (plural, *erga*) ('tarefa, trabalho, ação') e a utilizou numa análise descritiva da língua rutul (da família caucasiana) publicada em russo em 1912 (cf. Dixon, 1994, p. 3).

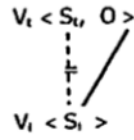
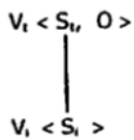
Já vimos como a marcação morfológica nominal do tipo ergativo clássico ocorre numa sentença transitiva em que o agente (S_t) recebe marca morfológica especial ('-p' em esquimó, por exemplo), enquanto o objeto é não-marcado, ocorrendo como tema puro ou zero (\emptyset) em identidade de forma com o S_i .⁶ Pode-se dizer, portanto, que o Caso ergativo é um "Caso subjetivo". Por outro lado, um padrão gramatical exibe acusatividade morfológica ao identificar S_i e S_t , ambos marcados pelo "Caso nominativo" (em geral, zero), por oposição ao O, que é marcado pelo "Caso acusativo". Sendo assim, o Caso acusativo é um "caso objetivo".

Podemos ilustrar, agora, as relações ou padrões – *nominativo-acusativo* e *absolutivo-ergativo* – nos esquemas a seguir em (1) (em que a linha cheia representa as funções que são manifestas pelo mesmo expoente morfológico na língua):

⁶ Comrie (1978, 1981) e Dixon (1979, 1987, 1994) usam os seguintes termos mnemônicos ("mais neutros" do que as categorias da gramática escolar, na opinião de Du Bois, 1987b, p.807) para identificar as relações gramaticais que Dixon denomina de básicas ou "primitivas": 'A(gente)' para o sujeito transitivo; 'S(ujeito)' para o sujeito intransitivo; e 'O(bjeto)' para o objeto transitivo (objeto direto) (Comrie usa 'P(aciente)' para este constituinte). Desse modo, o sujeito intransitivo recebe seu símbolo privativo.

(1)

(a) Padrão nominativo-acusativo (b) Padrão absolutivo-ergativo



Nos estudos sobre ergatividade, convencionou-se denominar o sistema de Caso que adota as relações expressas no esquema em (1b) como do tipo "absolutivo-ergativo". Podemos examinar, agora, as relações **absolutivo-ergativas** ilustradas acima em (1b) nas sentenças em (2) abaixo, com exemplos provenientes da literatura sobre o esquimó:

(2) Groelandês ocidental (esquimó) (Manning, 1996, p.3)

a)

-- S_t -- -- O -- -- V_t --
Oli-p *neqi-Ø* *neri-vaa*
Oli (ERG) carne (ABS) come-IND-3sg.
"Oli come carne"

b)

-- S_i -- -- V_i --
Oli-Ø *sinippoq*
Oli (ABS) dorme-IND-3sg.
"Oli dorme"

No groelandês ocidental, uma língua de morfologia polissintética e que exhibe oito Casos gramaticais (cf. Manning, 1996, p.80; Gugeler, 2005, p. 13), o Caso ergativo é marcado pelos sufixos: '-(u)p' e '-(i)t', para o singular e para o plural, respectivamente, ao passo que o absolutivo é não-marcado por zero (Ø) (cf. Manning, 1996, p. 80). Na literatura sobre o

esquimó, há pouca consistência no uso dos nomes de Caso. Por isso, encontra-se também a denominação alternativa de "relativo" para a marcação do sujeito transitivo (ergativo) e de possessores (cf. Manning, 1996). Isto é, os mesmos sufixos casuais que marcam "ergativo" são usados em esquimó para marcar "possessores", expressando, portanto, a relação que a gramática latina denomina como "caso genitivo".⁷

Como se vê na sentença transitiva em (2a) acima, o S_t recebe caso ergativo (sufixo '-p') e o O recebe o absoluto, cuja "marca" é a ausência de um sufixo casual, ou melhor, é um Caso "não-marcado"; já na sentença intransitiva (sem O) (2b), o S_i recebe Caso absoluto. Dessa maneira, constatamos as relações ilustradas anteriormente no esquema em (1b): S_i tratado da mesma forma que O (absolutivo, não-marcado) e diferentemente de S_t (ergativo, marcado por '-p'). Isto é possível porque o vínculo absoluto abraça os NPs S_i e O como se constituíssem "uma categoria unitária a despeito da transitividade do verbo" (cf. Anderson, 1992, p. 351).⁸

Neste ponto, cabe observar que, apesar das similaridades notadas entre ergatividade e agentividade (alta transitividade dos agentes nas orações transitivas) (ver, por exemplo, Hopper; Thompson, 1980, p. 270; Givón, 2001, p. 211), Comrie (1978, p. 356-357) desqualifica a identificação entre ergatividade e agentividade, visto que, entre outras razões, em muitas línguas, como veremos adiante, não é necessário que os sujeitos NPs sejam agentes para receber marca ergativa. Além do mais, Comrie observa que nas

⁷ O que não parece ser incomum nas línguas ergativas: em Nez perce, os genitivos são marcados pelo mesmo sufixo do ergativo ('-nim/-nm') (cf. Rude, 1991, p. 25). Note-se, além disso, que na análise de Johns (1992) "ergativo" é um outro nome para "genitivo".

⁸ O termo *absolutivo* foi empregado pela primeira vez na literatura sobre o esquimó (cf. Thalbitzer, 1911 apud Manning, 1996, p. 3-4). Em algumas análises, contudo, *nominativo* é usado para o caso de S_i e O num sistema ergativo (no lugar de "absolutivo") já que ambos os casos – o nominativo e o absoluto – usualmente são morfologicamente *não marcados* (ou zero), embora se reconheça que isto pode causar alguma confusão com o sentido tradicional de nominativo como termo usado para o caso de S_i e S_o , por oposição ao caso "acusativo", usado para o O de V_i (cf. Dixon, 1987, p. 2, 1994, p. 11; Manning, 1996, p. 3-4). Nas línguas absolutivo-ergativas, "absolutivo" é sempre o caso não-marcado (parece não haver exceções). Assim, se um caso nominal numa língua ergativa tem realização zero, recebe o nome de "absolutivo" (cf. Dixon, 1987, p. 3).

línguas cindidas por tempo/aspecto um mesmo NP com "alta transitividade" é marcado por caso ergativo numa construção e por um caso não-ergativo em outra sem que se leve em conta a agentividade do sujeito. Por outro lado, Givón (2001, p. 211) afirma que a marcação ergativa manifesta-se somente nas sentenças transitivas, o que faz com que o sistema absolutivo-ergativo, na visão do autor, constitua-se numa marcação casual "orientada para a transitividade". Desse modo, para Givón, a marcação de determinados S_i com caso ergativo (nas chamadas línguas ativas, como assumimos aqui), enquadra-se, na verdade, em outro sistema casual – o ativo-estativo, por codificar o papel casual semântico do sujeito.

Evidentemente, como já dissemos, a marcação absolutivo-ergativa contrasta com a marcação das relações nominativo-acusativas que identificam ou agrupam S_i e S_t por oposição ao O, conforme esquematizado em (1a) acima, que ilustramos com exemplos provenientes do latim em (3) a seguir.

(3) Latim

a)

-- S_i -- -- V_t --
Puer-Ø venit
 menino (NOM) vem-3sg.-PRES
 "O menino vem"

b)

-- S_i -- -- O -- -- V_t --
Puer-Ø puella-m amat
 menino (NOM) menina (AC) ama-3sg.-PRES
 "O menino ama a menina"

Em latim, o Caso acusativo é marcado pelo sufixo '-m' e '-s', no singular e no plural, respectivamente, nos nomes da

1ª. declinação (com tema em '-a') (cf. Rónai, 1962, p. 691). Assim temos, em (3a) acima, o S_i que recebe o Caso nominativo ('-Ø', não-marcado) de modo idêntico ao S_t em (3b), enquanto o O de V_t em (3b) recebe, diferentemente, o Caso acusativo (marcado pelo sufixo '-m').

Portanto, os dois sistemas mais correntes de marcação de Caso ou agrupamento de relações casuais encontrados nas línguas do mundo são o nominativo-acusativo (o padrão mais comum) e o absolutivo-ergativo (cf. Dixon, 1994, p. 40). Deve-se notar, enfim, que há um ponto em comum em ambos os sistemas que é o seguinte: ergativo e acusativo marcam (diferenciam) formalmente sujeitos e objetos nas orações transitivas.

Mais adiante veremos, paralelamente, a definição dos dois tipos de línguas ergativas, o clássico e o ativo, para poder explicitar o funcionamento da marcação ativa. À guisa de transição, consideremos agora a diversidade existente na marcação casual das línguas do mundo. Para Comrie (1978, p. 331-334; 1981, p. 118-119) são cinco⁹ os tipos logicamente possíveis de marcação que os três constituintes básicos S_i , S_t e O^{10} podem assumir, quais sejam: a) nominativo-acusativo, b) absolutivo-ergativo¹¹ (discutidos anteriormente), c) "neutro" (no qual as três relações S_i , S_t e O apresentam idêntica marca morfológica, possivelmente Ø), e,

⁹ Dixon (1994, p. 39) admite três possibilidades que chama de básicas: os sistemas ergativo, acusativo e o "extremamente raro" tripartido.

¹⁰ São quatro os principais recursos ou possibilidades utilizados para a marcação casual dos NPs: a) flexões de caso, isto é, morfemas "presos" (prefixos ou sufixos) aos NPs que especificam; b) partículas: morfemas "livres" ou "separados" que precedem (preposições) ou seguem (posposições) o NP que especificam ou com o qual combinam; c) concordância verbal: correspondência entre formas gramaticais; d) ordem das palavras: ordem de constituintes ou padrão oracional na sentença que pode ser *fixa* (isto é, "rígida"), quando a língua depende da ordem para exprimir relações gramaticais no interior das orações ou *flexível* (isto é, "livre"), quando as relações gramaticais são assinaladas por flexões e a ordem das palavras é muito livre. Atente-se para o fato que a marcação ergativa pode vir expressa por qualquer um dos mecanismos citados (cf. Dixon, 1987, p. 3).

¹¹ Comrie (1978) denomina este sistema de "ergativo-absoluto" (*ergative-absolute*, em inglês). Neste artigo, preferimos adotar a denominação mais corrente "absolutivo-ergativo" (cf. Dixon, 1979, 1994). Além disso, segundo Dixon (1987, p. 11), como sempre se emprega "nominativo-acusativo" (não acusativo-nominativo), deve-se dizer "absolutivo-ergativo", e não ergativo-absolutivo.

os sistemas, mais raros, d) tripartido¹² (em que S_v , S_i e O exibem marcas morfológicas diferenciadas) e, finalmente, o sistema que distingue S_i de S_v/O denominado pelo autor simplesmente como tipo (e).¹³

Segundo Haspelmath (2005, p. 1),¹⁴ os sistemas de marcação mais comumente encontrados são o acusativo, o ergativo e o neutro, sendo que o tripartido e o horizontal (tipo "(e)", para Comrie (1978) são "extremamente raros". Agora, devemos observar que a extrema raridade dos sistemas tripartido e horizontal parece sustentar a hipótese de diversos autores (ver Anderson, 1976, p. 19; Comrie, 1978, p. 380-1; Payne, 1980, p. 149) segundo a qual uma das principais funções do sistema de marcação casual é a de diferenciar sujeitos de objetos nas orações transitivas. Ademais, o sistema tripartido¹⁵ pode ser considerado tipologicamente (talvez também diacronicamente) como uma intersecção dos sistemas acusativo e ergativo (cf. Comrie, 1978, p. 334).

Finalmente, é importante reconhecer que o padrão nominativo-acusativo pode assumir pelo menos quatro tipos de marcação morfológica (cf. Givón, 1984, p. 148-149), a saber: a) ambos os sujeitos (S_i e S_v) e o objeto morfológicamente *não-marcados*, utilizando-se, para diferenciá-los, de uma ordem de palavra rígida (p. ex. no inglês); b) ambos o sujeito (seja S_i , seja S_v) e o objeto morfológicamente *marcados* (p. ex. no coreano; c) *sujeito* (S_i e S_v) *não-marcado* e *objeto marcado* (p. ex. no hebraico moderno); e d) *sujeito* (S_i e S_v) *marcado* e *objeto não-marcado* (por exemplo no mojavé, língua da família Yuman).

¹² Na literatura em inglês, este sistema é referido como *tripartite* ou *three-way* (ou *3-way*) (cf. Dixon, 1994, p. 39).

¹³ Payne (1980, p. 147-149) designa este sistema como "obliquo-duplo" (*double-oblique*, em inglês). Já Haspelmath (2005, p. 1) designa este caso como "horizontal". Enfim, segundo Comrie (1978, p. 334), este sistema "(e)" ainda não foi atestado nas línguas do mundo.

¹⁴ Como já vimos, Dixon (1994, p. 40) também considera o tripartido "extremamente raro", contudo admite não haver exemplos conhecidos do sistema tripartido (cf. Dixon, 1994, p. 42). Já Comrie (1978, p. 333) considera o sistema tripartido como "relativamente raro", ressaltando que algumas línguas têm esse sistema para um número limitado de NPs. Para Payne (1980, p. 149), o tripartido é "raro".

¹⁵ Também o sistema tripartido, nas poucas línguas em que foi observado, não é um tipo puro (cf. Comrie, 1978, p. 334).

Seja como for, segundo Dixon (1994, p. 62), as línguas que adotam o sistema nominativo-acusativo apresentam, em sua maioria, o nominativo morfologicamente não-marcado, conforme o padrão em c) acima.

No que diz respeito à definição de **ergativo**, assumimos, então, que existem dois tipos de línguas ergativas:¹⁶

- o **ergativo clássico** que limita o caso ergativo aos sujeitos (S_i) de orações transitivas, enquanto os sujeitos das orações intransitivas (S_i) e o objeto (O) recebem uniformemente marcação absoluta (não-marcado, Ø), assim o ergativo é o membro marcado na oposição; e
- o **ergativo ativo** (ou *ativo-estativo*) que inclui na marcação ergativa, além dos S_v, os S_i considerados "mais agentivos" ou com "força agentiva". Esta marcação "diferenciada" (ergativa) para os S_i "ativos" obedece, em geral, à identidade lexical dos V_i.¹⁷

Por conseguinte, a marcação ergativa ativa ocorre nas línguas em que os verbos intransitivos não constituem uma classe homogênea na forma que havia sido estabelecida pela gramática tradicional de base greco-latina, mas estão divididos em duas classes,¹⁸ a saber: ativos e estativos. Na literatura, a divisão dos verbos intransitivos em dois grupos é conhecida como cisão na intransitividade ou intransitividade

¹⁶ Esta é a posição defendida, entre outros autores, por Bittner & Hale (1996a) e Woolford (2000).

¹⁷ A distinção ativo-estativo em basco reflete-se tanto na marcação de caso nominal como na concordância verbal (cf. também Ezeizabarrena; Larrañaga, 1996).

¹⁸ Perlmutter e Postal (1984, p. 98) listam as duas classes de verbos intransitivos que denominam de "não-ergativo" (que corresponde à noção tradicional de "ativo" ou "de atividade") (unergative, em inglês) e de "inacusativo" (unaccusative, em inglês) que corresponde aos intransitivos "inativos" (cf. também Burzio, 1986 e Van Valin, 1990). Esta distinção foi formulada como a hipótese sintática da Não-Acusatividade por Perlmutter em 1978 (cf. Levin; Hovav, 1995, p. 2-3).

cindida,¹⁹ que pode ser relacionada à marcação casual das línguas ergativas ativas na divisão que segue:

- o **S_i de V_i ativo** (por exemplo, 'falar', 'correr', 'chorar', 'dançar', 'pular' ou 'nadar') recebe a marca especial de ergativo, sendo agrupado com os S_t, ou seja, o S_i "ativo" é tratado semanticamente como "agente";²⁰
- o **S_i de V_i estativo** (isto é, não-ativo ou "neutro" na classificação de Boas e Deloria, 1941, (por exemplo, 'ser', 'parecer', 'morrer', 'dormir' ou 'cair') é não-marcado casualmente (absolutivo, Ø), sendo agrupado com os O,²¹ ou seja, o S_i "estativo" (ou pouco dinâmico) é tratado semanticamente como "paciente".

Até aqui, vimos que, em adição aos dois padrões de marcação casual mais comumente encontrados – o nominativo-acusativo e o absolutivo-ergativo, existe um terceiro tipo que é o ativo-estativo ou simplesmente ativo (Givón, 2001). Em algumas línguas ativas, os S_i são tratados como se pertencessem a dois grupos de intransitivos: os ativos e os estativos. Sendo assim, o agrupamento dá-se pela identidade lexical do S_i.

¹⁹ Na classificação que Dixon (1994, p. 70-83) divisa para os verbos intransitivos temos: a) uma classe "fixa" de V_i, em que os S_i estão divididos em dois conjuntos, segundo uma base semântica firme (prototípica) (em geral, há exceções), ou seja, ou são marcados como S_t ou como O; e b) o de S_i-fluido: no qual os V_i têm a potencialidade de assumir os dois tipos de marcação, refletindo a função semântica no contexto particular de uso, sendo que os S_i são agrupados ora com S_t ora com O.

²⁰ Por exemplo, em kashmiri (família Indo-ariana) (cf. Sharma, 2000, p. 243), a marcação ergativa restringe-se aos sujeitos de verbos transitivos e de intransitivos "volicionais" também denominados de intransitivos "excepcionais".

²¹ Esta distinção entre verbo "estativo" e "ativo" é encontrada em Boas e Deloria (1940, p. 1, apud Perlmutter e Postal, 1984, p. 99). Boas e Deloria, na gramática do dakota (família Siouan, América do Norte), precisaram distinguir os dois grupos de verbos intransitivos, designando-os como "neutro" e "ativo", respectivamente. Os autores constataram que em dakota há dois tipos de formas pronominais contrastantes (para a primeira e para a segunda pessoa), sendo que sua distribuição obedece a um critério semântico, isto é, através da distinção entre verbos que expressam "estados" (neutros) e "ações" (ativos). Já a hipótese de inacusatividade de Perlmutter associa esses verbos com configurações sintáticas diferentes, afirmando que enquanto verbos não-ergativos têm sujeitos não-derivados, os sujeitos de superfície de verbos inacusativos se originam como objetos diretos, a saber Burzio (1986) representa sintaticamente esta diferença em configurações de estrutura-P: Verbos não-ergativos: [_S NP [VP]]; Verbos inacusativos [_S [VP NP]].

Segundo Hook e Modi (2001, p. 1), é possível que línguas ergativas ativas, como o pomo (língua falada no Norte da Califórnia, EUA) e o gujarati (da família Indo-ariana), por exemplo, exibam marcação ergativa ou agentiva do S_i desde que o sujeito seja "percebido" pelo ouvinte como "ativamente engajado" na ação descrita. Nesta marcação, portanto, não se leva em conta a identidade lexical do predicado. Igualmente, Butt e Deo (2004, p. 1-2) explicam que em urdu/hindi o S_i de um verbo estativo como "tossir" ocorre, em geral, sem marcação morfológica (zero, Ø); entretanto, se for percebido algum grau de agentividade que possibilite interpretar a ação do S_i como realizada propositadamente, o S_i pode vir opcionalmente marcado com o sufixo ergativo '-ne', isto é, com a marca morfológica ergativa dos S_t.²² Pode-se afirmar, então, que em algumas línguas ergativas fatores semânticos (e não apenas lexicais ou sintáticos) determinam a escolha de caso do NP-sujeito. Por este motivo, essa marcação é denominada de "ergatividade fluida".

Neste ponto, saliente-se que, além de ocorrer na marcação ativa, o caso ergativo ainda é encontrado nas línguas denominadas "tripartidas". Explica Givón (2001, p. 209) que, como já vimos ocorrer na marcação ergativa ativa, a unidade morfológica do absolutivo, isto é, o agrupamento de S_i e O (ambos não-marcados), não é um traço necessário das línguas ergativas (cf. também De Lancey, 1981, p. 627). De fato, assim acontece numa língua ergativa tão interessante como é o Nez perce. Nas sentenças transitivas do Nez perce, constata-se um ordenamento duplamente marcado: o S_i é não-marcado (nominativo, zero), enquanto o O é marcado por um sufixo especial de objeto direto (acusativo, '-ne') e o S_t vem marcado pelo sufixo de ergativo ('-nm'). Assim sendo, em Nez perce convivem três padrões casuais (cf. Rude, 1986, p.124; 1991, p.24-25; Givón, 2001,

²² Butt & Deo (2004, p. 1) afirmam que todas as línguas Indo-arianas com caso ergativo podem ser classificadas no tipo ativo.

p.209), o que faz desta língua um exemplo do tipo de marcação tripartido.²³

Dixon (1994, p. 21 e 188), contudo, não aceita que se estenda o conceito de ergatividade dessa maneira. Na realidade, Dixon admite unicamente como marcação ergativa a definição clássica de S_t oposto a S_i/O . No entanto, Dixon (1994, p. 188) reconhece, afinal, que o Nez perce adota marcação diferenciada para as três relações básicas (S_i , S_t e O) sem especificar, porém, quais casos marcariam os constituintes S_i e O numa língua tripartida. Por seu turno, Bittner; Hale (1996a, p. 3) classificam o georgiano como uma língua ergativa ativa e o Nez perce como tripartida.

Finalmente, note-se que Dixon (1987, p. 4; 1994, p. 78-82) classifica como cisão na ergatividade a marcação do S_i "fluido", sendo assim ocorreria cisão condicionada pela natureza semântica do verbo intransitivo. Já De Lancey (1981, p. 629) considera um equívoco classificar este padrão ativo como "ergativo cindido", pois o que ocorre de fato é o seguinte: na ergatividade cindida é o S_t que vem não-marcado como S_i nas sentenças não-ergativas, ao passo que nas línguas do tipo ativo é a marcação casual do S_i que varia, podendo concordar com o sujeito agente (quando o evento ocorreu como resultado da ação ou inação do sujeito) ou com o paciente (quando as causas do evento foram externas ao sujeito).

Para sintetizar esta seção, vamos rever os sistemas de caso e as línguas discutidas na Tabela 1 que segue:²⁴

²³ O Nez perce é considerado como uma língua de marcação tripartida por Rude (1991, p. 24), Bittner & Hale, (1996a, p. 3) e Woolford (2000, p. 23 e 31-32).

²⁴ Esta tabela (1), elaborada com base em Bittner & Hale (1996a), representa uma "idealização", pois considera todas as línguas ergativas ou acusativas como "puras" em relação à marcação casual dos NPs, ou seja, não apresentando cisões. As abreviaturas são lidas como segue: S_i -At, sujeito intransitivo ativo; e S_i -Est, sujeito intransitivo estativo.

(1)	Sistema de caso		S _i -At	S _i -Est	S _i	O	Línguas citadas
a.	Acusativo	NOM-AC	NOM	NOM	NOM	AC	Latim
b.	Ergativo	ABS-ERG	ABS	ABS	ERG	ABS	Groelandês, Dyirbal
c.	Ergativo Ativo	ABS-ERG	ERG	ABS	ERG	ABS	Basco
d.	Tripartido	AC-ERG	NOM	NOM	ERG	AC	Nez perce

Em suma, nas línguas ergativas ativas, além do S_t, o S_i também pode receber marca ergativa (em geral, com marca morfológica idêntica à do S_t), quebrando, assim, o vínculo absolutivo (S_i/O). Pelo visto, as línguas ativas e as línguas tripartidas apresentam este ponto em comum: ambas não respeitam a unidade do absolutivo. No caso das tripartidas, a unidade é desfeita pela adoção de marca acusativa para o objeto direto.

Para concluir, ressalte-se que a maioria das línguas morfológicamente ergativas não apresenta ergatividade sintática, como veremos mais adiante, o que torna a ergatividade sintática um fenômeno muito mais raro do que a ergatividade morfológica (cf. Comrie, 1978, p. 346).²⁵ Por ser um fenômeno largamente confinado à morfologia, já que na vasta maioria das línguas a sintaxe opera em uma base nominativo-acusativa, há autores que consideram a ergatividade como um fenômeno superficial sem maiores conseqüências na organização gramatical (ver observações em Comrie, 1978 e Anderson, 1976).²⁶

²⁵ Manning (1996, p. 36-41) aceita a divisão clássica da ergatividade em duas classes de línguas, a das línguas morfológicamente ergativas e a das línguas sintaticamente ergativas, propondo, no entanto, uma classe mais ampliada de línguas sintaticamente ergativas. Para tanto, Manning adota a análise conhecida como "Inversa", ou seja, nesta análise os argumentos S_i e O são "sujeitos" e os S_t são "objetos diretos". Já para as línguas morfológicamente ergativas o autor adota a análise denominada de "Acusatividade Sintática", ou seja, no nível das relações gramaticais os argumentos S_i e S_t estão na posição de "sujeito", enquanto os O estão na posição de "objeto".

²⁶ Chomsky (1995, p. 176) sugere que a distinção entre os dois tipos de marcação, o nominativo-acusativo e o ergativo-absolutivo, pode ser reduzida a uma questão morfológica trivial. Ademais, Chomsky e também Bobaljik (1992) identificam o caso ergativo com o nominativo. Já segundo Bittner e Hale (1996a, p. 51), autores como Murasugi e Campana identificam o ergativo com o acusativo.

Ergatividade morfológica: concordância verbal

Existem línguas ergativas que além de exibirem marcação casual ergativa dos NPs também podem apresentar concordância verbal numa base absolutivo-ergativa. Nessas, a morfologia verbal trata S_i e O da mesma forma, ambos concordando com o verbo, sendo que o S_i é colocado à parte – sem concordar com o verbo. Assim sendo, nas sentenças transitivas a concordância verbal dá-se com o paciente em lugar de dar-se com o agente (cf. Comrie, 1978, p. 338; De Lancey, 1981, p. 627). No entanto, algumas línguas que exibem concordância verbal ergativa podem não adotar marcação casual explícita dos NPs (cf. Comrie, 1978, p. 339).²⁷ Por outro lado, Comrie (1978, p. 340) nota que em muitas línguas o sistema ergativo de marcação nominal pode co-ocorrer com a concordância verbal acusativa, sendo que o inverso é “raro ou inexistente”. Do mesmo modo, Anderson (1999, p. 182) observa que “aparentemente não há línguas em que a concordância seja ergativa e a marcação casual seja acusativa”.

A língua brasileira kaingáng (da família Jê) exhibe concordância verbal ergativa. O kaingáng vale-se de um sistema complexo de pluralização verbal (cf. Mullen, 1966; Wiesemann, 1972, p. 94-99; Cavalcante, 1987, p. 58-90) em que os verbos têm raízes de uma, duas ou, mais raramente, de mais de duas sílabas, sendo que a pluralização pode ser expressa por diferentes processos morfológicos, a saber: pela reduplicação da raiz verbal (com ou sem alteração vocálica), pelo processo de prefixação ou, mais irregularmente, pelo uso de raízes diferentes. No que segue, veremos que o kaingáng exhibe algum grau de ergatividade na concordância verbal de número²⁸ (cf. Nascimento, 1995, p. 68; Derbyshire, 1987, p.

²⁷ Nas línguas malas, a ergatividade revela-se primariamente na concordância pronominal verbal (cf. Comrie, 1978, p. 352).

²⁸ Em xoklêng (Jê), língua que faz parte do grupo lingüístico kaingáng (cf. Rodrigues, 1994, p. 48), a ergatividade se manifesta na marcação nominal e na concordância verbal de número (cf. Urban, 1985, p. 176-8; Derbyshire, 1987, p. 316).

316). Com efeito, nos V_i as formas verbais do kaingáng indicam singularidade ou pluralidade do sujeito, ao passo que nos V_t indicam singularidade ou pluralidade do objeto.

Nas orações intransitivas em (6a, b) abaixo, mostramos a concordância do V_i com o S_i :

(6) Kaingáng do Paraná (Jê)

a)

-- S_i -- -- V_i --
pipām wã tē tĩ
pavó (NOM) voar-SING habitual-ASP
"O pavó voa"

b)

-- S_i -- -- V_i --
krĩnkrĩr ag^o tɔg^o tēgtē
araguaí eles (ERG) voar-PL
"Os araguaís voaram"

Como se constata nas orações intransitivas em (6a,b) acima, o V_i sempre concorda em número com o S_i . No primeiro exemplo, em (6a), há concordância entre o S_i singular (*pipām*, 'pavó') e o V_i (*tē*, 'voar'), que está na forma singular. Repare-se, agora, que na oração (6b), em que o S_i é plural (*krĩnkrĩr ag*, 'araguaí-eles'), o V_i (*tēgtē*, pl.) concorda em número com o sujeito.

Vejamos, a seguir, as orações transitivas em (6c, d) nas quais se pode verificar que o V_t concorda com o O, excluindo o S_t (a linha pontilhada indica o vínculo mais íntimo estabelecido entre O e V_t):

(6) Kaingáng do Paraná (Jê)

c)

-- S_t -- -- O -- -- V_t --
rērīr wā gār ∅ kāngāg tī
sol (NOM) milho (ABS) secar-SING habitual
"O sol seca o milho"

d)

-- S_t -- -- O -- -- V_t --
fāg^o tōg^o ti ∅ ko mū
elas (ERG) ele (ABS) comer-SING progressivo
"Elas comem ele"

Note-se que na oração (6c) acima há concordância entre O e V_t, ambos no singular. Por sua vez, em (6d) acima temos uma evidência crucial da concordância ergativa, pois o O é um NP pronominal singular (*ti*, 'ele') com o qual o V_t concorda, enquanto que com o S_t pronominal plural (*fāg*, 'elas') o V_t não concorda. Em conclusão: a oração em (6d) demonstra que o NP que controla a concordância de número é realmente o objeto, e não o sujeito.

Portanto, no kaingáng do Paraná, como vimos nas orações em (6) acima, os verbos sempre concordam em número com S_t e O, mas não concordam com o S_v, o que indica que a língua determina a concordância verbal, ao menos na fala cuidadosa, numa base absolutivo-ergativa.²⁹

Para concluir, sublinhe-se que há uma correlação tipológica importante entre a ordem normal do verbo e o

²⁹ Em Bomfoco (2005), demonstramos que a concordância ergativa de número em kaingáng ocorre a despeito do aspecto da oração e da ordem de constituintes, além de não distinguir sujeitos marcados pelas posições de caso, ocorrendo independentemente da marcação casual dos NPs. Desse modo, podemos concluir que, a princípio, parece haver no kaingáng um sistema "ergativo puro" somente na concordância verbal. O mesmo vale para o xoklêng, a língua irmã do kaingáng (cf. Urban, 1985, p. 176).

objeto e a marcação ergativa, que pode ser resumida assim: a concordância verbal nas orações transitivas do kaingáng do Paraná, em (6c, d) acima, mostra que, como na oração ergativa o objeto (isto é, o paciente semântico) é não-marcado (absolutivo, Ø), há um vínculo mais íntimo entre objeto e verbo (O-V), que se expressa por meio da concordância entre ambos (talvez por isso as ordens de constituintes SOV e OVS sejam muito comuns nas línguas ergativas³⁰); já na oração acusativa, em que o objeto é marcado, o mesmo vínculo é estabelecido entre sujeito (nominativo, Ø) e verbo (S-V), o que é evidenciado pela obrigação de concordância entre ambos (por conseguinte, a ordem de constituintes básica SVO é muito comum nas línguas acusativas). Pode-se constatar, portanto, a ausência da ordem rígida SVO nas línguas sintática e morfológicamente ergativas (cf. Bittner; Hale, 1996a, p. 14).

Ergatividade cindida

Já tivemos oportunidade de assinalar que as línguas ergativas exibem marcação ergativa apenas em parte de suas construções, já que um padrão não-ergativo (isto é, acusativo ou antipassivo) emerge em certos contextos gramaticais. De fato, como já mencionamos, padrões casuais mistos são tipicamente encontrados nas línguas ergativas.

No que segue, vamos considerar três fatores condicionadores da cisão na marcação morfológica das línguas ergativas, quais sejam: a) o tempo/aspecto do verbo

³⁰ No levantamento de Derbyshire (1987, p. 322-4) sobre as características morfosintáticas das línguas amazônicas, constata-se que das 21 línguas relacionadas por apresentar alguma característica ergativa (na marcação dos NPs, na concordância verbal e com algum tipo de cisão) nove delas exibem a ordem básica de constituintes SOV, enquanto duas exibem a ordem OVS. Não há evidência ou acordo sobre a ordem básica de, pelo menos, quatro delas, sendo prováveis, segundo Derbyshire, as ordens SOV e OVS. No total, há quinze línguas, entre as 21 estudadas, que exibem as ordens básicas de constituintes mais comumente encontradas nas línguas ergativas. Já na maioria das línguas africanas em que não há concordância obrigatória entre o objeto e o verbo a ergatividade é extremamente rara, o que também é consistente com a predominância da ordem SVO nessas línguas (cf. Creissels, 2000, p. 234; Watters, 2000, p. 202). Justamente uma das poucas línguas africanas que parece exibir características ergativas, o pári, tem o raro tipo de ordem OVS (cf. Andersen, 1988, p. 289). Isso ocorre também no shilluk, uma língua nilótica (assim como o pári) em que, segundo Miller e Gilley (2001, p. 36-7), a marcação de um constituinte S_i com caso ergativo ocorre somente quando o S_i é pós-verbal (isto é, ocorre na ordem OVS).

principal; b) a natureza semântica dos NPs; e, mais raramente, c) a distinção oração principal vs. subordinada (isto é, o *status* gramatical da sentença). Note-se que freqüentemente uma mesma língua ergativa apresenta mais de um desses fatores.

Cisão de tempo/aspecto

O tipo mais comum de cisão encontrado nas línguas ergativas é determinado pelo tempo ou pelo aspecto verbal da sentença (cf. Comrie, 1978, p. 351). Em geral, a marcação ergativa, S_t-S_i/O , é encontrada no tempo passado ou no aspecto perfectivo, enquanto a marcação acusativa, $O - S_i/S_t$, nos demais. Desse modo, o caso ergativo será encontrado em sentenças que descrevem ação ou resultado definido no tempo passado ou no aspecto perfectivo (cf. Dixon, 1994, p. 99). Assim, por exemplo, em burushaski (língua isolada) somente quando o V_t está em um tempo passado o S_t NP pleno ou pronome singular recebe marca morfológica ergativa (sufixo '-e'). Na observação de Butt e Deo (2004, p. 2), essa identificação entre ergatividade e perfectividade contribuiu para a visão predominante na literatura do século XIX de que estruturas ergativas surgem de construções passivas.

Cisão segundo a animacidade dos NPs

A cisão ergativo vs. acusativo também pode ser condicionada pelo *status* lexical dos NPs S_t e O (lembramos que as línguas se valem dos casos citados justamente para distinguir S_t e O nas orações transitivas). Esta cisão na marcação nominal motivada pela natureza semântica dos NPs é comumente encontrada nas línguas australianas.

Silverstein (1976, 1986) propôs uma hierarquia de animacidade para os possíveis participantes de um evento, tendo em vista que certos tipos de nominais apresentam maior probabilidade de controlar o evento em que ocorrem. Vejamos a hierarquia de animacidade, a seguir, na Tabela 2.

Tabela 2

Pronomes 1ª. e 2ª. p.	>	Demonstrativos Pron. 3ª. p	>	Nomes próprios	>	Nomes comuns (Humanos > Animados > Inanimados)
--------------------------	---	-------------------------------	---	-------------------	---	--

Nas línguas do mundo, os participantes do lado final esquerdo da hierarquia de animacidade ocorrem com maior probabilidade no papel de "agente", enquanto os do final mais à direita no de "paciente". Por questões de economia natural, Dixon (1994, p. 85) afirma que as línguas tendem a marcar o participante de um evento que esteja desempenhando papel "incomum" e a deixar não-marcado aquele em papel comum. É por isso que Haspelmath (2005, p. 1) explica que, em termos de eficiência, entre todos os casos, o neutro seria o mais freqüente, visto que os sistemas de caso somente sinalizam explicitamente os NPs para expressar significados inesperados.

Parece claro, portanto, que quanto mais à esquerda estiver um participante na hierarquia de animacidade, é mais provável que receba marcação casual no padrão acusativo, e quanto mais à direita, é mais provável que seja marcado casualmente por ergativo (cf. Anderson, 1999, p. 183). Considere-se, por exemplo, a marcação em Dyirbal: nesta língua, os pronomes pessoais da 1ª. e 2ª. pessoas seguem o sistema nominativo-acusativo ($S_i/S_i, \emptyset; O, \text{'-na'}$), enquanto os pronomes da 3ª. pessoa e os NPs plenos seguem o sistema absolutivo-ergativo ($S_t, \text{'-ygu'}$; $S_i/O, \emptyset$) (cf. Dixon, 1994, p. 86). Assim, se um nominal na hierarquia participa do padrão ergativo, todos os referentes à sua direita também são marcados por ergativo, e se um nominal participa do padrão acusativo, todos os referentes à sua esquerda também são marcados por acusativo. Em outras palavras, quanto mais baixo um referente estiver na hierarquia de animacidade, mais certo é que seja marcado por ergativo; ao mesmo tempo, todos os nomes enquanto agentes de sentenças transitivas apresentam caso ergativo.

Por fim, note-se que na língua australiana gooniyandi, em que a marcação ergativa do S_i é opcional, os dois principais fatores que propiciam a marcação ergativa são o grau de agentividade do sujeito (opcional se o agente for animado, e obrigatório se inanimado) e a "expectativa" de o agente ser interpretado como agente (cf. McGregor, 1992, p. 275-276, p. 280).

Cisão oracional

Os estudos sobre a ergatividade sugerem que, em algumas línguas ergativas, a marcação casual dos NPs pode obedecer a um padrão de caso nas orações principais e a outro padrão nas orações subordinadas (cf. Dixon, 1994, p. 101-102). Um exemplo para este tipo de cisão é o que ocorre, segundo Comrie (1978, p. 353), em jacalteco (da família Maia), em que a marcação é absoluto-ergativa nas orações principais e nominativo-acusativa em certos tipos de orações subordinadas. Noutra língua, no tsimshian (língua isolada) as orações subordinadas apresentam um padrão ergativo, enquanto as orações principais apresentam cisão condicionada pela hierarquia nominal com marcação ergativa ou sem nenhuma marcação (cf. Dixon, 1994, p. 103). Para Urban (1985), em xokleng (Jê) as orações principais podem ser acusativas ou ergativas (há cisão condicionada pelo aspecto), enquanto as orações subordinadas são sempre ergativas na sua concordância com a oração principal. Dixon (1994, p. 103) ressalta que são conhecidos poucos casos de cisão na sentença principal/subordinada.

Ergatividade sintática

Já sabemos que nem todas as línguas morfologicamente ergativas apresentam características do que se convencionou chamar de "ergatividade sintática". Sendo assim, a ergatividade sintática não é uma consequência direta da ergatividade morfológica. Ainda assim, todas as línguas sintaticamente ergativas adotam algum tipo de marcação

morfológica ergativa. Por outro lado, é ilustrativo notar que as línguas morfologicamente acusativas nunca apresentam ergatividade sintática (cf. Comrie, 1978, p. 336).

Segundo Dixon (1987, p. 4), algumas línguas servem-se de regras para combinar sentenças simples em outras complexas, regras essas que são "sensíveis à função sintática" dos argumentos do verbo: as regras de coordenação (apagamento) e de subordinação (relativização), por exemplo, já que podem ser aplicadas segundo um padrão ergativo de modo que S_i e O sejam tratados de forma idêntica, diferentemente de S_t .

Pois bem, as línguas que apresentam sintaxe "acusativa" operam com *pivot* (sujeito gramatical) S_i/S_t , isto é, com regras gramaticais sensíveis à correferência sintática $S_i - S_t$, opondo-se ao objeto. Este parece ser o caso da regra de coordenação do inglês, como podemos ver em (5) a seguir:

(5)

$\left. \begin{array}{c} \text{--- } S_t \text{ --- } \text{--- } V_t \text{ --- } \text{--- } O \text{ ---} \\ \text{John saw Mary and } \emptyset \text{ sat down} \end{array} \right\} [S_i]$

"John viu Mary e (John/*Mary) sentou"

Dixon (1987, p. 4)

Em (5) acima, notamos como o sujeito omitido (S_i) do V_i *sat down* é compreendido como o mesmo *John* (S_t) do V_t *saw* da sentença anterior. Desse modo, o inglês permite o apagamento de um NP sujeito numa sentença quando for idêntico a um NP sujeito de uma sentença anterior, e isto vale para o caso das funções envolvidas serem S_i e S_t ; ou seja, o apagamento de sujeito na coordenação de orações é sensível a uma sintaxe de base "acusativa" ($S_i, S_t - O$).

Diferentemente disso, segundo Dixon (1987, p. 4), o dyirbal pode operar com *pivot* S_i/O , ou seja, com sintaxe de base "ergativa" ($S_i O - S_t$). Assim, sentenças não-marcadas

tornam-se complexas quando ambas são membros de um par correferencial sintaticamente absolutivo. Portanto, em dyirbal o apagamento de um NP na coordenação de duas orações pode acontecer quando, ao contrário do que ocorre no inglês, envolvem um NP comum que esteja em função de S_i numa oração e de O na outra.³¹ Consideremos em (6a) abaixo a tradução para o dyirbal da sentença inglesa em (5) acima:

(6a)

$\overbrace{\text{--O--} \quad \text{--S}_t\text{--} \quad \text{--V}_t\text{--} \quad [\text{S}_i] \quad \text{--V}_t\text{--}}^{\text{-----}}$
Marri *Jani-ŋgu* *bura-n* \emptyset *nyina-nyu*

"Jani viu Marri e (Marri/*Jani) sentou"

Dixon (1987, p. 5)

Como observamos em (6a), em dyirbal uma tradução literal correspondente a (4), segundo Dixon, somente pode significar "John viu Mary e *Mary* sentou", o que advém da equivalência ergativa do dyirbal, que adota como *pivot* S_i/O. Em dyirbal, apesar de o absolutivo (O) geralmente preceder o ergativo (S_t, marcado pelo sufixo *-ŋgu*), a ordem de constituintes pode ser livre, o que também contrasta com o inglês, no qual a função sintática é determinada pela ordem dos constituintes e mudanças na ordem alteram o significado das sentenças.

Podemos apreciar mais um exemplo da ergatividade sintática do dyirbal na sentença (6b) a seguir:

³¹ Cooreman (1988, p. 743) afirma que nas narrativas do dyirbal verifica-se uma freqüência relativamente baixa de padrões de correlação ergativo baseados no pivô S_i/O. Isto é, a possibilidade de correferência sintaticamente absolutiva não parece ser muito freqüente.

(6b)

-- O -- -- S_t -- -- V_t -- [S_i] -- V_i --
Numa yabu-Ngu bura-n ∅ banaga-n^{yu}
pai-ABS mãe-ERG ver-NÃO-FUT retornar-NÃO-FUT
"A mãe viu o pai e (o pai/*a mãe) retornou"
(Dixon, 1994, p. 12)

Em contraste ao dyirbal, o basco é uma língua com a ergatividade restrita à morfologia nominal que recorre a um padrão acusativo para expressar co-referencialidade intersentencial. Ou seja, o basco se vale de "acusatividade sintática" como sugere a sentença em (7) abaixo:

(7)

[S_t] -- O -- -- V_t -- -- V_i -- - S_i --
∅ seme-a eskolan utzi eta klasera joan zen
filho-ABS na escola deixar e à aula ir ela/e
"X deixou seu/sua filho(a) na escola e X (*o filho) foi à aula"
(Ortiz de Urbina, 1989, p. 23 *apud* Holmer, 2001, p. 2)

Como se vê, o basco é uma língua ergativa que adota o *pivot* S_i/S_t para a omissão de constituintes na coordenação entre sentenças. Em resumo, em inglês e em basco os membros do par correferencial são ambos "nominativos" (S_i/S_t), enquanto o dyirbal pode permitir que ambos sejam "absolutivos" (S_i/O).

Considerações Finais

Neste artigo, pudemos ver que o estudo da ergatividade mantém-se vivo desde que um marcador de caso especial para o sujeito transitivo foi referido pela primeira vez na literatura por Fabricius, em 1801, ao analisar uma língua do

grupo esquimó. Nesta breve apreciação, sintetizamos a literatura funcional sobre o tema, dando destaque a aspectos teóricos divergentes que se entrelaçam, a saber: a) definição do conceito de ergatividade e b) fatores motivadores de cisão na ergatividade.

Na descrição clássica de ergatividade morfológica (Comrie, 1978 e Dixon, 1979), estabeleceu-se como ergativas aquelas línguas que adotam marcação especial de S_t (ergativo) por oposição ao vínculo não-marcado entre S_i e O (absolutivo). Neste nível morfológico, há línguas que também podem apresentar a concordância verbal numa base ergativa (isto é, entre V_i/O , e não com o S_i). No entanto e como aqueles mesmos autores reconhecem, existe grande diversidade tipológica entre as línguas chamadas de ergativas. Em primeiro lugar, a marcação casual de S_t nunca se mostra "pura", ou seja, não obedece uniformemente à definição clássica, ocorrendo cindida a outros padrões casuais (por exemplo, no aspecto imperfectivo, na oração principal ou com NPs pronomes). O segundo problema que se coloca para a conceituação clássica é o seguinte: algumas línguas ergativas também marcam certos S_i com a mesma marca ergativa de S_t (por exemplo, o sufixo *-k*, no basco), quebrando, portanto, o vínculo absolutivo. Nessas línguas, denominadas por alguns autores como "ergativas ativas", os S_i de verbos intransitivos ativos são tratados como agentes semânticos, recebendo, por conseguinte, a mesma marca morfológica dos S_t (com alta transitividade, por exemplo, nas sentenças perfectivas), enquanto os S_i estativos são marcados como pacientes (por zero). De igual modo, as raras línguas tripartidas (que também nunca são puras) quebram a unidade morfológica absolutiva ao adotar marca de acusativo para o O.

No que se refere aos dois problemas apontados, vimos que Dixon (1994) não aceita que o conceito de ergativo clássico seja "estendido" para abrigar determinados S_i , preferindo considerar esta marcação como resultado de cisão

condicionada pela natureza do verbo. Acontece, porém, que a cisão na marcação ergativa, como observa De Lancey (1987), ocorre quando o S_i vem marcado por padrão não-ergativo – e não quando o S_i vem marcado por ergativo. Por outro lado, podemos ver que pela classificação de Givón (2001) o S_i marcado pertence ao sistema casual ativo-estativo. Isto porque para o autor o sistema ergativo-absolutivo é “orientado para a transitividade”; logo, neste sistema, um S_i não poderia receber marca ergativa. Já no caso das tripartidas Givón as mantêm no sistema ergativo, aceitando a quebra do vínculo absolutivo. Para dar conta dessa marcação dentro do seu esquema, contudo, o autor diz que o O vem marcado por “objeto direto” (“DO”, *direct object*, em inglês), e não por acusativo. Por sua vez, Dixon (1994) não adota o conceito de sistema tripartido, apesar de reconhecer a complexidade da marcação casual no Nez perce.

Por tudo isso, seguimos, aqui, um conceito mais flexível de ergatividade baseado na presença de marca morfológica especial de caso para S_i/S_o e pela concordância entre V_i/O , que possibilitou reconhecer a ocorrência de ergatividade em três tipos de línguas, assim denominadas na literatura especializada: ergativas (do tipo clássico), ergativas ativas (ou simplesmente ativas) e tripartidas. Desse modo, evitou-se adotar princípios exclusivamente semânticos ou gramaticais (transitividade) na classificação das línguas ergativas.

Além da ergatividade morfológica, há línguas consideradas sintaticamente ergativas, sendo que, entre essas, o dyirbal é o exemplo mais conhecido. Especialmente, exibem processos de coordenação entre orações através da omissão de constituintes correferenciais a partir do *pivot* S_i/O .

Apesar do longo caminho percorrido pela literatura ergativa, muita pesquisa ainda é necessária no nível de descrição tipológica para que se possa estabelecer um quadro mais completo deste sistema. Justamente, a dificuldade está em que, por serem faladas em nações pobres ou em desenvolvimento, nas quais a pesquisa lingüística não é

prioridade, a maior parte das línguas ergativas ainda não foi descritas, sendo que outras estão apenas parcialmente descritas (ver Urban, 1985, p. 1 e Derbyshire, 1987).

Referências

- ANDERSON, S. R. On the notion of subject in ergative languages. In: LI, C. (Ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976. p 1-23.
- ANDERSON, S. R. Inflectional morphology. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 150-201, v. III.
- ANDERSON, S. R. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BITTNER, M.; HALE, K. The structural determination of case and agreement. *Linguistic Inquiry*, v. 27, n. 1, p. 1-68, 1996a.
- BITTNER, M.; HALE, K. Ergativity: toward a theory of a heterogeneous class. *Linguistic Inquiry*, v. 27, n. 4, p. 531-604, 1996b.
- BOMFOCO, M. A. *Ergatividade em Kaingáng: um estudo descritivo funcional*. Tese (Doutorado em lingüística). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BOMFOCO, M. A. What is ergativity?. Disponível em: <<http://www.ezinearticles.com/?What-is-Ergativity?&id=249623>>. Acesso em: 28 jul. 2006.
- BOSSONG, G. Ergativity in Basque. *Linguistics*, n. 22, p. 341-392, 1984.
- BUTT, M.; DEO, A. Ergativity in Indo-Aryan. 2004. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~adeo/ia-erg.html>>. Acesso em: 26 jul. 2004.
- CÂMARA JR., J. M. *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- CAVALCANTE, M. P. *Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Tese (Doutorado em ciências). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1987.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- COMRIE, B. Ergativity. In: LEHMANN, W. P. (Ed.). *Syntactic typology: studies in the phenomenology of language*. Austin/London: University of Texas Press, 1978. p. 329-394.

- COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Blackwell, 1981.
- COOREMAN, A. Ergativity in Dyrbal discourse. *Linguistics*, n. 26, p. 717-746, 1988.
- CREISSELS, D. Typology. In: HEINE, B.; NURSE, D. (Ed.). *African languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 231-258.
- DE LANCEY, S. An interpretation of split ergativity and related patterns. *Language*, Baltimore, v. 57, n. 3, p. 626-657, 1981.
- DERBYSHIRE, D. C. Morphosyntactic areal characteristics of Amazonian languages. *IJAL*, v. 53, n. 3, p. 311-326, 1987.
- DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, Baltimore, v. 55, n. 1, p. 59-138, 1979.
- DIXON, R. M. W. Studies in ergativity. *Lingua*, n. 71, p. 1-16, 1987.
- DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- DU BOIS, J. W. Absolutive zero: paradigm adaptivity in Sacapultec Maya. *Lingua*, n. 71, p. 203-222, 1987a.
- DU BOIS, J. W. The discourse basis of ergativity. *Language*, Baltimore, v. 63, n. 4, p. 805-855, 1987b.
- EZEIZABARRENA, M. J.; LARRAÑAGA, M. P. Ergativity in Basque: a problem for language acquisition? *Linguistics*, v. 34, p. 955-991, 1996.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (Ed.). *Universals of linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 1-88.
- GIVÓN, T. Syntax. a functional-typological introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984. v. I.
- GIVÓN, T. Syntax. an introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. I.
- GUGELER, T. Ergativität in Inuktitut. Disponível em: <<http://www.fb10.uni-bremen.de/laas/workshop/ergativ/gugeler/pdf>> Acesso em: 24 out. 2005.
- HASPELMATH, M. Universals of differential case marking. Disponível em: <<http://www.eva.mpg.de/~haspelmt/2.DiffCaseMarking.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2005.
- HOOK, P.; MODI, B. Fluid ergativity in Gujarati. Disponível em: <<http://www-personal.umich.edu/~pehook/gujflerg.html>>. Acesso em: 11 out. 2001.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, Baltimore, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.
- JOHNS, A. Deriving ergativity. *Linguistic Inquiry*, n. 23, p. 57-87, 1992.
- LEVIN, B. *On the nature of ergativity*. Tese (Doutoradoem lingüística). Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Cambridge/EUA, 1983.

- LEVIN, B.; HOVAV, M. R. *Unaccusativity*. At the syntax-lexical semantics interface. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- MANNING, C. D. *Ergativity: argument structure and grammatical relations*. Stanford: CSLI, 1996.
- MULLEN, P. Verb pluralization in Kaingáng. *Arquivo Lingüístico*, Brasília, n. 159, Summer Institute of Linguistics, 1966.
- NASCIMENTO, S. H. L. do. *Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua Kaingáng*. Dissertação (Mestrado em lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- PAYNE, J. R. The decay of ergativity in Pamir languages. *Lingua*, n. 51, p. 147-186, 1980.
- PERLMUTTER, D. M.; POSTAL, P. M. The 1-advancement exclusiveness law. In: PERLMUTTER, D. M.; ROSEN, C. G. (Ed.). *Studies in relational grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1984. p. 81-125. v. II.
- RODRIGUES, A. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- RÓNAI, P. *Dicionário gramatical latino*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1962.
- RUDE, N. Topicality, transitivity, and the direct object in Nez perce. *IJAL*, v. 52, n. 2, p. 124-153, 1986.
- RUDE, N. On the origin of the Nez perce ergative NP suffix. *IJAL*, v. 57, n. 1, p. 24-50, 1991.
- SHARMA, D. Kashmiri case clitics and person hierarchy effects. In: SELLS, P. (Ed.). *Formal and empirical issues in Optimality Theoretic Syntax*. Stanford: CSLI, 2001. p. 225-256.
- SILVERSTEIN, M. Hierarchy of features and ergativity. In: MUYSKEN, P.; VAN RIEMSDIJK, H. (Ed.). *Features and projections*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 163-232.
- URBAN, G. Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê). *International Journal of American Linguistics*, v. 51, n. 2, p. 164-187, 1985.
- WIESEMANN, U. *Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache*. Paris/Mouton: The Hague, 1972.
- WIESEMANN, U. The pronoun systems of some Je and Macro-Je languages. In: WIESEMANN, U. (Ed.). *Pronominal systems*. Tübingen: Gunter Narr, 1986. p. 359-380.
- WOOLFORD, E. Four-way case systems: ergative, nominative, objective and accusative. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 15, n. 1, p. 181-227, 1997.
- WOOLFORD, E. Case patterns. Disponível em: <<http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>> Acesso em: 22 ago. 2003.

e/ou fala vernaculamente.
vernaculização. S. f. Ato ou efeito de vernaculizar.

vernaculizar. V. t. d. Tomar vernáculo.

vernáculo. [Do lat. *vernaculu*, 'de escravo nascido na casa do senhor'; 'de casa, doméstico'; 'próprio do país, nacional'.] Adj. 1. Próprio da região em que está; nacional: "Nada mais pitoresco, nada mais vernaculo, nada mais genuinamente e mais encantadoramente português do que essas simples e modestas navegações d'água doce!" (Ramalho Ortigão, *A Holanda*, p. 83); "E à noite o primeiro gródio da serra, com os pitéus vernáculos do velho Portugal!" (Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, p. 198); a língua vernacula. 2. Fig. Diz-se da linguagem genuína, correta, pura, isenta de estrangeirismos; castiço. 3. Diz-se de quem atenta para a correção e a pureza no falar e escrever; castiço.

• S. m. 4. O idioma próprio de um país.
vernal. [Do lat. *vernale*.] Adj. 2 g. 1. Da, ou relativo à primavera; primaveril: "Transbordaram, no inverno, os cântaros dos montes; / Ao influxo vernal, fervem agora as fontes." (Bulhão Pato, *Livro do Monte*, p. 59.) 2. Diz-se dos vegetais que rebentam na primavera. [Sin. ger.: verno.] — V. ponto —

vernalidade. S. f. Qualidade de vernal.
vernalização. [De *vernalizar* + *-ção*.] S. f. Fisiol. Veg. Tratamento, por agentes físicos ou químicos, usado nos países frios, de uma semente, para que se encurte o período vegetativo. [Assim o trigo, p. ex., semeado na primavera após a vernalização, chega a produzir ao mesmo tempo que o trigo semeado no outono. Sin.: jarovização.]

vernalizar. [De *vernal* + *-izar*.] V. t. d. Realizar a vernalização de.

[Do lat. *vernante*.] Adj. 2 g. Que desabrocha na primavera.
vernes. [Var. de *berne*.] S. m. pl. Veter. Inchação entre tecido subjacente.

Faculdade de Letras
U F M G